REVISTA DA SEMANA

18 de Abril de 1953 — Cr$ 4,00 em todo o Brasil

MODELOS PARA NOIVAS

GREVES E AGITAÇÕES EM SÃO PAULO

COMIDA DE BICHO!



MAIS LIVROS

POR MENOS DINHEIRO

LIVROS DE BÔLSO

VENDAS: RIO: AV. RIO BRANCO, 25 - RUA DO OUVIDOR, 150 - E - RUA MÉXICO, 128
SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403.

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL, ENVIANDO O TALÃO ABAIXO. REMETA-O SOMENTE PARA O RIO.

- Vigor Sexual — Nº 6 — 20,00
- Como evitar a solidão amorosa / Como conquistar e arrumar namorada — Nº 18 — 15,00
- Técnica e Prática Sexual — Nº 2 — 20,00
- Estudos sôbre o Amor e o Sexo — Nº 91 — 15,00
- A Conquista Amorosa pela aplicação da psicologia sexual — Nº 92 — 15,00
- Vença a Timidez Sexual — 145 — 20,00
- A Felicidade Sexual no casamento — Nº 3 — 15,00
- Hábitos Sexuais do Homem — Nº 127 — 20,00
- A Educação Sexual dos Filhos — 166 - 20,00
- Enfermidades Sexuais — 160 - 20,00
- Costumes Sexuais Estranhos — Nº 4 — 15,00
- Métodos Científicos e Modernos para Limitar os Filhos — 87 - 20,00
- Estimulantes Sexuais — Nº 67 — 15,00
- Problemas Sexuais dos Solteiros — Nº 66 — 15,00
- Dicionário Moderno de Sexo e Amor — Nº 7-15,00
- Guia Íntimo da Sexualidade — Nº 5 — 15,00
- Sexo e Psicanálise — Nº 130 — 20,00
- Práticas Sexuais no Matrimônio — Nº 125 — 20,00
- Como se fazer Amar — 23 — 15,00
- Psicossexualidade — Nº 126 — 20,00
- Manual da Vida Sexual — 174 - 20,00
- Anormalidades Sexuais — Nº 95 — 20,00
- Que é você? Mais homem ou mais mulher? — 164 — 15,00
- A Arte e a Técnica do Beijo — Nº 93 — 15,00
- Para Conquistar os Homens — Nº 136 — 20,00
- O que todos os homens devem saber para conquistar as Mulheres — Nº 124 — 20,00
- Sensualidade — Nº 131 — 20,00
- Sensualidade — 132 — 20,00
- Sensualidade vol. III — 133 — 20,00
- O Banho, Emile Zola / O Beijo — 65 — 15,00
- A Carne, Julio Ribeiro — Nº 140 — 25,00
- Naná, Emile Zola — 180 - 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. I — 80 - 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. II — 144 - 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. III — 189 - 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. IV — 196 - 15,00
- Erros de Português e suas Correções — Nº 26 — 15,00
- A Ortografia Correta — 168 15,00
- Fala e Escreve Corretamente a tua Língua — Nº 27 — 15,00
- Tira-Dúvidas de Português — 69 - 15,00
- 500 Testes de Português — 219 - 15,00
- Aprenda a Fazer Versos — 171 — 15,00
- Formulário de Correspondência Social e Familiar — 162 - 15,00
- Modelos Cartas Comerciais — Nº 143 — 15,00
- Cartas de Amor — Nº 20 — 15,00
- Correspondência Amorosa — Nº 21 — 15,00
- Modelos de Cartas para todos os fins — Nº 90 — 15,00
- Modelos de Cartas Sentimentais — 183 - 15,00
- Aprenda a Dirigir Sozinho — 141 — 15,00
- Manual do Motorista — Nº 36 — 15,00
- Enguiços do Automóvel — 138 - 15,00
- Eletricidade do Automóvel — 61 - 15,00
- Instalações Elétricas — 38-50,00
- Rádio para Principiantes — 146 — 15,00
- Método de Datilografia — Nº 96 — 15,00
- Formulário de Matemática — Nº 37 — 20,00
- O Nu através da Arte — Nº 1 — 20,00
- Pequenas Biografias de Grandes Escritores — 128 - 15,00
- A Águia de Haia, Ruy Barbosa — 28 - 15,00
- Trovas e Modinhas Populares — 154 - 15,00
- Regras Oficiais de Futebol — 190 - 15,00
- Basquetebol — 211 - 15,00
- Guia de Massagens — 187 - 15,00
- Jiu-Jitsu sem Mestre — 129 — 15,00
- Natação sem Mestre — 135 — 15,00
- Habilidades e Proezas da Juventude — Nº 137 — 15,00
- Táticas de Xadrez — Nº 123 — 15,00
- Regras Oficiais do Futebol de Mesa — 173 — 15,00
- Você Sabe Conversar? — 186 - 15,00
- Conquiste Amizades — 161 - 15,00
- Aprenda a Viver — 159 - 15,00
- Filosofia da Vida e do Prazer — 167 - 15,00
- A Cozinha Nortista — Nº 86 — 10,00
- Os Melhores Pratos da Cozinha Francesa — Nº 79 — 10,00
- A Arte de Fazer Doces — Nº 85 — 15,00
- Pratos Econômicos e Saborosos — 221 - 15,00
- Multiplicação de Plantas — 49 — 15,00
- Enxertia Prática — 50 — 15,00
- Os Mosqueteiros, Alexandre Dumas — 155-15,00
- O Casamento e suas formalidades Legais e Sociais — 213 - 15,00
- Homeopatia para Todos — 199 - 15,00
- Contos do Vigário — 185 - 15,00
- Levantamento de Pêso — 212 - 15,00
- Discursos para Todas as Ocasiões — Nº 122 — 15,00
- Fórmulas para Ganhar Dinheiro — 153 - 15,00
- Aprenda a Dançar sem Mestre — 170 — 15,00
- Assim se Emagrece Comendo — 156 — 15,00
- Regras de Etiqueta Social — 149 — 15,00
- Personalidade — 183 - 15,00
- Existencialismo — 172 - 15,00
- Elimine o seu Complexo de Inferioridade — Nº 139 — 20,00
- Desenvolva a Memória — Nº 82 — 10,00
- Aprenda a Fazer Mágicas — 158 - 15,00
- O Livro das Mágicas — Nº 68 — 10,00
- Jogos de Cartas — 51 - 15,00
- Quebra-Cabeças, Mágicas e Passatempos — Nº 22-15,00
- Test para os seus Conhecimentos — Nº 34 — 15,00
- Testes de Inteligência — Nº 78 - 10,00
- Palavras Cruzadas — 157 — 10,00
- Fatos Curiosos e Inacreditáveis — 151 — 15,00
- Anedotas — 169 - 15,00
- A Santa Cruz de Caravaca — Nº 94 — 15,00
- Enciclopédia Industrial Ocultista — Nº 10 — 15,00
- As Chaves Ocultas do Poder — Nº 11 — 15,00
- Hipnotismo Prático — Nº 15 — 15,00
- Métodos para Hipnotisar — 147 — 15,00
- Como Tirar a Sorte nas Cartas — Nº 39 — 15,00
- Como Ler as Mãos — Nº 14 — 15,00
- Como Interpretar os Sonhos — Nº 12 — 10,00
- Como Ler os Pensamentos — Nº 13 — 15,00

Editora GERTUM CARNEIRO

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 4 B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME...
RUA..
LOCALIDADE.......................................
ESTADO...



O animal fossa o fundo do rio na ânsia de encontrar um pouco d'água. O drama do bicho é tão trágico quanto o do homem. Mas ambos vencem a sêca

Comida de Bicho!

O ESFÔRÇO DO HOMEM, NO NORDESTE, PARA ALIMENTAR O GADO ★ "COIVARA" E "BEBIDA" ★ JUMENTO E BODE, OS HERÓIS ★ PALMA DE BURBANK, A SALVAÇÃO ★ ATÉ QUANDO A IMPREVIDÊNCIA DOS HOMENS PÚBLICOS?

Reportagem de EDMAR MOREL — **Fotos de ADIR VIEIRA**

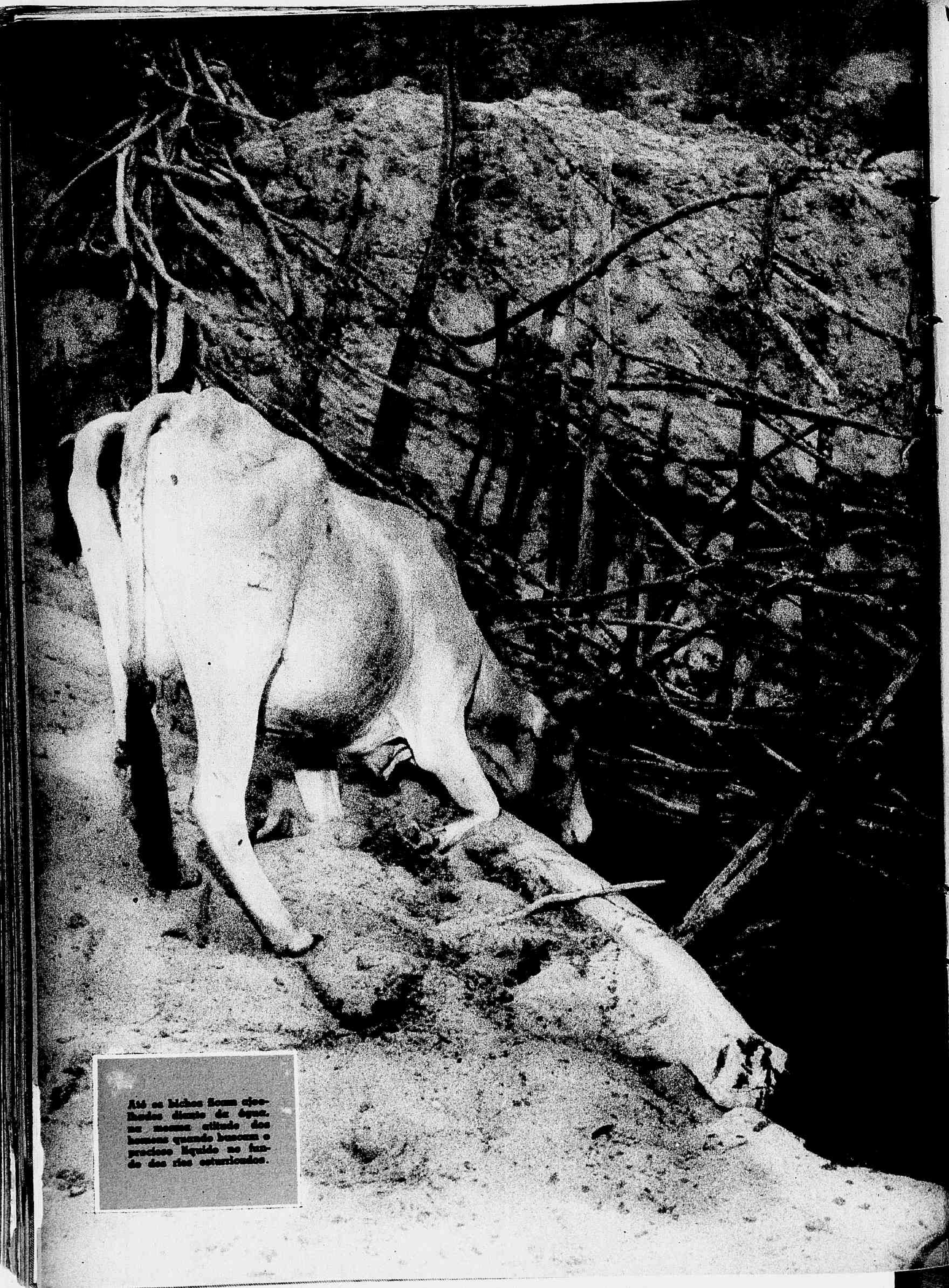
NO coração da região sêca, isto é, no Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, num total de 257.000 km2., existe um rebanho de 5.000.000 de bovinos, aproximadamente, segundo cálculos colhidos nas sociedades de criadores.

Nada menos de 66 forrageiras já foram recolhidas naqueles pastos e examinadas pelos laboratórios do Serviço Agro Industrial do D.N.O.C.S., o que vem demonstrar a extraordinária riqueza dos campos nordestinos... Por isto, certamente, a exortação ganhou forma: «Vós que viveis entregues ao cultivo da terra ou aos cuidados dos vossos rebanhos, com o vosso cotidiano labor, sois os obreiros insubstituíveis da poderosa nação brasileira".

Isto dito, em ênfase, por um candidato à Câmara Federal, às vésperas da eleição, ou impresso em papel bufont, em forma de hino patriótico, é de grande efeito...

Na verdade, na presente emergência, quando a sêca já destruiu as pastagens e torrou as gramíneas, a alimentação para aquelas 5.000.000 cabeças de gado constitui a preocupação dos fazendeiros, que na falta de outra comida, há dois meses, vêm dando xique-xique, mandacaru, macambira, facheiro, palma e outros cactos.

Na longínqua Serra Branca, no Cariri Velho, na Paraíba, a região mais atingida pelo flagelo, passa-



Até os bichos ficam ajoelhados diante da água, na mesma atitude dos homens quando buscam o precioso líquido no fundo dos rios esturricados.

COMIDA DE BICHO!

mos longos dias na «Fazenda Jatobá», onde vimos o esfôrço sobrenatural do homem para arrancar à morte o gado esquelético.

Os bois e as vacas, geralmente, não ficam perto da casa grande. Ficam no cercado distante, onde preparam a coivara, que é, em síntese, uma fogueira feita de cactus coberta de gravetos. E' a luta do homem para salvar o bicho. O vaqueiro, aboiando, atrai as rezes. A fumaça ajuda a chamar o gado faminto para perto da coivara, que arde em tôrno de plantações de xique-xique e mandacaru. O sol é forte. E o sertanejo, assobiando, chama pelo vento... As labaredas estão altas e, então, são colocadas as cactáceas que ardem ao fogo e perdem os espinhos. Mas as chamas se apagam e os animais avançam, devorando-os em minutos. Do xique-xique, comem tudo. Do mandacaru, apenas, a parte externa, pois o miolo é um lenho muito duro.

Eis uma «comida de gado».

Um detalhe despertou a nossa atenção: o bezerro não come cactus. Só de garrote para cima. E assim, milhões de cabeças de bois e vacas têm a sua alimentação à base de xerofito, em substituição aos capins mimoso, panasco, carrapicho e diversas ramas, como mororó, cujo teor de proteína é de 15,61%, contra 30,99% de fibras e 5,75% de minerais. Note-se que o espinho só é dado ao bicho como último recurso, esgotados os estoques de palma e caroço de algodão.

O BODE E O JUMENTO, OS HERÓIS

Na calamidade que assola, periòdicamente, o nordeste, o bode e o jumento são os heróis. O próprio cavalo, em casos excepcionais, come xique-xique, também alimento de gente, preferindo o facheiro, cujo preparo é igual ao do xique-xique. O facheiro domina a região semi-árida. A batata da macambira, que é assada, partida em pedaços e jogada aos bovinos, não é comida de equino.

O bode e o jumento não gostam de xique-xique, mandacaru e facheiro. O caprino tem no joàzeiro e no umbuzeiro a sua principal alimentação, enquanto o jumento, o companheiro inseparável do homem nas caminhadas em busca da vida, prefere a «Coroa de Frade», um pequeno cactus com enormes espinhos, trazendo uma crista vermelha na parte superior. O jumento come a «Coroa de Frade», revirando-a, pondo para cima a parte que assenta no chão e que não tem espinho para devorar o miolo, com a elegância de quem saboreia uma melancia, deixando, apenas, o casco oco, como se fôsse um ninho de «João de Barro». E ainda dizem que êle é burro...

Nas sêcas passadas o homem tentou utilizar a «Coroa de Frade» como alimento. Não deu certo e morreu muita gente, dizem os antigos.

Tôdas as árvores que resistem ao flagelo, em desespêro, são dadas como alimento aos bichos. Uma, todavia, tem uma história que se perde na poeira do passado. E' a arueira, cujas fôlhas cortadas por um facão e comidas pelo animal provocam morte imediata....



Macambira é comida de gente e de bicho. O seu teor de cálcio é quinze vêzes mais do que o do leite. Depois de queimada, a batata é jogada ao gado.



«Couro de arrasto», processo da Era Colonial para cavar uma «bebida». Usa-se o «couro de arrasto» por falta de um carrinho de mão. E' a pobreza do meio

Talvez a mesma lenda da mucunã, que incha, cega, ensurdece, emudece, quando não mata. Na verdade a sua farinha é das mais nutritivas e não é tóxica, segundo exame realizado por Josué de Castro, em «Geografia da Fome», livro que deveria ser uma Bíblia na cabeceira dos nossos homens públicos.

PALMA DE BURBANK, A SALVAÇÃO

O agrônomo Guimarães Duque, em seu magnífico «Solo e Água no Polígono das Sêcas», falando sôbre a palma forrageira, a qual, sem favor, na sêca, constitui a salvação para milhões de cabeças de gado, diz textualmente:

— «De 1933 a 1936 o Serviço Agri-Industrial preparou e plantou no Polígono da Bahia até o Piauí, 222 campos de palmatória, opuntia ficus, variedade índica inerme, também chamada Cactus Burbank. Mais de 2 milhões de palmas ou raquetas foram adquiridas em Pernambuco e transportadas para êstes campos cuja finalidade foi disseminar e multiplicar a palma em tôda a zona sêca. Mais tarde êstes campos foram entregues às Prefeituras e ainda hoje muitos fornecem mudas aos fazendeiros vizinhos. Trata-se de um cactus sem espinho, uma forrageira aquosa, verde, que serve de refrigério na sêca; contém 93% de água, 7% de matéria sêca, 0,6% de proteína digestível, 3,5% de não azotados, 1,2% de fibras e 1,7% de minerais e outros componentes. E' ótimo alimento para misturar com a torta de caroço de algodão para completar a ração do pasto sêco, no verão, para os bovinos, caprinos e ovinos.

Fornecendo a matéria verde, água e volume, a palma em combinação com os outros alimentos, enche o estômago dos animais, facilita a digestão e refresca a ração.

A primeira introdução da palma sem espinhos no nordeste perdeu-se na noite dos tempos. A segunda foi feita pelo S.A.I. com a importação da África do Sul de mudas das variedades Sonoma e Corfú, que foram plantadas no Pôsto Agrícola de Condado, em 1934.

O rendimento é muitíssimo variável; com toneladas, por ano, por Ha., depois de atingir o estado adulto, colhidas durante cinco anos, é um bom rendimento. Um hectare plantado de palma rende, cada ano, uma quantidade de nutrientes equivalente a 30 toneladas de silagem de gramíneas. A cultura da palma é extensiva, pouco trabalhosa, perene e adapta-se bem ao regime da criação do gado, nas caatingas. Ela, ao lado do caroço de algodão, da ponta de

(Cont. na pág. 51)

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!



Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura e muitas outras coisas úteis.

Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no Álbum Revista da Semana

ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista» bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

Condições na

REVISTA DA SEMANA

a venda em todos os jornaleiros

Redação: Rua Maranguape, 15 — Rio —

REALIZAÇÃO DA BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 16 ★ 18-4-1953

SUMÁRIO:

Comida de bicho .... 3/6 e 51/53
Greves e agitações em São Paulo 15/18
Bonito demais? 23/25
A vida é um carrossel 31/33
O judas Zé Lins 7
O mal-entendido (conto) 11/38
A Bem-Amada (romance) 12/13
Semana Literária 26
Os dragões da Independência 35

★

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
A Revista há 50 anos 10
Janela sôbre o mundo 20/21
Conta-me teus sonhos 22
Passatempo 39
O correio da Revista 40
Arabelle (folhetim) 41
Último flash 54

★

Cetim bordado 14
A saúde do bebê 18
À luz da psicanálise 22
Linda como um quadro 27
Sugestões para o lar 40
Faille e organdi suíço 43
Madrinha e acompanhantes 44/45
Complementos 46/47
Lingerie 48
Week-end na cozinha 49

★

CAPA: **Pier Angeli** (M.G.M.)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818 N. Whitley — Ave. — apto. — 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 59. Telefone: 34-15-69. Publicidade: J. Gomes Bastos. Rua Barão de Itapetininga nº 224, 6º and., Sala 60.



O Judas "Zelhins"

● ESTA VIDA tem surprêsas esquisitas. Íamos a ler, calmamente, um jornal no bonde 5 — Leme — quando, à altura da praça José de Alencar, fomos surpreendidos por gritaria e assobios de gente moça que acha ser esta vida um permanente carnaval. O bondinho se aproximou da turba ao entrar na rua Senador Vergueiro e parou mais adiante antes do cruzamento de uma outra. Olhamos para aquêle magote de gente a comemorar o sábado de Aleluia com as maiores demonstrações de contentamento. Uma festa. Festa bárbara; mas festa. Suspenso de um galho de árvore, um judas oscilava enforcado. Em derredor, espraiando-se pela rua e calçadas opostas, grande aglomeração de gente, na maioria, crianças e jovens eufóricos. Naquele mesmo instante desceram o boneco, símbolo do Iscariotes, o primeiro Quisiling da História cristã, o qual, por trinta dinheiros (coisa de trinta e poucos cruzeiros, ao câmbio da época), entregara Cristo aos ocupantes romanos. Mas o nome não era o do traidor dos apóstolos; lá estava escrito, bem no peito: Zelhins. Era o José Lins do Rêgo, o conhecido Zé Lins, torcida incondicional do Flamengo e que fôra a Lima como chefe da delegação brasileira de futebol, à conquista de mais uma glória para o Brasil: a do maior número de pontapés certeiros. Zé Lins do Rêgo fêz seu curso na Faculdade de Direito do Recife, colou grau e recebeu um diploma, e ninguém percebeu; mais tarde, fiscal de Bancos, passou anônimamente; exaltou a literatura de Olívio, e não houve nada; foi nomeado fiscal do impôsto do consumo e nem mesmo o comércio deu por isso; escreveu «Menino de Engenho» e foi aclamado como escritor sem gramática, mas de elocução deliciosa, dando-lhe direito até à Academia Brasileira de Letras; logo depois surgiram outros dois romances, completando o autor, o ciclo da cana de açúcar lá pelo nordeste. Estava Zé Lins glorificado, graças a um menino de engenho, um moleque e um doidinho. Não houve crítico que não o exaltasse.

● Vieram outros livros, inclusive um sôbre Cabo Frio, de cujo município Zé Lins é fiscal do citado consumo; mas, como se trata de praça honesta, incapaz de infração à Lei do Sêlo, o nosso fértil romancista só marcou sua passagem por ali nas páginas de «Água Mãe», que o Mário José de Almeida, filho da terra, diz não conter nada que retrate a caluniada Cabo Frio. Zé Lins fêz cinqüentão e tudo continuou em paz, desde a porta da «Zé Olímpio», à praia do Flamengo 66, quando alguém teve a infeliz idéia de convidar o beletrista para essa viagem nada maravilhosa aos Andes, novo Calvário da CBD. Zé Lins, que é antes de tudo um literato, nada entende de futebol, coisa dos iniciados, privilégio do astral, domínio de poderosos orixás que são subornados para converter coices em obras de arte e um coice de «crack» valer mais do que tôda a literatura do «ciclo da cana de açúcar», dos «Sertões», de «Casa Grande e Senzala», dos «Sermões» de Vieira, dos poemas de Castro Alves e das lições de Ruy. Zé Lins caiu na «conversa de lotação». O que foi êsse drama pouco esportivo é do conhecimento de todos, menos dos que não suportam a mercantilização degradante do futebol em nosso país, uma vez que a imprensa e o rádio só se ocupavam dos «heróis da CBD» lutando no Peru, «pela grandeza do Brasil». E se deu a catástrofe. Fomos esmagados e as maiores sujeiras vieram à tona do pântano.

● Os «heróis» se converteram em judas de Semana Santa,e, por causa dêles, também apareceu sob pauladas e entre galhofas, o pobre Lins do Rêgo. E' uma advertência a poetas e literatos que sentem o mais fervoroso apetite pelos gramados, e trocam pés de analfabetos pela cultura. Tivemos pena do Zé Lins, embora mereça umas palmadas pelos seus pecados; mas aquela turba nunca ouvira falar do escritor José Lins do Rêgo, e sim de um vago Zelhins, co-réu de lesa-pátria, «traidor» e «judas» de Semana Santa. O literato salvou-se graças à bem-aventurada ignorância do povo...

RENATO DE ALENCAR



A SEMANA em REVISTA

● O JULGAMENTO de Elvira Pagã estêve na ordem do dia. Por muitos meses ocupou as manchetes dos principais jornais do país. A irrequieta «vedette» fôra prêsa na capital bandeirante por haver provocado confusão num bar. No xadrez, fêz acusações à Polícia, deixando-se fotografar em trajes menores. E ficou trancafiada sendo processada por desacato à autoridade. Êsse processo deu origem a um outro. De fato, o juiz da 3ª Vara Criminal não admitiu que Elvira fôsse escritora, compositora e pintora, conforme declarou. Responsabilizada por falsa qualidade, a artista concatenou provas e entrou com elas nos autos. As provas foram convincentes. Por isso o juiz da 11ª Vara Criminal julgou êsse processo por falsa qualidade, absolvendo Elvira Cozzolino, mais conhecida por Elvira Pagã.

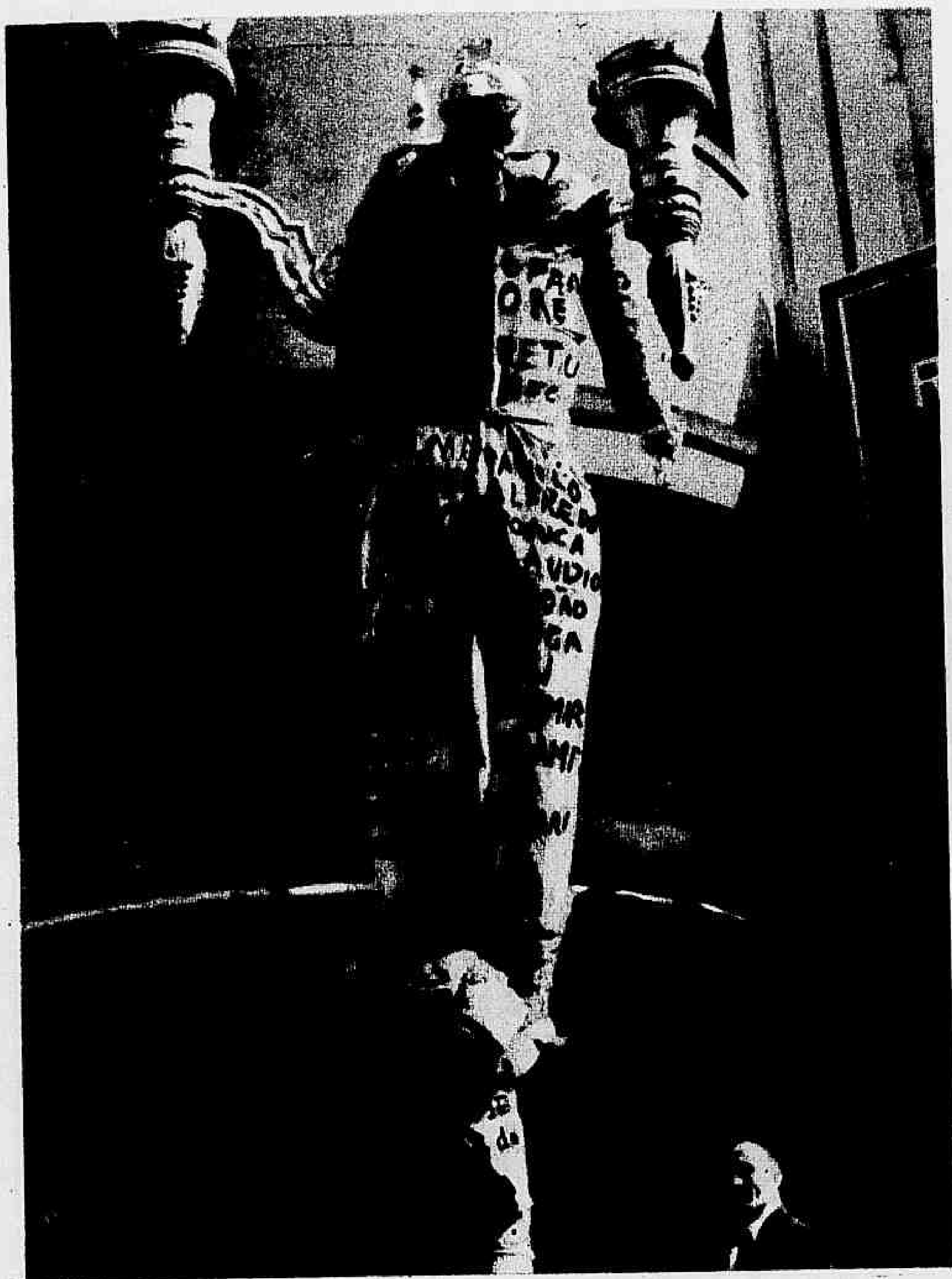
● ESTA EM LUTA a imprensa da terra do Senhor do Bonfim na defesa de uma de suas mais belas tradições: as «baianas do acarajé»... Foram as pretas intimadas pela Saúde Pública e pela fiscalização municipal a abandonar suas vestes típicas e usar, em troca, um guarda-pó branco e gorrinho da mesma côr. Essa vestimenta é igual à usada nas pastelarias. Justifica-se, pois, a campanha da imprensa ficando ao lado das negras do acarajé. **Na sua perseguição a fiscalização municipal tem lá** suas razões, mas convenhamos, não há razões que valham para que venhamos a aceitar «as baianas do acarajé» de guarda-pó branco e gorro, ao invés **da saia rodada, torço enfeitado, balangandãs e sandálias.**

HERMENGARDA DE OLIVEIRA, empregada doméstica, perseguida pelo chofer do consulado da Suécia, Porfírio Valentim Mendes da Costa, prêto, casado, 45 anos, não lhe aceitou os galanteios e, para fugir dêle, foi trabalhar longe do seu sedutor. Porfírio, porém, jurou vingar-se. Convidando-a a ir a sua casa, a fim de apresentá-la à espôsa caiu a mineirinha no alçapão. Ali, subjugada, além de estuprada, foi surrada pelo perverso indivíduo, ajudado por sua mulher Laura e duas filhas. Desfalecendo, ao voltar a si viu Hermengarda, que estava com dois ferimentos nas faces, sôbre os quais os seus algozes derramaram ácido fênico e pimenta moída! A polícia conseguiu prender os bárbaros, exceção de Laura, que fugiu.

A MAIS CURIOSA novidade do Rio: cadeirinhas de lona, dessas de abrir e fechar, para aluguel a um cruzeiro, destinando-se aos mártires das filas de ônibus. Um cidadão português lançou a inovação, e está obtendo êxito. Como é possível que surjam concorrentes, êle está pensando em conseguir exclusividade, embora o monopólio seja proibido. Até pouco tempo, tôda luta era permitida para conquistar-se uma cadeira de deputado, senador ou vereador; agora, com as filas de légua e meia nos pontos dos ônibus, vamos assistir a batalhas pela posse de alguns minutos para descansar as gâmbiam numa cadeirinha dessas. O flagrante apanhado pelo nosso fotógrafo se deu nas imensas filas do Passeio Público.









ATE' NISSO foram de azar os nossos esportistas no Campeonato Sul-Americano de Futebol em Lima: chegaram ao Brasil, derrotados, na Semana Santa! E o povo, que não quer saber de fracassos esportivos, vingou-se a espalhar judas por todos os bairros da cidade, com os nomes de jogadores, dirigentes da CBD, treinadores, médicos incluindo até o chefe da delegação. Nota curiosa: quando foi preciso um popular subir à árvore em que estavam alguns judas na rua do Passeio, a fim de desenganchá-lo, gritou um «amigo da onça»: «Ajuda teu irmão!» Não houve quem não risse do espírito, seguindo-se a descida do judas «CBD», para o malhar do povo que festejou o Sábado de Aleluia, com excesso de Iscariotes...

● ESTÃO ALARMADOS os moradores da Samambaia — um loteamento situado no 2.º Distrito de Petrópolis — porque, dizem, anda sôlto um leão da «Zoofauna», de propriedade do doutor Tomnsk. Há uns quinze dias, o animal atacou uma criança, por isso resolveram as pessoas de Samambaia denunciar o fato à polícia para que tome sérias providências. Mas a denúncia gorou. Muito jeitosamente, o doutor Tomnsk incumbiu ao seu advogado a que se mantivesse fiel ao mandato que recebera: provar em juízo que as feras da «Zoofauna» são mansas. Provado isto, nenhuma providência foi tomada no sentido de conseguir a punição do dono da fera ou sua expulsão do loteamento. Que os animais façam das suas... pensa o dr. Tomnsk — são animais mansos! Porém o delegado Bretz não vai nisso: pediu ao juiz a interdição urgente da «Zoofauna».

● NA HORA do casamento deu-se o inesperado. O que não estava programado de permeio com a «panelada», os quitutes e a «danada» da cachaça. Amigos do noivo embriagaram-no e depois veio a comédia. Tudo pronto, mas a noiva era outra. E Anastácio Queiroz, o rico agricultor de Jacaraú, na Paraíba, puxando fogo, nem deu pelo lôgro. Trocaram a noiva. A sua bem amada, Maria Anunciada casou-se contra gôsto com um fazendeiro vizinho. Enquanto Anastácio, metido no fato novo e suando por todos os poros, recebia por espôsa uma moça de reputação duvidosa. Depois de tudo consumado, a espôsa abandonou o lar e pretende, por todos os meios, apossar-se dos bens do Anastácio. «O pior, diz a vítima, é que estão dizendo que sou débil mental e incapaz para gerir as minhas propriedades». A polícia que descasque mais êsse delicioso «abacaxi»...



DURANTE A SEMANA que findou a opinião pública e a imprensa se preocuparam de maneira especial com a atitude do Govêrno Soviético em face de suas relações com o exterior. Aliás, no ambiente interno, ocorreu um fato, para nós de fora, realmente sensacional: a condenação dos médicos judeus, feita pelas autoridades soviéticas, foi posta sem efeito pelo Govêrno russo sob o fundamento de que tinha havido êrro ou injustiça. Mas, sobretudo no setor internacional ocorreram fatos que parecem denunciar algo de diferente na orientação da política cujo agente executivo, ontem como hoje, é o sr. Molotov. Na Coréia, foi assentada a permuta de prisioneiros e em relação à guerra sucederam-se os rumores de paz. Jornalistas americanos, convidados a visitar Moscou, foram levados ao Kremlin onde lhes foi facultado apanhar fotografias; foi suspensa certa censura de correspondência para o exterior; o Govêrno Soviético que, até agora, não havia resolvido se mandaria missão especial à Coroação da Rainha da Inglaterra, já deliberou o envio de um dos seus melhores navios de guerra. Embora divergentes as interpretações relativas a êstes indícios, há, nos observadores, um bruxuleio de esperança no sentido de que a política russa estenda a mão com o objetivo de uma paz, de fato e verdadeira, que a todos e ao mundo muito beneficiaria.

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* **Gesteira**



a REVISTA há 50 anos

(19 DE ABRIL DE 1903)

PEQUENAS OCCURRENCIAS

● Bôas e más, alegres e tristes, a verdade é que a semana foi cheia ás direitas, teve cousas em penca para a gente se divertir. Deixando de parte os srs. deputados e os srs. senadores que todos os dias chegam, correndo pressurosos a ocupar as suas cadeiras, abnegadamente, e com os quaes já ninguem se preocupa mais; passando por alto o desfalque verificado na Contadoria da Guerra, de cujos cofres desappareceu grossa melgueira; esquecendo o habeas-corpus impetrado em favor dos indigitados criminosos e a serie de prisões administrativas que estes terão de padecer, permanecendo hoje ás ordens do marechal Argollo para serem transferidos amanhã para o dominio do sr. Bulhões, correndo successivamente do sr. Lauro Muller ao sr. Seabra e deste ao contra-almirante Noronha, até que, sem se esgotar o prazo das prisões administrativas, assim centuplicado, para o sr. chefe de policia appurar-lhes as responsabilidades, mandando ás favas as obras do porto, arriscadas a servirem de bigorna para se martellar no seculo XXX; esquecendo esses famosos culicidios, que andam por ali a zumbir umas cousas desagradáveis ao amor proprio do sr. director geral da saude publica, que todos desejam ver novamente em Manguinhos, entretido a estudar microbios e a preparar serum; registrando com um applauso apenas, a iniciativa do sr. prefeito, actualmente de picareta em punho, numa derrubada gloriosa, para alargar a rua Camerino e prolongar a do Sacramento, aformoseando a cidade; roubando uma palavra de saudade a essa extraordinaria Georgina Pinto que a febre amarella assassinou com a cumplicidade dos que não cuidam de nos dar saneamento, não obstante sermos um porto franco ao commercio universal e uma cidade aberta à emigração de todos os povos; pondo de lado tudo isto, que efficientemente lerá de um folego, n'uma assentada apenas, ainda assim, nem todos os assumptos da semana poderão ser contemplados nas duas tiras que me incumbe rabiscar.

● **Terei de deixar à margem a história revoltante d'aquella mão, perversamente, alliada ao amante, para juntos suppliciarem a filha, indefesa creança hoje confiada ao delegado da 7ª; a psychologia complicada d'aquella infeliz noiva, baleada na rua de S. Francisco Xavier e que foi expirar num catre do Hospital da Misericordia, talvez regenerada, consagrando seu ultimo pensamento ao homem que preferiu morrer a perdel-a e matar a dal-a a outro; a analyse da cegueira policial no caso do assassinato do usurario Costa Pinto, crime sobre que, até ao presente, a policia anda ás apalpadellas, jogando á cabra cega; a menção devida ao Barroso e aos seus marinheiros, portadores das homenagens do Brasil ao Chile; e assumptos outros que se enfileiram em meu caderno de notas, a espera do momento de serem contemplados n'esta receita. Mas, sou agora por isso; o espaço está findo e a chronica... por escrever.**

OS JORNAES discutem o caso do abalroamento do hiate Silva Jardim com a falua Odette. Acham uns que esta devia ter parado; outros dizem que o hiate é que devia ter deixado passar a falua.

Está claro, que estes ultimos teem razão. Basta recordar que Odette é senhora.

★

— Desta vez temos a febre amarella extincta, olá se temos!...

— Porque dizes isso?

— Não tens visto, que todos os dias conferenciam a respeito d'ella a hygiene offensiva, a defensiva, o Prefeito, o Ministro da Justiça...

— Mas isso que vale?

— Pois não sabes o que se dá com um doente quando os medicos fazem conferencia?

— E' morte certa... A amarella não póde escapar...

★

UM CONHECIDO facadista, ao ler a noticia de que o dr. Passos vae estabelecer impostos sobre cães, exclamou num movimento de desespero:

— E' isto, não se póde mais viver neste Rio de Janeiro...

— Porque? — indaga um amigo!

— Oh! filho! agora até para morder se paga imposto...



Atual diretoria do Jockey Club

O Mal Entendido

Conto de **ANDRÉ MAUROIS**

QUANDO eu tinha vinte anos, ia muitas vêzes visitar um velho amigo de meu avô que se chamava o sr. Neuville. E' raro que um adolescente encontre um prazer sincero e durável na companhia de um velho de oitenta e tantos anos. Não era, entretanto, nem piedade, nem interêsse pessoal que me fazia procurar a do sr. de Neuville, e sim a sua conversação inteligente e a verdade contida em suas anedotas. Diplomata e um dos embaixadores favoritos do duque de Broglie, havia conhecido os homens do Segundo Império e servido os fundadores da República. Fôra, com Gallifet e o Marquês du Lau um dos primeiros amigos franceses do príncipe de Gales, e como êles, descendo o passo aos sentimentos nacionais sôbre os rancores do partido, contribuíra, no fim de sua carreira, na reconciliação do herdeiro do trono da Inglaterra e o novo pessoal republicano. Ninguém falava melhor que êle do sr. Thiers, do marechal de Mac-Mahon ou do sr. July Grevy. Além disso eu gostava de olhá-lo, pois nunca vi um velho mais belo nem mais vigoroso.

Meu avô me havia contado que Edmundo Neuville, no seu tempo, havia sido um Don Juan célebre. Cada época possui assim o seu colecionador de conquistas, cujos sucessos vão crescendo em número e em facilidade, porque as suas atenções são, para uma mulher, um diploma de encanto e beleza. Aquelas que êle não distingue sentem-se ofendidas e em pouco esforçam-se por lhe pertencerem. Tal era no século dezoito o marechal de Richelieu, assim Byron na Inglaterra em 1812 e Edmundo Neuville, na França, em 1860.

Quando o conheci, há muito tempo já se aposentara. Vivia em Paris, na rua d'Astorg, num pequeno edifício construído no fundo de um pátio e atravancado de objetos que havia trazido dos seus postos sucessivos. Os sofás de cetim côr de ouro estavam carregados de cachemiras da Índia, de bordados chineses, de peles de urso branco. Nas janelas, sanefas de veludo grenás, pesadas de passamanes, bordadas com bordados de franjas, interceptavam uma luz já fraca. Sôbre uma mesa de pau roxo estavam alinhadas fotografias de lindas mulheres com vestidos desusados, em quadros bizarramente ornados com pedras preciosas.

Muitas vêzes eu pegava um daqueles retratos e pedia a Neuville que me narrasse a história daquela mulher. «Ah! — começava êle... — Maria Pavlovna... Era uma pessoa muito sedutora... Depois, como eu apanhasse um outro quadro: «Lady Berchester? — murmurava... — Sim, era no tempo em que mulheres representavam um papel imenso e secreto na política da Inglaterra...» E falava-me em Disraeli, com quem tratara de negócios.

Em baixo da chaminé havia um retrato de Alfred de Dreux, que representa o próprio Neuville, mais ou menos na idade de trinta anos e a cavalo. Um colar de barba negra enquadrava um rosto sensual, voluntarioso, do qual se achava com facilidade traços no do meu velho interlocutor que, aliás, usava o mesmo colar de barba, já branca. Com um chapéu de palha leve, vestido com uma jaqueta negra, um colête dourado e uma calça branca colante que se terminavam em presilhas, êsse cavaleiro trotava num parque italiano. Em baixo dêle, sôbre o mármore da chaminé, os jaspes e as porcelanas azuis da China, misturados a velhos acessórios de «cotillon», enquadravam uma cesta de frutos artificiais. Até 1907 o sr. Neuville pareceu-me extraordinàriamente bem disposto. Durante o inverno fui vê-lo em Hyeres, onde possuía uma vila, e êle passeou comigo entre as laranjeiras com o passo tão rápido que tive dificuldade em segui-lo. Mas quando voltou a Paris, na Primavera, mudou repentinamente, emagreceu de modo inquietante e enfraqueceu-se visivelmente. Um dia disse-me, com muita simplicidade, que havia, na véspera, exigido do seu médico a verdade sôbre o seu estado, e que só lhe restara sem interêsse, já que nada se podia fazer para modificá-la. Durante as semanas que se seguiram os seus sofrimentos e suas fraquezas aumentaram. Entregava-se a um trabalho misterioso e descobri que escrevia, êle próprio, os endereços das cartas destinadas a comunicar a sua morte. Homem de uma cortesia metódica, receava que, nessa última cerimônia mundana, houvesse um engano ou um esquecimento. Compunha com cuidado o programa musical do serviço fúnebre e regulamentava êste. Seu testamento, relido sem cessar, tornou-se em breve um manuscrito de cem páginas, porque queria legar uma lembrança a cada um de seus amigos e, para cada um, um objeto que lhe pudesse agradar. Enfim, parecia que a aproximação da morte, ao invés de inspirar-lhe uma indiferença natural para com os vivos, ao contrário, reanimasse uma cortesia outrora profissional e agora tornada instintiva.

Como era testemunha dêsses trabalhos melancólicos, associei-me a êles, e, por muitas vêzes, escrevi fragmentos que êle ditava, do famoso testamento, e que em seguida recopiava com uma letra bastante firme. Foi assim que uma noite, tendo trabalhado com êle mais que pensava, olhei para o meu relógio repentinamente, surpreendido por haver esquecido a hora.

— Meu Deus, disse... Tenho que vestir-me para jantar em casa dos Clemont de Sazy...

— Em casa de quem vai jantar? — perguntou êle inclinando-se para mim, porque era um pouco surdo de um ouvido.

Repeti o nome.

— A sra. Henrique Clermont? — perguntou.

— Sim, disse... Os Clermont do «faubourg» Saint Honoré.

— Não sei onde ela mora, disse êle... E' ela ainda muito bonita?

— Quem?, perguntei um pouco surpreendido. A sra. Clermont de Sazy? Ela tem mais de setenta anos, senhor embaixador, mas mesmo assim o senhor tem razão, vê-se que ela foi muito bonita.

— Não é? disse êle com uma paixão que, naquele velho rosto, pôs por um instante o encanto da mocidade. — Não acha que ela se parece com a sra. de Thianges?

Não pude deixar de sorrir.

— Talvez, disse por fim... Naturalmente a diferença de idade é tal que tôda comparação...

— Sim, é verdade, murmurou... Tenho tanta dificuldade em imaginá-la velha. Descreva-me... Como é ela?

— Como lhe poderei dizer? Seus olhos são jovens e têm aquela coqueteria indefinível e que acho tão emocionante nas mulheres que foram belas e habituadas, por causa disso, a tudo obterem sem esfôrço, por sua única presença e que conservam até na velhice um embaraço livre e encantador... Mas o senhor conhece melhor do que eu êsse tipo de velhice feminina. Lom-

(Cont. na pág. 38)





Ilustração de **JERONYMO RIBEIRO**

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

NÃO. Isso não me sucederá, porque aí estão Carlos Woollat, Samuel Scribben, Teodoro Gibrey e uma porção de rapazes que, quando acontece passarem por aqui, ajudam-me no torcer a roupa. Mas êles têm tanta fôrça, que preciso recomendar cuidado. Outro dia, Samuel Scribben rasgou uma colcha em dois pedaços, como se fôsse um pedaço de papel de acender cachimbo. Êles nunca sabem quando têm de parar de retorcer.

Naturalmente aquela voz era a de Avícia; mas esta segunda Avícia denotava claramente sua insignificante cultura, longe que estava de ter a refinada educação de sua mãe. Esta Avícia nunca recitara poesias em público, nem na ilha, nem em parte nenhuma, com a entusiasta expressão de seu talento interpretativo. Teve Pierston o maior desencanto ao notar estas circunstâncias. Mas a jovem o havia comovido, e lhe faltara ânimo para prosseguir na sua caminhada de regresso a Londres.

— Que idade tens? — Indagou êle.

— Vou fazer ainda dezenove.

Era a idade que a outra tinha quando êle e ela noivaram e faziam excursões pelos penhascos da ilha natal. Mas Pierston tinha agora quarenta anos, e a jovem que estava ali à sua frente era uma inculta lavadeira, ao passo que êle era um escultor famoso e rico, membro da Real Academia. Não obstante, por que motivo sentia certo desgôsto ao ver que já estava quarentão? Pierston achou que não devia permanecer por mais tempo ali, e, como ainda lhe faltava meia hora de caminhada, despediu-se de Ana e seguiu pelo caminho que levava ao lado ocidental do Castelo de Sylvania, obra do século passado, chegando até à última casa edificada no penhasco. Ali havia nascido.

No verão o castelo servia de alojamento a forasteiros, mas, naquele momento, estava desabitado e silencioso. O vento da tarde açoitava os arbustos e plantas do jardim da entrada, únicas espécies que podiam suportar e resistir o açoite das ventenias salobras que sopravam do largo. Em frente à casa, nos longes do mar, o farol pestaneava como uma advertência aos marujos de que ali havia bancos de areia. De súbito sentiu Pierston a mais profunda revolta dentro de si mesmo. Desejou ser um analfabeto, um homem rude e ignorante, em lugar de ser o que era, um reputado artista do cinzel. Melhor seria que fôsse um ilhéu qualquer, contanto que pudesse amar e desposar aquela jovem de dezenove anos, filha de Avícia Caro. Êle, porém, com a posição social que tinha em Londres, já famoso escultor, não podia desposar uma simples lavadeira sem a menor sombra de civilização e cultura. E isto o torturava naquele instante.

Capítulo XIV

DE regresso a Londres voltou Pierston, maquinalmente, à sua costumeira vida. Mas, na realidade, já não vivia ali. O espectro de Avícia que agora tomara formas humanos, carne quente e sangue sadio, mantinha sua mente muito longe da capital britânica. Seu pensamento não daixava a ilha onde residia a segunda Avícia a respirar seus ares marinhos, banhada pelas chuvas fortes sob as invocações e efeitos da Vênus romana que ali tivera um templo já agora desaparecido. Os defeitos daquela mocinha matuta se convertiam em encantos, vistos de Londres, pela imaginação. Nada lhe agradava tanto agora, do que ir, tôdas as tardes, até ao cais do Tâmisa para ver desembarcar as pedras extraídas da ilha natal. Antes, Pierston destinava as tardes aos seus exercícios físicos e desportivos ao ar livre. Mas agora sentia uma espécie de saudade da terra, um desejo misterioso de ver Ana naqueles blocos de granito, e ia vendo os barcos de cabotagem procedentes de sua terra natal, tanto na margem direita, como na esquerda. Cada pedra daquelas, em pedaços cúbicos e oblongos, lhe traziam recordações de suas velhas amizades e relações natais, evocando lembranças ternas, o «genius loci», com tanta firmeza que parecia a Pierston não estar em Londres.

Uma tarde, ao afastar-se do cais, chamou-lhe a atenção a figura de uma mulher que se dirigia para o mesmo lugar que êle acabava de deixar. Era uma criatura pequena, delgada, graciosa. Seu trajar era o bastante para interessar um artista como Pierston, pois era muito simples e rùsticamente pitoresco. Mas, o que mais atraiu a atenção do escultor, fôra a semelhança que êle descobriu naquela mocinha: era o retrato de Ana, filha de Avícia Caro.

Pierston já não tinha dúvidas. Estava certo de que, com efeito, se tratava da filha de Avícia, muito contribuindo para isso, o estar êle naquela tarde profundamente impressionado com Avícia, vendo-a em tudo. A jovem se dirigiu ao portão do molhe, com atitudes algo indecisas, como se não estivesse habituada àqueles sítios e entrou para o ancoradouro, desaparecendo da vista de Pierston.

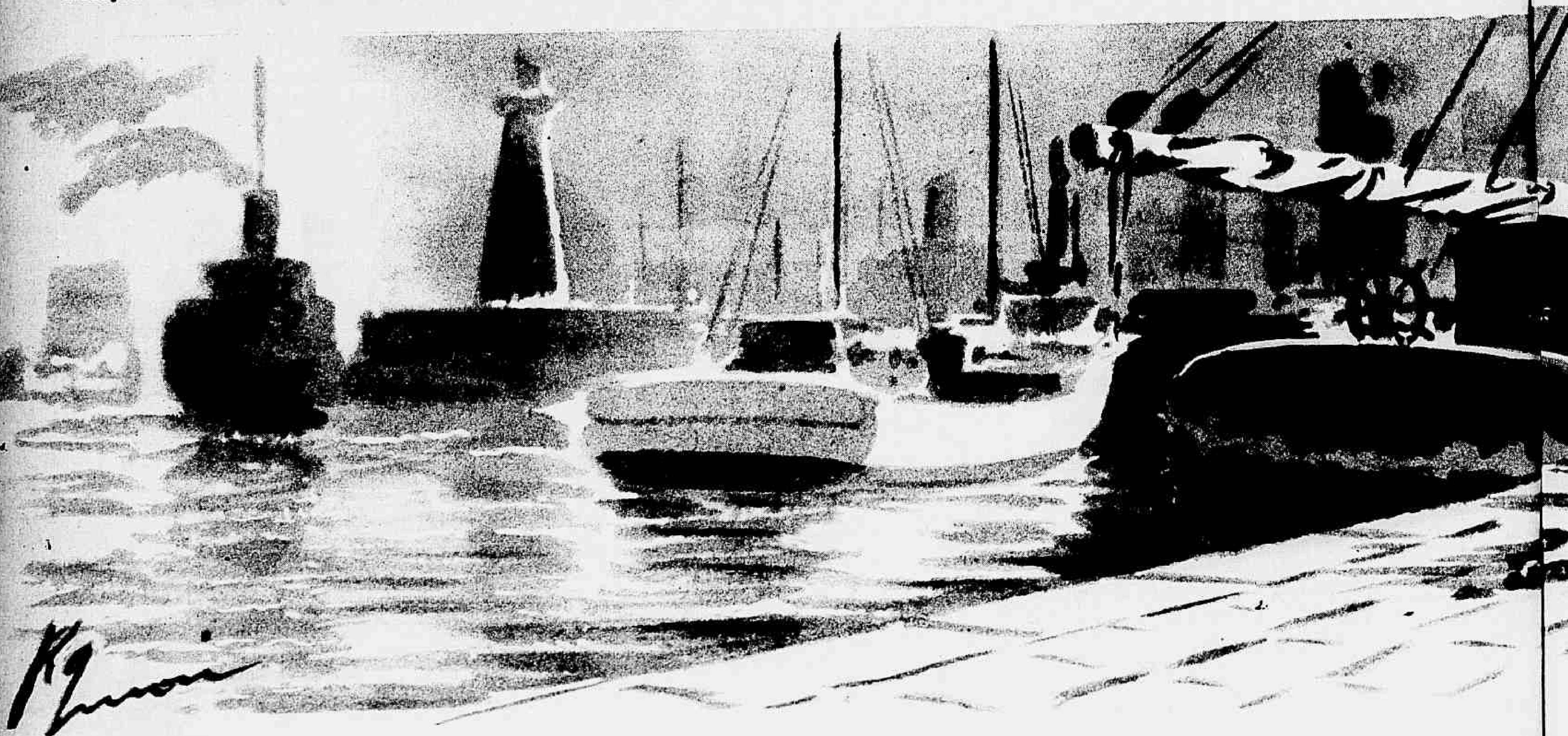
O escultor dirigiu-se a passos largos para o mesmo local por onde fôra aquela visão. A moça dirigia-se para o cais em que estava uma embarcação amarrada com tôda a sua carga. Pierston se acercou e viu-a a conversar com o patrão e uma mulher de idade madura, todos procedentes da ilha, segundo percebeu Pierston pela inflexão da conversa. Pierston se fêz apresentar como natural daquela terra. Entre os habitantes de então, já ninguém sabia do seu noivado com Avícia, nem das circunstâncias em que fôra desfeito, vinte anos antes.

Ana, que era a encarnação de sua mãe Avícia, o reconheceu imediatamente, e, com a ingênua candura de sua raça e dos seus poucos anos, explicou a situação, se bem que cumpria a êle tal dever, desde que fôra êle quem se intrometera.

— Êste é o capitão Kibbs, senhor; um parente distante de meu pai, disse a jovem. E esta é a

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



senhora Kibbs. Viemos da ilha para um passeio. Devemos voltar quarta-feira.

— Oh! Já tão cedo? E onde estás hospedada?

— Aqui mesmo a bordo.

— Como! Vives a bordo, comendo e dormindo?

— Sim.

— Cavalheiro — interrompeu a senhora Kibbs. — Eu temeria por minha saúde se fôsse dormir entre os **Kimberlines**; mesmo de dia, se me aventuro a andar por entre ruas e praças, nunca deixo de ir marcando os rodeios a fim de regressar o mais rápido possível ao barco do Job. Não é assim, Job?

O patrão aprovou com um movimento de cabeça.

— Estão vocês mais seguros em terra do que no mar, — disse Pierston. — especialmente no Canal, com êstes ventos e carregados com tão pesados blocos de pedra.

— Verá o senhor, — disse o capitão, depois de ter tirado, dissimuladamente, algo da bôca — que, quanto aos ventos, não mui perigosos aqui, nesta época do ano; mas, o que põe em perigo embarcações como a nossa, são os transatlânticos. Se os encontramos em rumos contrários, vamos a pique, isto é, partem ao meio a embarcação, sem que se detenham ao menos para salvar alguma coisa, e nada fica vivo para contar a história.

Pierston se dirigiu à segunda Avícia disposto a dizer-lhe muitas coisas, mas, em verdade, não sabia como iniciar. Por fim balbuciou esta pergunta:

— Também vais pelo mesmo caminho?

— Sim, senhor.

— Então tem cuidado com a navegação.

— Oh! sim.

— Espero voltar a ver-te breve e falar contigo.

— Também o espero, senhor.

Não pôde Pierston dizer mais nada. Instantes depois se despediu dos três conterrâneos e se foi a pensar mais que nunca em Avícia.

No dia seguinte os imaginou navegando rio abaixo, detendo-se para tomar carga e na quarta-feira os viu em mente a abrir as velas rompendo as vagas do mar livre. Naquela noite pensara naquela frágil embarcação, talvez sob a proa de algum colossal transatlântico, incapaz de fazer-se ver ou ouvir; pensara também, e muito, em Ana, a quem já queria do mais fundo do coração, e a via a dormir em seu pequenino camarote, indefesa entre os mil riscos daquela viagem sujeita a catástrofes.

Pierston estava convencido de que esta nova Avícia, mais formosa de rosto e de formas do que sua mãe, lhe era inferior em alma e entendimento. Entretanto, o fogo que jamais pôde acender nêle pela primeira, estava agora em labaredas com a segunda, com tal fúria, que até o alarmava. Pierston receava estar sendo vítima de alguma cilada de sua Bem-Amada, ou melhor, a caprichosa Divindade ideal que se ocultava por detrás da dama de quem se apaixonava, para depois desfazer-se em ilusões.

(Cont. no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, depois de vinte anos de ausência de sua terra natal, vem visitar a ilha, em virtude da notícia que lhe deram por carta, que sua ex-noiva Avícia Caro havia falecido. Pierston procurava descobrir uma mulher que encarnasse a Bem-Amada, e ainda não chegara ao fim. Muitas jovens foram eleitas, mas desfizera os noivados com a maior facilidade. Quando visitava a ilha, passou pela casa em que vivera Avícia, sua amiguinha de infância e parou ali. Vendo que havia gente lá dentro, procurou saber e conheceu Ana, filha da morta. Depois, Pierston continuou a andar pela ilha até que chegasse a hora de retomar o trem que o conduziria a Londres.



Cetim branco



ESTE ELEGANTE vestido de noiva, em cetim tem uma jaqueta que pode ser retirada, transformando-o num lindo vestido de baile, sem alças. A jaqueta é bordada com pérolas e strass. Uma criação de Heim apresentada em sua coleção "Jeunes Filles".



Sensacional flagrante da ação da polícia durante os acontecimentos que registramos nesta reportagem

GREVE E AGITAÇÕES EM SÃO PAULO

MIL E CEM FÁBRICAS PARADAS ★ DAS AGITAÇÕES DE RUA DOS PRIMEIROS DIAS, À EXPECTATIVA DE AGORA ★ NOVOS SETORES OPERÁRIOS SE DECLARAM SOLIDÁRIOS COM A PAREDE

DOS últimos dias de março aos primeiros de abril, as notícias vindas de São Paulo eram as mais alarmantes. A greve geral dos tecelões, mais tarde acrescidas da adesão dos metalúrgicos, atingia níveis até hoje desconhecidos na história das inquietações proletárias do país, tudo fazendo prever providências extremas dos poderes públicos para deter a onda ameaçadora. Os cálculos iam de 160 a 200 mil operários em greve, tendo esfriado as chaminés, mil e cem fábricas. O movimento fôra deflagrado por motivo de aumento de salários independentemente de apêlo à Justiça do Trabalho.

Os grevistas, desde os primeiros dias, fizeram de algumas praças centrais da capital bandei-



Os operários organizaram uma passeata para ir ao Palácio do Govêrno onde entregaram um memorial ao Governador Lucas Garcez, solicitando a baixa dos preços de certos produtos alimentícios.



Bombas de gás, chamadas, hoje, de efeito moral, foram lançadas para dispersar os manifestantes. Aqui está um flagrante tomado nas imediações da Praça da Sé, vendo-se populares evitando o gás

rante, o seu quartel-general, organizando passeatas e comícios. Mas, como sempre sucede, seja em São Paulo, no Rio, em Pôrto Alegre ou Recife, o poder público não vê com bons olhos tais demonstrações de rua, temendo excessos, a infiltração de grupos que desejam apenas o ambiente de anarquia para desenfrear os seus instintos predatórios, arrebentando estabelecimentos comerciais, trazendo isso sérios prejuízos ao tesouro público. E' que, em tais momentos qualquer perda material ou de vida que resultar dos ataques da massa a terceiros, as ações judiciais contra o Estado são favas contadas. Mesmo nos tempos de guerra, quando a multidão agitada pelos inflamadores da opinião incendeiam, depredam, nos chamados «quebra-quebra», os nossos Tribunais responsabilizam os govêrnos pelos prejuízos causados à propriedade privada em funcionamento legal no território brasileiro. Todos estão lembrados das pesadas indenizações exigidas por firmas alemãs ao tempo da primeira grande guerra, da segunda, dos bondes da Cantareira, da companhia de bondes de Belo Horizonte, etc., quando tais emprêsas foram vítimas. No final, quem paga é o próprio povo. Por êsses motivos, o poder público procura evitar as demonstrações de rua, e, quando as mesmas são realizadas, sobrevém o que acaba de ser registrado em São Paulo: correrias, bombas de gás, pancadaria, populares espadeirados pela cavalaria, outros presos, bombeiros em ação para pôr água na fervura, etc. Não nos compete entrar na apreciação do mérito dos tristes acontecimentos de São Paulo. Excessos, se os houve, de lado a lado, ou de um lado só, já é assunto que cabe às autoridades responsáveis apurar e punir os culpados. O que importa é o registro dos episódios, como exemplos da época de ebulição a que assistimos. O desequilíbrio entre os salários e o custo da vida cada vez mais em ascensão, é o «leit-motiv» apontado.

Mas, — pergunta-se, — se os industriais concederam o aumento pleiteado, de 60 % e mais um fixo de quinhentos cruzeiros (se-



Sôbre o chão molhado pelos jatos d'água dos bombeiros, para dispersar o povo, age a cavalaria de Polícia, preferindo as calçadas



Outro flagrante apanhado no centro da capital bandeirante por ocasião dos lamentáveis fatos aqui referidos

gundo as notícias vindas de São Paulo), que sucederá a êsse lado do custo da vida, isto é, em matéria de tecidos, fiação e obras metalúrgicas? Não irão os fabricantes aumentar nisso, ou mais, o preço de vendas de seus produtos? E o operário terá que comprar suas roupas com um aumento de, talvez, cem por cento! E' a batalha do Tonel das Danaides: quanto mais água, mais água falta... A 31 de março as agitações culminaram em ação da polícia contra os grevistas na Praça da Sé, de onde saíram em passeata proibida. Do choque saíram uns quinze feridos, felizmente, nenhum com gravidade. Deputados que haviam comparecido no local do conflito, protestaram, quase degenerando em incidentes sérios entre os legisladores e os componentes do DOPS. Antes, carros da polícia irradiavam a proibição das manifestações naquela praça. Esta greve tem, porém, um aspecto ainda inédito. No memorial que os grevistas mandaram ao governador do Estado, solicitavam a baixa imediata dos preços de arroz, feijão e do café em pó, chegando-se a estabelecer o preço teto, respectivamente, para oito, sete e quinze cruzeiros. O governador não respondeu ao memorial. Não lhe seria fácil essa resposta. Prometer? Negar? Ir negaceando? Tudo isto envolve sérios problemas, e não poderia nenhum govêrno **decretar** baixa de preços de mercadorias de uso imediato, cotidiano e comum, sem que o mesmo poder público o produza. O movimento grevista, dias depois de explodir, teve a adesão dos marceneiros, e tudo já vai além de um mês. Os patrões ofereceram 23 %; mas os têxteis querem 60 %, os metalúrgicos Cr$ 800,00 sôbre os salários atuais, enquanto os marceneiros apenas deram sua solidariedade. Depois das agitações de 1.º de abril, repetiram a 2 e 3, quando mais de cem pessoas foram prêsas, muitas delas feridas, mas sem gravidade. Também houve soldados de polícia com ferimentos. A massa, dispersada a fatos de água e a gás lacrimogênio, recorreu vaias estrepitosas. De domingo, 5, até agora, o movimento de rua decresceu, mas a situação continua incerta, e, no



Outro flagrante dos acontecimentos dos primeiros dias de abril, em São Paulo: um policial da Ordem Política, conduz prêso, um manifestante

A SAÚDE DO BEBÊ

CHÔRO E SÍFILIS DA CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

TEMOS acentuado que em geral se filia à fome ou a cólica o chôro da criança, esquecendo-se outras cousas que o explicam. Em primeiro lugar há co gitar de um bebê neuropático tôda vez que êle é dado ao chôro irritado e freqüente.

E' certo que, em muitos casos, o diagnóstico da causa do chôro não é tão fácil nesses bebês.

Às vêzes há um senão no regimem, que é o responsável.

utros, o pêso está bastante diminuido, nesses bebês; a interpretação é de que a criança está passando fome, logo a escassez do alimento atribuem o chôro. E' raro que, nestas condições, já não tenham apelado para sucessivas mudanças do leite, ou experimentado variadas fórmulas alimentares — na maioria das vêzes, desacertadas.

Ora, antes de atribuir a outros fatôres, e por isso agir por mero palpite, convém, diante do chôro da criança, esmerilhar algum êrro na criação do menino, mesmo simples êrro de disciplina. O mau hábito de trazer a criança ao colo, e não no bercinho, e a falta de disciplina no horário das mamadeiras, estão na frente dêsses erros.

● A criança, nessas condições, chora, sempre, tôda vez que se dê conta da falta do objeto de seu próprio vício, em que logo se transformam os seus braças e a mamadeira.

A questão do horário alimentar é capital.

«E' incrível como uma criança se subordina depressa ao nosso plano alimentar e é inverossímil como ela adquire todos os vícios com rapidez vertiginosa. Se a dominarmos na primeira semana, a sua existência passará, por assim dizer, despercebida; se ela conseguir impor suas vontades, estaremos irremediàvelmente perdidos e nunca mais teremos um minuto de sossêgo...» (Chiaffarelli).

★

Existe uma causa do chôro da criança que é do maior interêsse ter sempre presente. E' o chôro motivado pelas lesões ósseas sifilíticas ainda em comêço. Nessas condições as lesões nem são ainda suspeitadas, por inaparentes.

Só mais tarde caminham para as tumefacções externas, com inflamação do osso. São as osteo-condrites epifisarias sifilíticas. Algumas vêzes extensivas aos quatro membros, na maioria das vêzes circunscritas à extremidade inferior do húmero, joelho, fêmur ou tíbia. Nessa altura de sua evolução, as osteo-condrites sifilíticas trazem a impotência dos respectivos membros. Os membros permanecem imóveis, não por que tenha sido ferida a respectiva inervação, mas porque se defendem da dor, pela imobilidade. Ora, nos graus iniciais de seu processo evolutivo as osteo-condrites apenas produziriam manifestações meramente clínicas.

● Vistas assim, há sempre razão para cogitar de sua existência ante o quadro do chôro da criança.

A dor óssea da enfermidade bem pode ser a responsável, em muitas situações, que, de outra forma, seriam erradamente atribuídas a outras causas. Com essa significação Genaro Sixto divulgou, desde 1914, sua interpretação do chôro de dor súbito na criança, nos casos em que se excluem outras causas, mas atribuível a uma dor óssea nos membros.

E explicava: Na formação dos ossos longos as células se dispõem em uma série de fileiras separadas pela substância fundamental; mais tarde, elas se desempcapsulam e vasos do formação recente as inundam, separando-se as células (osteoblastos), depois, para formar a parte compacta do osso. Os espiroqueta da sífiles se dirige, desde o início da afecção, para a zona de crescimento dos ossos longos (epífise), justamente onde é maior a atividade dos processos de nutrição do osso.

Ainda não existe, então, a tumefacção, mas a dor é já o sinal de uma osteocondite sifilítica — e como tal cumpre considerar, no chôro da criança, entre outras causas, também esta causa. E' o sinal Genaro Sixto, como é conhecido entre os médicos. Mais tarde o osso reage, calcificando suas próprias células e impedindo a penetração dos vasos. Ao nível da linha de ossificação constitui-se uma zona dolorosa aos menores movimentos, de onde a imobilização do membro atingido, devido à dor, reflexa. Mas não existe lesão no sistema de inervação local; a dor é simplesmente causada pela irritação dos filetes nervosos da médula e do periosteo.

GREVE E AGITAÇÕES EM SÃO PAULO



Um carro de bombeiros despejando um jato d'água nas ruas, processo usado para dispersar os manifestantes nas vias públicas

dia 6 de abril, outros operários se declararam em greve: os gráficos e dos vidreiros, êstes somando mais de vinte mil obreiros. Espalha-se ainda o boato de que os bancários entrariam em greve... Como vemos, está a vida do grande Estado da Federação, a sofrer de convulsões; a vida da capital paulista, em febre alta, perturba tôdas as artérias do Estado e compromete o movimento de muitas outras indústrias cujos operários estão trabalhando normalmente; o comércio atingido em cheio, experimenta dias de apreensões com suas vendas sensìvelmente diminuídas, enquanto os compromissos se vão vencendo. Os grevistas, já com experiências obtidas no Rio e lá mesmo em S. Paulo, mantêm-se firmes, organizados em grupos de finanças e economia, obtendo fundos através de bônus e coleta de gêneros de primeira necessidade, para distribuição entre os mais necessitados. Calcula-se que, só os têxteis, com seus cem mil grevistas, precisam de mais de cem milhões de cruzeiros mensais para manter-se fora do trabalho. Conforme observação local, a venda dêsses bônus e a oferta de gêneros aos grevistas por firmas e muitas pessoas do povo, estão mantendo os grevistas. Diante dêsse panorama de apreensões, o govêrno federal e o estadual, estão procurando meios para que se chegue a um acôrdo de efeitos favoráveis e suasórios a ambas as partes em litígio. São Paulo, que é o maior e mais denso parque industrial da América do Sul, está numa tensão nervosa desagradável.

O problema encerra uma equação que exige serenidade e espírito de renúncias de parte a parte. E enquanto registramos os últimos fatos nas ruas da capital paulista, os telegramas publicados na imprensa carioca, aumentam a expectativa de todo o país, parecendo que a tempestade reúne novas fôrças para as agitações de ontem. Que São Paulo volte à vida normal são os nossos votos sinceros.



A chuva que caiu sôbre a capital paulista veio contribuir para a volta da cidade à relativa calma, após agitações graves

Sempre melhorando...

a BANDEIRANTES anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO, ENTRE 18 e 24 DE ABRIL DE 1953.

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9-20/10) — A semana vai ser relativamente fraca. As atividades não renderão e os negócios correrão sem interêsse. O dia pior será o 23.

TOURO (21/10-20/11) — Se não houver forte reação de sua parte, o desânimo o dominará, levando-o a uma situaçã bem embaraçosa. O ambiente não o ajudará em cousa nenhuma.

GÊMEOS (21/11-22/12) — Apesar de mal iniciado, o período lhe proporcionará uma sensível melhoria nos negócios e nas relações. O melhor dia da semana será o 21. O dia 27 será o mais fraco.

CANCER (23/12-20/1) — A nova semana vai proporcionar reações favoráveis nos negócios e na vida doméstica. Os casos sentimentais estarão devidamente amparados. O dia a êsse respeito, será a quarta-feira, 22.

LEÃO (21/1-20/2) — A semana entrante será ótima para o lançamento de novo programa de ação. Imponha suas idéias, mas não solicite favores, pois estará sujeito a desilusões, neste particular.

VIRGEM (21/2-22/3) — O ambiente formado pelos astros, durante a semana, o predisporá a tôda sorte de facilidades. A mais prejudicial será a indiscreção. Como os peixes, poderá morrer pela bôca. E' preciso agir com tôda prudência.

LIBRA (23/3-20/4) — Poderá haver, no seu caso, um certo descontrôle nas atividades provocado por excesso, perigoso para a saúde e ruinosso quanto às finanças e à economia.

ESCORPIÃO (21/4-20/5) — O novo período será muito favorável às atividades profissionais. Haverá possibilidade de novas relações de amizade muito proveitosas para seus negócios.

SAGITÁRIO (21/5-23/6) — Haverá desinteligências bem sérias na sua vida doméstica e visitas inesperadas e incômodas. Não requeira nas repartições públicas ou no fôro.

CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — Não inicie viagem nesse novo período. O ambiente astral, não obstante, propicia solução favorável às pretenções justas e a aceitação de propostas para prestação de serviço. 18 será o melhor dia.

AQUÁRIO (23/7-21/8) — Não abra crédito durante a semana. Há perigo de enganos funestos e de traições. Os casos sentimentais terão uma ambiência favorabilíssima nos dias 22 e 24.

PEIXES (22/8-20/9) — Sua chance estará aumentada nos próximos sete dias, tanto na profissão como na vida particular. Aproveite a oportunidade e liquide os casos pendentes.

OS NOMES DA SEMANA:

Abril	18	Cláudio — Argemira
"	19	Eládio — Neusa
"	20	Flávio — Fausta
"	21	Suetônio — Lídia
"	22	Vicente — Vicentina
"	23	Fulgêncio — Eunice
"	23	Cádmo — Ester.

A MARCHA DA POSIÇÃO DO SOL

(Efeméride da Semana), Meio-dia de Greenwich

Abril	18 —	28°9' 5"	(Signo do Carn.)
"	19 —	29°7'41"	(" " ")
"	20 —	6'16"	(" " Touro)
"	21 —	1°4'48"	(" " ")
"	22 —	2°3'19"	(" " ")
"	23 —	3°1'47"	(" " ")
"	24 —	4°0'13"	(" " ")

JANELA SOB



UM CONCURSO ORIGINAL — **Todos os anos se realiza em Palisades Park uma original competição entre bebês; os guris devem percorrer engatinhando dezesseis metros. Os atletas-mirins são encorajados durante a maratona por um grande espelho. Não é permitido levantar-se, caminhar ou correr. Na foto, o primeiro à direita, é Howards Hughes, que chegou em primeiro lugar. Com seus dozes meses de idade, fêz um percurso de 17 ms. em sessenta segundos. Êsses foram os seis finalistas. Alguns estão visìvelmente emocionados... Antes da partida são reforçados pelas mamadeiras de uma gigantesca garrafa de leite.**



UM PORCO FELIZ — **O cineasta francês Maurice Labro foi à África do Norte e ali rodou um filme de «Les cochons não têm asas». E' uma película de argumento aviatório, com grandes cenas e belo enrêdo. Uma das integrantes do filme é a bela cantora Maria Vincent, que, entusiasmada com o argumento da produção, fêz grande amizade com um bacorinho encantador, justamente êste que estamos vendo na gravura, e que já passou a ser mascote da turma. Maria Vincent o põe ao colo, faz-lhe umas carícias com as quais êle nunca sonhou, e o porquito dorme feliz, nos braços da encantadora artista, a sonhar com os anjos, que têm asas mas não os carinhos dela.**

A RELIGIÃO NA RÚSSIA

● Quem se desse ao trabalho de escrever sôbre as tradições da religião na Rússia, chegaria a conclusões desoladoras. Já o catolicismo contava quase dez séculos de existência e ainda os povos russos continuavam a tatear na escuridão do mais fechado paganismo. Nessa altura dos acontecimentos se verificou um episódio sensacional: o rei Vlodimir abraça o cristianismo e, com seus doze filhos recebe o batismo. O exemplo do soberano contagia as massas e, num só dia, vinte mil pessoas vão à pia batismal. Sucedeu, porém, que os missionários pertenciam ao rito grego, ramo ainda católico com bases nos evangelhos. A separação definitiva se deu no ano 1053, quando o cisma grego conseguiu separar as duas religiões, ficando os convertidos russos, fora do catolicismo romano. E' interessante notar que, apesar disso, os católicos continuavam em grande número, provando-se em 1439, por ocasião do Concílio de Florença, que havia na Rússia tantos cismáticos, quantos eram os católicos. Êsse Concílio teve por finalidade a reconciliação da Igreja Greca com a Católica Romana. Mas nada de prático se conseguiu até que, cêrca de vinte anos mais tarde, em virtude da campanha do patriarca de Kiew, o cisma se estendeu por todo o país. A separação se tornou ainda mais forte, quando Nicon, patriarca de Moscou, separando-se da jurisdição religiosa de Constantinopla, instituiu a Igreja nacional russa, tendo depois como chefe supremo, a Pedro Grande. Estava consumada a obra da perda total da população moscovita pela Igreja de Roma. E' curioso registrar o seguinte trecho do Catecismo especialmente publicado para os católicos de Wilna em 1832: «A autoridade do Imperador emana diretamente de Deus. Deve-se-lhe culto, submissão, serviço, e principalmente amor, ações de graças e orações; em uma palavra, adoração e amor». Em 1833, Nicolau I punia todo aquêle, inclusive padre, que se opusesse a conversões de católicos à Igreja Nacional. Depois do domínio comunista, a Religião é desprestigiada e, dentro de algumas gerações, não haverá nenhuma crença entre o povo.

RE O MUNDO

QUEM DISSE ISTO?

1 — O nascimento me fêz católico; a leitura da Bíblia me tornou protestante, e a razão me fêz ateu.

2 — Trata tua mãe como uma deusa e teu pai como um deus.

3 — Com aquêle que é bom, eu sou bom; com aquêle que não é bom, eu sou bom também.

4 — Para ter boa ordem em sua família, é preciso, antes de mais nada, se corrigir de tôda paixão viciosa.

5 — Os tiranos nunca dormem.

(Respostas na pág. 38)

OBRA PRIMA DE DOIDOS

Houve numa cidade de França, há mais de oitenta anos, um alienado que se julgava grande pintor. Sempre que havia visitas ao manicômio onde estava recolhido, mostrava o louco a tela «Passagem do Mar Vermelho». Mas a tela estava completamente virgem de pincel e tinta. Tôda branca. Uma senhora, querendo mostrar-se espirituosa, perguntou ao «artista»:

— Mas, onde está o Mar Vermelho?

— Secou, às ordens de Moisés. — Respondeu o doido.

— E os hebreus? — Insistiu a senhora.

— Já passaram, diz o alienado, impassível.

— E os egípcios? — Tornou a visitante desejosa de confundi-lo.

— Ainda não chegaram...

A ANEDOTA ILUSTRADA

O QUE LEMBRA ESTA GRAVURA?



Recorda um dos mais pitorescos episódios da alma humorística dos cearenses, quando, depois de quinze dias de chuvas ininterruptas em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, o povo se reuniu na Praça do Ferreira e vaiou o sol, quando êste apareceu entre nuvens. O caso é mesmo paradoxal, para uma «vaia ao sol», no Ceará, não porque tenha êle ficado tanto tempo a ocasionar sêcas, mas sim porque se deixou substituir pela chuva! E' fato único naturalmente, na história do mundo.



CASAMENTO NO CÁRCERE — Êle se chama Aldo Tersiglio, tem 30 anos de idade; ela, Sílvia Risso, com 27. Ambos estavam cumprindo pena na cidade de Impéria, Itália, quando voltaram a reconhecer-se na prisão. Antes disso se conheciam mui vagamente e jamais imaginaram que se casariam. O amor nasceu entre as grades de suas celas, e aumentava à proporção que seus olhares furtivos se encontravam nas trevas da prisão. Um dia manifestaram seus desejos à direção da penitenciária. O caso foi analisado e lhes deram licença para o matrimônio. Embora ainda faltasse mais da têrça parte para cada qual cumprir a pena, foi-lhes concedida a liberdade condicional, em face de suas excelentes condutas. E o amor os aprisionou para sempre...

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Em que local do Rio está colocada a estátua de João Pessoa:
— Em Copacabana?
— Em Ipanema?
— Em Botafogo?

2—Desde que ano data a instalação do Museu Nacional:
— Em 1893?
— Em 1808?
— Em 1906?

3—Qual a extensão da Estrada de Ferro do Corcovado:
— Cinco quilômetros?
— Cinco mil metros?
— Três quilômetros e 600 metros?

4—Em quanto foi estimada a receita do Estado de Minas, para 1953:
— 2 e meio bilhões de cruzeiros?
— Um bilhão e 500 milhões?
— Quatro bilhões?

5—Quantas linhas interurbanas de ônibus há em Minas atualmente:
— Duzentas e trinta e seis?
— Seiscentas e duas?
— Cento e oitenta e nove?

6—Por que motivo é famosa a cidade mineira de Congonhas:
— Em virtude de suas águas termais?
— Por ter nascido ali, o Tiradentes?
— Pelas obras do Aleijadinho?

7—Qual o mais alto farol do Brasil:
— O de Cabo Frio?
— O de Maceió?
— O da Bahia?

8—Que vem a ser, em língua indígena, "Paraguaçu":
— Casa Grande?
— Grande Chefe?
— Rio Grande?

9—Em que ano morreu Humberto de Campos:
— 1936?
— 1934?
— 1940?

10—Em que lugar do Brasil foi construído o primeiro hospital para marítimos:
— Em Angra dos Reis?
— No Recife?
— Na praia de Jurujuba, Niterói?

11—Qual a área da ilha de Paquetá, em quilômetros quadrados:
— Um quilômetro?
— Dois?
— Três e meio?

12—Em que serra brasileira fica o pico chamado "Dedo de Deus":
— Na dos Órgãos?
— Na Tijuca?
— Na Mantiqueira?

13—Em que função foi Euclides da Cunha a Canudos:
— Como engenheiro militar?
— Como repórter?
— Comandando um batalhão de voluntários?

14—Qual o rio que forma a extensa cachoeira das "Escadinhas":
— O Doce?
— O das Velhas?
— O S. Francisco?

15—Que nome tinha Feira de Santana, na Bahia, primitivamente:
— Olhos d'Água de Santana?
— Feira Grande?
— Santana dos Olhos d'Água?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na pág. 38)

SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUIZ FRAGA

CONTINUAM os nossos leitores do interior e da capital, a escrever relatórios, cartas e simples perguntas. Infelizmente, não mantemos um consultório sentimental. Procuramos difundir os conhecimentos da especialidade, não para médicos e «entendidos» que, de certo, criticarão o que faço, sem atinar com a intenção que deveria amparar a simpliciadde de nossos trabalhos. Hoje respondendo a uma carta de Recife, dum jovem estudioso, passaremos a falar de «vertigem». Vertigem é um sintoma das sindromes vestibulares e indica perturbações do equilíbrio. O seu alcance semiológico é bem maior do que se pensa. Ela dá uma sensação ilusória de deslocamento de nosso corpo com relação aos objetos que nos cercam ou dêstes objetos em relação com o nosso corpo. Estas sensações vertiginosas podem ser comparadas à que produz um movimento rotatório, tal como uma série de voltas em tôrno do mesmo lugar. Tem-se a impressão, às vêzes, de que os objetos giram em tôrno de nós, outras, de que nós é que giramos em tôrno dos objetos. Vêzes outras temos a sensação de sermos levados para a frente ou para trás, ou para os lados.

● Sempre que as sensações são idênticas, isto é, têm a mesma direção, tomam o nome de sistematizadas. Sofremos, concomitantemente com a vertigem, distúrbios na manutenção do equilíbrio, de grau variável, desde a impossibilidade de nos mantermos de pé, ou de andar, sem cair, até o caso em que nos possamos manter de pé, realizando contudo, movimentos compensadores com os membros superiores e inferiores, ou segurando-nos às paredes. As vertigens são sempre acompanhadas de sensação desagradável, chegando mesmo à ansiedade, palpitações, náuseas, suores frios, etc. A vertigem pode ter início bruscamente, qual seja a posição em que nos encontremos. Será passageira ou permanente, constituindo, então, um verdadeiro estado de mal vertiginoso.

VERTIGENS DAS ALTURAS — São as que experimentamos em lugares elevados.

ENJÔOS — As oscilações desiguais que sofrem os navios ou outras quaisquer embarcações, determinam movimentos desiguais na endolinfa, irritando as terminações do nervo vestibular. Nisto há um coeficiente pessoal variável, com evidente influência psíquica.

O equilíbrio é o resultado duma série de atividades automáticas contínuas. Quando há alterações nessas atividades tem lugar a sensação vertiginosa. O equilíbrio resulta de uma série de estímulos periféricos que atuam sôbre a vista, sôbre o aparelho vestibular e sôbre a sensibilidade profunda.

● **São várias as causas das vertigens e elas se podem classificar da seguinte forma, que não será descrita separadamente neste momento por falta de espaço: Vertigens fisiológicas e orgânicas; vertigens labirincas, auriculares, visuais, vertigens das afecções do sistema nervoso, em afecções do aparelho circulatório, paralisante. Nas neuroses e psiconeuroses encontramos as vertigens funcionais. Os neurastênicos com fobias, apresentam vertigens. Nestas páginas publicamos um caso de claustrofobia, numa cliente nossa que sofria de vertigens sempre que entrava num elevador, num carro, etc. tendo passado quatro anos sem sair de Copacabana, onde residia porque receava atravessar o túnel. Sempre que encontrarmos alguém queixando-se de vertigens, deveremos fazer examinar atentamente o seu ouvido e de todo o sistema nervoso, cérebro, em particular, encaminhando-o a um especialista.**

Tôda correspondência deverá ser dirigida ao Consultório de Psicologia e doenças nervosas:
Dr. Luiz Fraga — Rua Senador Dantas, 76 - 4º — Rio de Janeiro.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● EUFRÁSIA — (Rio).

SONHO: Saí a passeio com minhas duas irmãs e subíamos uma rampa gramada, escondendo-nos de alguém que se encontrava do outro lado. No regresso, eu vinha de braço dado com um rapaz louro (meu namorado é moreno) e me sentia contrafeita, pois meu futuro noivo podia ver-me e não ficaria bem para mim. Dirigimo-nos à companhia em que trabalho e, quando esperava o elevador, tive o pressentimento de que meu namorado ia descer. Antevi-me numa situação embaraçosa, pois o rapaz louro de nada sabia. Quando a porta do elevador se abriu, realmente êle saiu; separei-me do outro. Êle, então, mostrou-me o pé esquerdo machucado, dizendo-me que havia levado uma queda. Chegando ao escritório, telefonei para contar a situação a uma amiga, porém o telefone não dava sinal; tentei outra vez fazer a ligação, mas inùtilmente; o telefone estava mudo.

INTERPRETAÇÃO — Começando a analisar seu sonho, vejo como ponto principal e que abrange todo o conjunto, a «mudez» do telefone em que você não conseguiu falar. Isto dá-me o ensejo de verificar que há um colapso entre a sua consciência humana e seu eu interno. Ou, antes, um choque entre matéria e espírito. Há um antagonismo marcante em seu psíquico: — diferença de tipos dos rapazes — obrigando-a a não sentir estabilidade em cousa alguma, provocando uma oscilação sensível em suas convicções. Você procura ocultar (esconder-se de alguém) algo que no momento a preocupa e essa preocupação se estende a seu amado que você julga desanimado e sem fôrça para enfrentar essa situação (pé machucado). Você procura reanimá-lo, mas, no íntimo, não acha viável uma situação clara e definida entre ambos. Para conseguir equilibrar-se (alternativa de amor) é necessário consultar seu coração e sentir se, em verdade, ama seu namorado e se será capaz de sacrificar-se para conduzi-lo ao caminho da felicidade.

● ISIS — (Rio).

Sonhei com um globo monumental, de côr azul, riscado de inúmeras listas horizontais, paralelas e equidistantes, nas quais se lia: «A Religião do Futuro se assemelhará a êste globo».

INTERPRETAÇÃO — O mundo atravessa uma fase de lutas, sofrimento e incompreensão de tal natureza alarmante que, de quando em vez, uma mensagem chega até nós, trazida pelo Invizível e nos adverte da necessidade de alargarmos os nossos horizontes e, com amor, vencermos as fronteiras do ódio, unindo-nos a todos os povos do «globo». A côr azul é o símbolo da pureza, pois sabemos que os raios de luz azul são tão refratários à corrupção que não chegam até a terra, voltando para sua origem infinita, indo para a abóbada celeste. E desta simbiose de dor e de fé (enorme globo de côr azul) teremos que sair para dar passagem à grande e única religião — a religião do amor e da renúncia. O programa desta religião mundial está sendo elaborado por um pugilo de homens e mulheres de mentalidade sadia e sentimentos amoráveis, que, por processo especial se dirigem à Divindade e dela espera a realização de suas súplicas. Resta-nos, portanto, neste crepúsculo de civilização material êste grande consôlo: a Paz voltará à terra. Seu sonho, Isis, é apocalítico. E seu nome indica, bem como sua letra, que você será capaz de desvendar os mistérios dos símbolos que se apresentam em seu sonho.

● HÉLIO OSWALDO — (Rio).

SONHO: Eu passeava por uma rua com minha namorada. O céu estava nublado. De repente surgiu uma nuvem de morcegos escurecendo a rua. Rodearam nossas cabeças e vários dêles investiram contra minha namorada. Ela se abraçou a mim, escondendo o rosto no meu peito e eu, com o paletó, ataquei-os, matando-os. Um dêles chegou a tocar minha cabeça e eu o esmaguei com a mão.

INTERPRETAÇÃO — Sonhar que caminhamos é a representação «camuflada» na figura de sintaxe que a cada passo empregamos: caminho da vida, estrada do destino, «via-crucis» dos que sofrem. Sonhar com tempo claro ou nublado — como no seu caso — é a representação simbólica das fases que atravessamos: épocas felizes e alegres, ou dias aziagos, quando nossos pensamentos se tornam sombrios (tempo nublado) e nosso ânimo se abate (perseguição pelos morcegos). O morcêgo, por seu aspecto repugnante e por ser chamado de vampiro, simboliza perda de fôrças e perseguições amorosas (no seu sonho, êles investiram contra sua namorada). Felizmente, entretanto, você se sente encorajado para amparar sua futura noiva (proteção que ela buscou em seu peito), sendo capaz de afugentar com sua dedicação todos os que pretendem roubar a sua felicidade (morcegos que rodearam a cabeça de ambos). E' possível que, como todos os que amam, você também se sobressalte com ciúme (morcêgo que chegou a tocá-lo) e julgue que não é amado. Confie, entretanto, Hélio Oswaldo, em seu valor pessoal e procure dar provas do seu amor, enfrentando com coragem tôdas as situações que se apresentam, por mais difíceis que lhe pareçam.

BONITO DEMAIS?

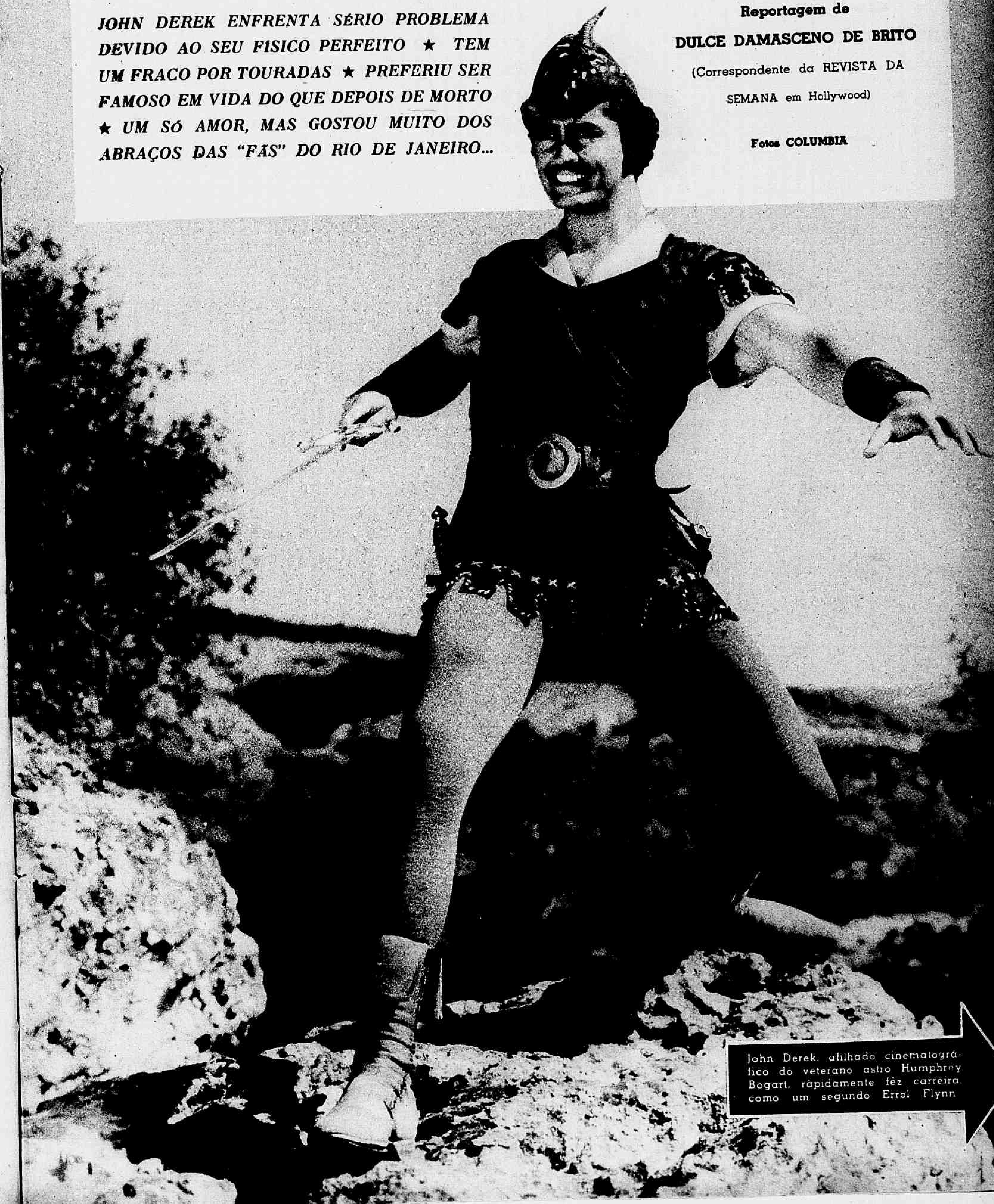
JOHN DEREK ENFRENTA SÉRIO PROBLEMA DEVIDO AO SEU FÍSICO PERFEITO ★ TEM UM FRACO POR TOURADAS ★ PREFERIU SER FAMOSO EM VIDA DO QUE DEPOIS DE MORTO ★ UM SÓ AMOR, MAS GOSTOU MUITO DOS ABRAÇOS DAS "FÃS" DO RIO DE JANEIRO...

Reportagem de

DULCE DAMASCENO DE BRITO

(Correspondente da REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

Fotos COLUMBIA



John Derek, afilhado cinematográfico do veterano astro Humphrey Bogart, ràpidamente fêz carreira, como um segundo Errol Flynn

BONITO DE MAIS?

HOLLYWOOD tem sido o lugar onde impera a beleza física — para cujos estúdios convergem as mulheres mais lindas do mundo em busca de uma chance para exibirem o que a Natureza lhes proporcionou. Tal coisa não acontece, porém, só com o elemento feminino, pois o cinema está cheio de rapagões bonitos e atléticos. Alguns dêles orgulham-se dessa qualidade; outros — como Robert Taylor, Marlon Brando e John Derek — procuram **enfeiar-se** interpretando papéis rudes, a fim de não terem taxados como tipos afeminados.

— A coisa mais importante para um homem é a masculinidade! — declara-me John Derek quando o entrevisto nos estúdios da Colúmbia, entre cenas de «Mission Over Korea», seu novo filme ocm John Hodiak e Audrey Totter. O jovem e simpático ator relembra o tempo em que interpretou o **gangster** bonito em «O Crime Não Compensa», com o seu **padrinho** Humphrey Bogart e continua: — Considero aquêle o melhor papel da minha carreira, mas não é porque **representei** um personagem dêsse tipo que deverei ser eternamente taxado como um Adônis! E' para fugir a essa estandardização que estou aceitando os mais variados papéis que me oferecem: aventureiros como em «O Filho de Robin Hood», filho de político em «A Grande Ilusão», jogador de futebol em «Ídolo Dourado», assassino em «O Segrêdo», repórter em «Escândalo», espadachim romântico em «Príncipe dos Piratas», **cow-boy** em «The Last Posse» e pilôto americano na Coréia neste novo filme. E, assim por diante, pretendo ir variando sempre de «roles» até adquirir a necessária experiência dramática que me tornará um verdadeiro ator.



Com a «estrêla» cinematográfica Barbara Rush no filme «Princesa dos Piratas», o mais recente dos trabalhos do «astro» John Derek.

E' interessante ouvir um rapaz já tão famoso como John Derek falar tão humildemente dos seus planos futuros. Qualquer outro que gozasse da sua incrível popularidade nos Estados Unidos e no estrangeiro, considerar-se-ia «consagrado», mas... não o nosso herói! Êle acha que tem muito que aprender e, para isso, nada melhor do que trabalhar no maior número possível de filmes. Em 1952, John declinou das suas férias na Columbia, preferindo ser **emprestado** à Republic para filmar «Thunderbirds». Tudo é experiência para êle. Últimamente, em companhia do seu grande amigo mexicano, Luís Solano — que, há pouco tempo, estêve de amôres com Lana Turner — John tem ido a Tijuana praticar... touradas!

— Tenho verdadeira paixão por êsse esporte (?!) — diz o astro — e algum dia ainda hei de interpretar um toureiro na tela, mas... **sem** usar «doubles»...

Êle apanha o casaco de John Hodiak da cadeira e exibe à repórter da REVISTA DA SEMANA alguns passos de uma pretenso-tourada. Não posso deixar de admitir que Derek tem muita habilidade e uma certa pose que só é encontrada nos latinos. Daria, pois, um perfeito toureiro. E, ademais, ficaria maravilhoso com as roupas características, embora êle não queira mais ouvir falar em beleza na sua frente... Dizem que, quando filmava «O Segrêdo», o departamento de «maquillage» do estúdio teve um grande problema com as pestanas de John. Nas cenas bem dramáticas não queriam que êle aparecesse muito arrumado, mas, por mais que enfeiassem John, seus olhos pareciam sempre maquilados, pois seus cílios são demasiado crespos. Assim, ao contrário das «estrêlas» — que precisam ter as pestanas cuidadosamente curvas, o nosso herói foi obrigado a submeter-se a outra operação; desviraram-lhe os cílios!

Apesar de ser um dos galãs mais promissores da nova geração, John Derek jamais tirou partido da sua popularidade e não conta em sua vida com nenhum escândalo amoroso. E' um bom marido para a

Derek já estêve na cidade do Rio de Janeiro: mas, ainda pouco divulgado nas telas, não recebeu as homenagens que merece atualmente.



O moreno de olhos verdes, que tem transtornado a cabeça das fãs da nova geração, foi o herói do filme cinematográfico «Ídolo Dourado».

francesinha Pati Behrs, que conheceu quando ambos tentavam a carreira artística em Hollywood, à qual ela renunciou para cuidar do lar.

— A princípio, minha ambição era ser pintor, — diz John — mas depois cheguei à conclusão de que os artistas plásticos só se tornam famosos depois de mortos... E, se você não acha muito estranho, eu queria ser conhecido ainda em vida...

Com seus pais diverciados quando contava apenas 5 anos, John foi guiado na vida por um amigo da família, Russ Harlan, veterano **camera-man**. Foi Harlan que o incentivou a tentar o cinema. Um dos poucos atores nascidos em plena Hollywood, John jamais pensou em teatro como a maioria dos seus colegas.

— Fui criado neste ambiente tipicamente hollywoodiano — declara Derek — ouvindo falar só em filmes e até **respirando** cinema o dia todo...

Foi contratado por David Selznick quando tinha apenas 18 anos e fêz pequenos papéis em «Desde que Partiste» e «I'll Be Seeing You», mas Tio Sam chamou-o para servir o país e a sua carreira foi interrompida. Como pára-quedista da Fôrça Aérea Americana, John estêve nas Filipinas e no Japão, de onde trouxe uma infinidade de **souvenirs** para Pati, seu primeiro e único amor. Ao voltar do teatro da guerra, John soube que a Colúmbia estava procurando um rapaz do seu tipo para ser o **Nick Romano** de «O Crime Não Compensa». Arranjou um agente e apresentou-se para o papel. Humphrey Bogart entusiasmou-se pelo seu **test** e não sossegou enquanto a Colúmbia não contratou o rapaz que, então, ainda se chamava Derek (apelido **Dare**) Donovan Harris. Bogart sugeriu uma adaptação mais fácil do nome do novo **astro** e batizou-o como John Derek. Mal assinou o contrato, John telefonou a Pati e disse entusiasmado: «Já posso sustentar uma espôsa. Quer se casar comigo HOJE?». Ela aceitou e voaram para Las Vegas. Não tiveram lua-de-mel porque John deveria se apresentar no **set** na



Admirador do Brasil, John Derek adquiriu bônus do Quarto Centenário da Cidade de S. Paulo, e tem desejos de estar ali no ano de 1954.

NOTICIAS DE SÃO PAULO

MARCOS GASPARIAN, conhecido industrial, reuniu, em sua esplêndida residência, alguns jornalistas e intelectuais, a fim de lançar condignamente o seu romance de estréia: «Meu Amigo Roberto», prefaciado pela sra. Leandro Dupré. Estiveram presentes ao coquetel, entre outros: Helena Silveira, José Geraldo Vieira, Jamil Almansur Haddad, Mário da Silva Brito, José Tavares de Miranda, Maria de Lourdes Teixeira, Odete de Freitas, Hernâni Seabra e sra., Darcy Penteado, Maria José Dupré, José Nabantino Ramos e sra., Domingos Carvalho da Silva e sra., Paulo Bonfim, Reynaldo Bairão.

★

SAIU, na capital bandeirante, num lançamento da Livraria Martins Editôra S. A., o livro de poemas de Dantas Motta: «Anjo de Capote». Êsse livro estava sendo ansiosamente aguardado há muitos meses.

★

E, POR FALAR em poesia, foi um sucesso de crítica o novo livro de Mário da Silva Brito: «Biografia». Trata-se de uma obra em que o seu autor se renovou completamente, enveredando por um caminho bem diferente daquele que trilhava, quando publicou «Três Romances da Idade Urbana», em 1946.

★

A LITERATURA infantil está de parabéns. Acaba de sair, pelas Edições Melhoramentos, o último livrinho de Elos Sand: «O Coelho e a Onça», com ilustrações de Lisa Modern.

★

SURGIU em Campinas, Estado de São Paulo, um poeta novíssimo. Seu nome é Heládio Brito. Seu livro tem por nome: «Cantigas de Quem-Será». A ilustração da capa traz a assinatura de Lélio Coluccini, também um nome desconhecido de novíssimo. A obra é simples, sentida e possui unidade.

★

EM SEGUNDA EDIÇÃO, a Livraria Martins Editôra S. A. lançou recentemente o romance de Leão Machado, prêmio da Academia Brasileira de Letras, «Espigão de Samambaia» A capa é de autoria de Darcy Penteado.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● CONFLITOS SENTIMENTAIS — Iniciando uma série de edições de peças teatrais, os Irmãos Pongetti abrem-na com «Conflitos Sentimentais», de Celso Kelly. Autor experimentado, particularmente no gênero, Celso Kelly, ensaísta, contista, crítico e educador tem pelo teatro um grande carinho. As peças, em um ato, que ia escrevendo, foram arrancadas pelo P.E.N. Clube do Brasil, para serem lidas em sua sede, alcançando o maior sucesso. Essas as seis peças ora reunidas pelos irmãos Pongetti, num belo volume, intitulado «Conflitos Sentimentais». De fato, os argumentos encerram os sutis conflitos românticos da sociedade contemporânea e alguns de seus mais graves problemas. Constituem a leitura agradável de todos: é perfeitamente possível afirmar que cada leitor se encontrará numa das difíceis situações dêsse livro, que revela o forte poder de penetração psicológica do autor. A linguagem é das mais claras e convidativas, prendendo, pelo enrêdo bem urdido, a atenção do leitor.

● PORTUGUÊS PRÁTICO — Mostrando a beleza de nossa língua, Marques da Cruz escreveu «Português Prático», especialmente para a primeira série do Colégio (clássico e científico). Trabalho de muito valor. (Edições Melhoramentos.)

● HISTÓRIAS ESCOLHIDAS — Adaptando o nosso folclore à juventude, nosso confrade João Guimarães está cuidando da terceira edição de suas «Histórias Escolhidas».

● CURSO DE MATEMATICA — Os compêndios de matemática do professor Algacir Munhoz Maeder abrangem os vários graus do currículo escolar, inclusive o comercial. Especialista na matéria, o autor vê seus volumes esgotar-se ràpidamente. Para a primeira série do Ciclo Colegial acaba Algacir M. Maeder de estampar a sétima tiragem do seu «Curso de Matemática», perfeitamente sintonizado com as exigências dos programas oficiais.

● HISTÓRIA NATURAL — Paulo Décourt é um dos maiores nomes do Brasil no vasto terreno biológico. Sabendo ensinar o que sabe, as páginas de seus livros valem por lições vivas, palpitantes e fascinadoras, como se o mestre estivesse a dizê-las em pessoa. As Edições Melhoramentos — que já publicaram, do eminente professor, muitos outros compêndios — acabam de tirar do prelo a terceira edição, para o Ciclo Colegial, da magnífica «História Natural» (Biologia Geral e Zoologia), farta e inteligentemente ilustrada.

● FÍSICA — Feita em moldes experimentais, a aprendizagem da física torna-se uma legítima fascinação. A habilidade está em dar-lhe, ao estudo, orientação objetiva. Tal é o rumo do compêndio «Física», do professor Aníbal Freitas, já bastante conhecido pelos seus livros do assunto.

A presente «Física» destina-se à segunda série do Ciclo Colegial.

UM AUTOR:

DA COSTA E SILVA



FORAM REEDITADOS recentemente os livros do poeta Da Costa e Silva — «Sangue», «Zodiaco» e os outros. A propósito dessas obras completas do torturado poeta do Piauí, escreveram-se alguns frios comentários de crítica e algumas páginas de caloroso afeto. Êle é, sem dúvida, um de nossos mais significativos poetas do princípio do século.

● Sua filiação vem do satanismo francês. E' certo que seus primeiros afetos foram Antônio Nobre e Cruz e Souza. Entretanto, a sensibilidade agudíssima, a inquietação do temperamento, a amargura e a revolta interiores fizeram dêle um poeta violento, ao qual não sabia as delicadezas simbolistas. Cuidando da forma com carinhos extremos, foi um grande versificador, sem deixar de ser poeta. Procurando o seu rumo, assinala-se nêle uma evolução para as formas modernas do verso, chegando alguns a falar em seu «modernismo», quando o que encontramos nêle não é uma adesão à nossa revolução literária, mas a evolução natural de um estro que sempre evoluiu, no sentido do melhor condicionamento do sentimento lírico.

● Da Costa e Silva ficou sendo, por todos os aspectos, um de nossos poetas incatalogáveis. Sua poesia é original, cheia de singularidades e bizarrices, incapaz de poder ser incluída em qualquer grupamento. Como a de Augusto dos Anjos, outro de nossos poetas singulares, êle foge a todo denominador comum. Ainda agora, diante de suas reedições, sentimos sua fôrça criadora, a exuberância de sua inspiração, seu poderoso meio de expressão. «Sangue», um livro de estréia, datado de 1908, já tem a dedada do gigante. Já mostra o que êle seria, à margem de escolas e tendências, livre, com o seu estro e sua intuição da forma. Seus versos são densos de significação. Sua arte se eleva acima dos estreitos convencionalismos da arte poética, vence orgulhosamente a estreiteza da métrica, transborda e transcende violentamente. Violento é o têrmo para a sua poesia. Nem se diga que êle foi, assim, um epígono de seu amado Verhaeren: êle encontrou no flamengo um ancestral, isso sim, um avô, cujo nome soube honrar, procurando engrandecer-se até êle, sem copiá-lo. Relendo Da Costa e Silva, redescobrimos um grande poeta quase esquecido — e sentimos sua presença, mais, sua proximidade.

UM LIVRO:

PALANQUIM DOURADO

MÁRIO SETTE é um dos escritores mais interessantes de sua geração. Se não aprendemos a ler nos seus livros, a nossa geração, pelo menos com êle deve muito ter aprendido a escrever. O mais curioso, entretanto, neste autor, é que seus livros agora é que estão merecendo o aprêço justo, merecido por obra de tanta monta. E' o que nos vem, por exemplo, dizer esta segunda edição do romance histórico, «O Palanquim Dourado», que a Livraria-Editôra da Casa do Estudante vem de apresentar. Revendo estas páginas, acompanhando as aventuras dos personagens de Mário Sette, a sua narrativa de bom estilo, em excelente linguagem, é que podemos melhor avaliar quanto foi injustiçado, por tanto tempo, o escritor pernambucano que escreveu êste livro, como tantos outros dignos de um lugar eminente, em nossa literatura.

● Acontece entretanto que Mário Sette foi um escritor de época de transição. Depois, sua produção principal foi provinciana. Êle não se preocupou nem com o tempo, nem com a sagração da Metrópole. No seu Pernambuco escreveu, de seu Pernambuco. Êsse ambiente, se lhe negou a popularidade merecida, por outro lado conservou-o puro. Vejam êste belo romance tecido de uma intriga romanesca e, ao mesmo tempo, tendo como fundo a luta pela emancipação do Brasil. Nisso, vemos um amor da terra e da gente brasileira, um afeto constante e solícito, a cujo serviço estava o talento do criador e a fôrça do escritor de primeira ordem. Seus livros, êste, principalmente, falam bem dessa vocação de artista e de patriota — sem patriotada. O livro é doce, sentido, a aventura romanesca é bem tratada, tanto na própria urdidura, como no estilo de uma amenidade que só encontra parelha no vigor da linguagem. Da melhor linguagem, sendo muito de notar-se a habilidade do escritor em aproveitar a língua como elemento, apresentando ao lado do falar português, os particularismos regionais de uma linguagem brasileira em formação nos remotos tempos em que situa a história.

● Não precisamos dizer muito dêste romance despretensioso e fascinante, onde o enrêdo se mistura à boa lição histórica. Uma segunda edição sempre fala por si mesma. E estamos certos de que os que desconhecem o livro terão a grata surprêsa de encontrar um escritor que tem todo o sabor do presente, um romance que possui todos os valores de obra recém-escrita.



Um modêlo rico, em tulle sôbre fôrro de cetim. Tem o corpo de renda e uma aplicação em painel na saia, também de renda, na frente e atrás, prologando-se na cauda. A saia forma babados laterais. Grinalda formada com um babado tulle plissado e armado.

Linda como um quadro...

MUITO antes de seu casamento você já estará pensando no vestido de noiva e nos diversos acessórios que a tornarão mais encantadora, transformando-a — no dia mais feliz de sua vida — num belo quadro de harmonia perfeita. Para isso é preciso que não haja notas destoantes em sua tualete. Eis alguns conselhos que a ajudarão:

● Tôda vez que fizer uma prova de seu vestido de noiva, use os sapatos e a roupa de baixo que vestirá no dia do casamento (principalmente cinta e soutien). Poderá mesmo deixá-los na casa da costureira até à última prova e pedir-lhe que os remeta junto com o traje nupcial. Isso é importantíssimo para que êle caia com perfeição e modele impecàvelmente seu corpo. Peça à costureira que ponha na bainha do vestido, em tôda volta, um debrum transparente, plástico, de cêrca de 10 centímetros de largura. E' possível que ela já o tenha pôsto quando você lhe falar. A cauda cairá com maior leveza e elegância e as pontas laterais não se dobrarão quando desfilar pela nave da igreja.

● Se planejar usar uma jóia de família, experimente-a com o vestido para ver se combinam. Não escolha grinaldas nem véus sem uma prova com o seu traje de noiva — ou, então, compre-os antes de fazer o vestido e deixe-os também na casa da costureira para ter uma idéia da tualete «completa». E' preciso que entre um e outro haja uma perfeita harmonia. Se vai usar um véu de família, em renda rara, escolha um vestido que esteja de acôrdo com a mesma. Não deixe a confecção do ramalhete ao gôsto do florista. Compre flores artificiais e prepare um buquê como gostaria de levar no dia das bodas. Depois mande fazer o das flores naturais exatamente iguais. Evitará a decepção de receber na última hora um buquê que não lhe agrada ou que não combine com seu vestido. Uma lembrança delicada e sentimental é colocar no buquê um raminho de botões de laranjeira ou de renda guardados do vestido de casamento de sua mãe ou de sua avó.

● Não faça uma nova permanente, nem invente um novo penteado para o dia do casamento. Poderá resultar desastroso, principalmente se a grinalda tiver sido escolhida para o penteado que você usa habitualmente. Se mudou recentemente de corte de cabelo ou de estilo de penteado, pergunte a seu noivo se gosta do mesmo. Seja natural. Evite a sofisticação ou poses forçadas. Você deve caminhar para o grande momento do «sim» com sua melhor aparência, isto é, aquela que cativou o seu eleito e fêz com que êle a escolhesse.

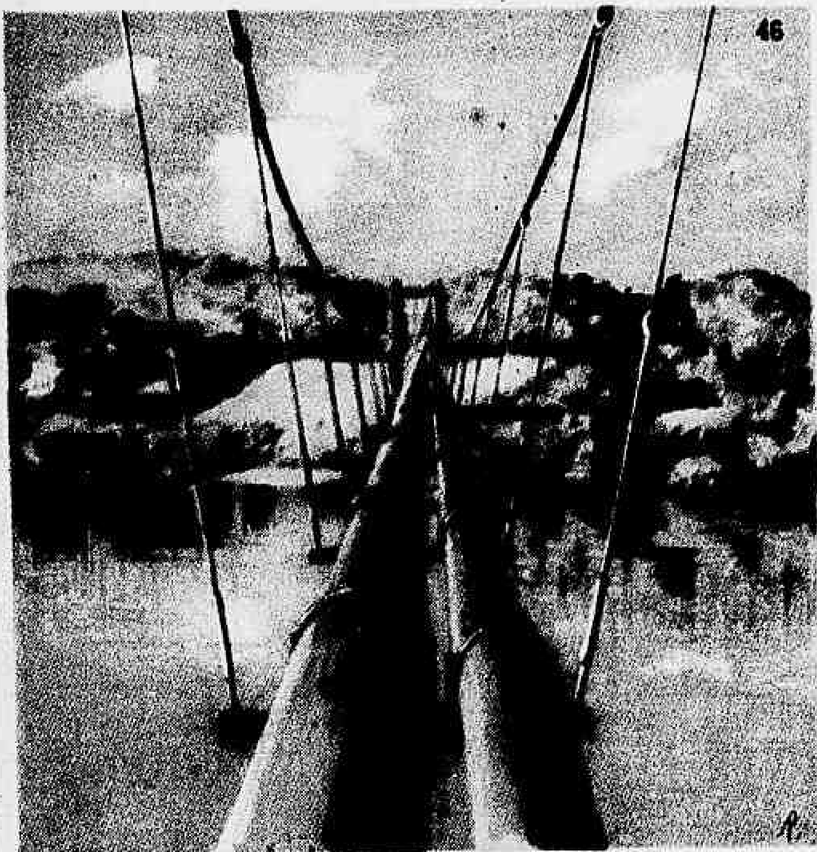
(L. I.)



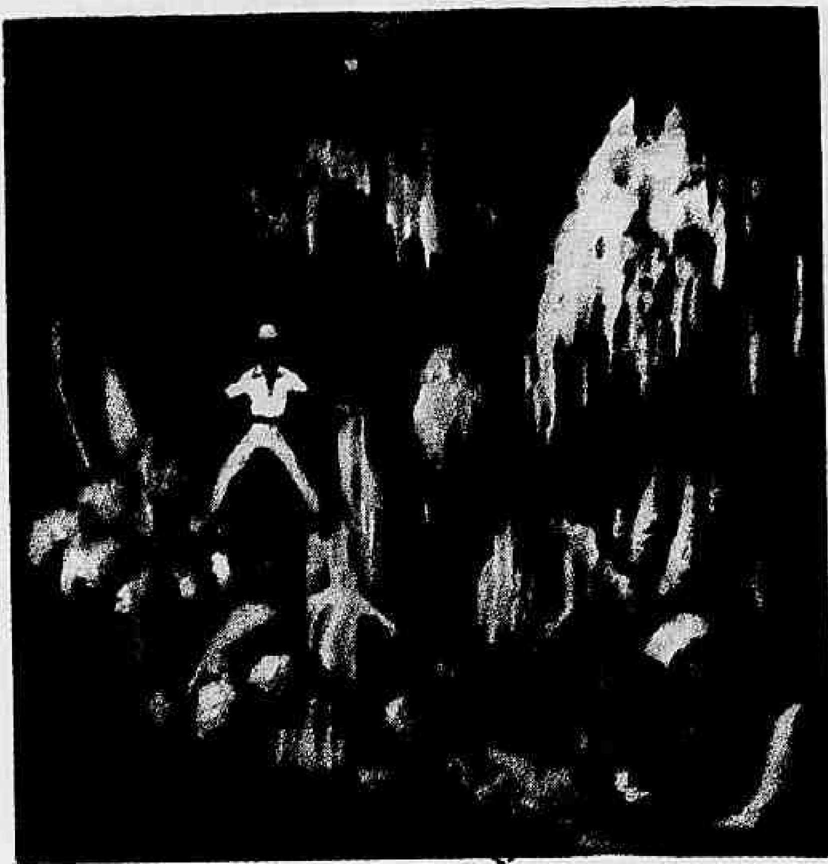
Vestido de tulle com aplicações de fina renda Chantilly formando pala, na blusa, e graciosos desenhos na saia muito rodada. Fôrro de cetim. Véu curto, clássico. Foi apresentado no desfile de noivas para 1953, organizado por Gimbels em N. York.



Vestido de noiva todo de renda, com uma parte da saia em tulle. A cauda é ampla, mas não muito comprida. Véu clássico, com 4 a 5 metros. Em vez de grinalda uma coroa bordada com pérolas. O mesmo bordado com pérolas se repete no corpo do vestido, sôbre a renda.











BANDEIRA DO PARANÁ















O "FOLLIES" POR DENTRO

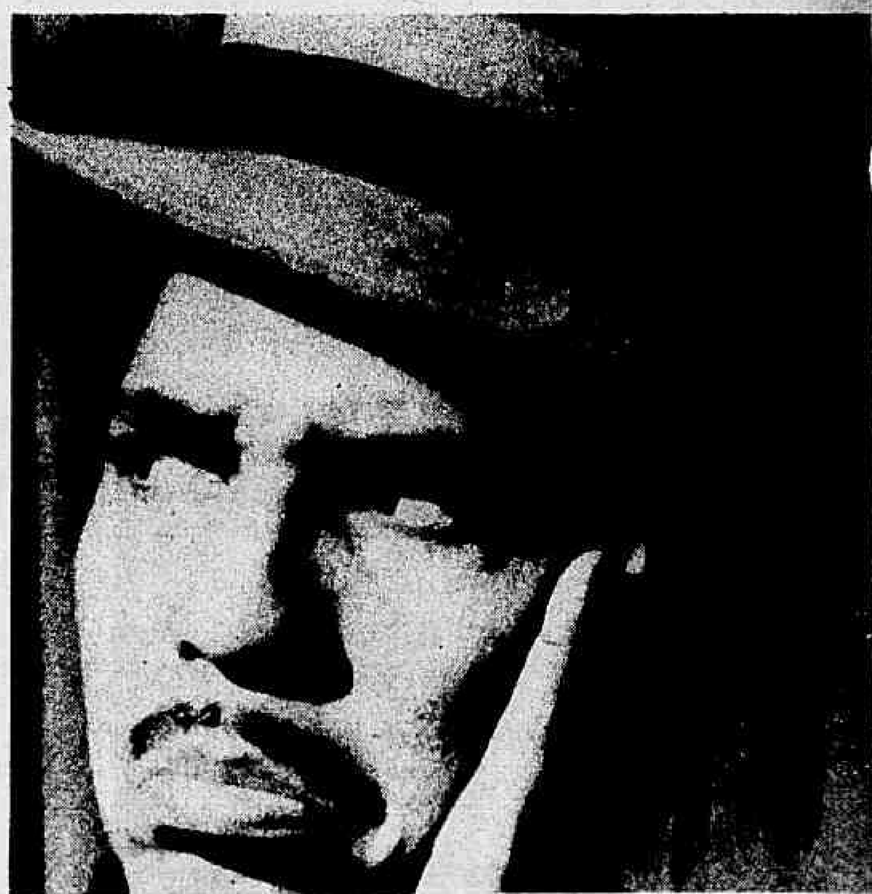


Também um sorriso brejeiro, com boa dose de malicia e duas máscaras cobrindo um lindo busto, não fazer mal a ninguém.

A VIDA É UM CARROSSEL

Texto de MENDES FRANCO

Fotos de A. VIEIRA



Colé evoluiu muito. Aliás não evoluiu, foi moralizado. Seu grande papel no Follies: Rainha da Pureza.



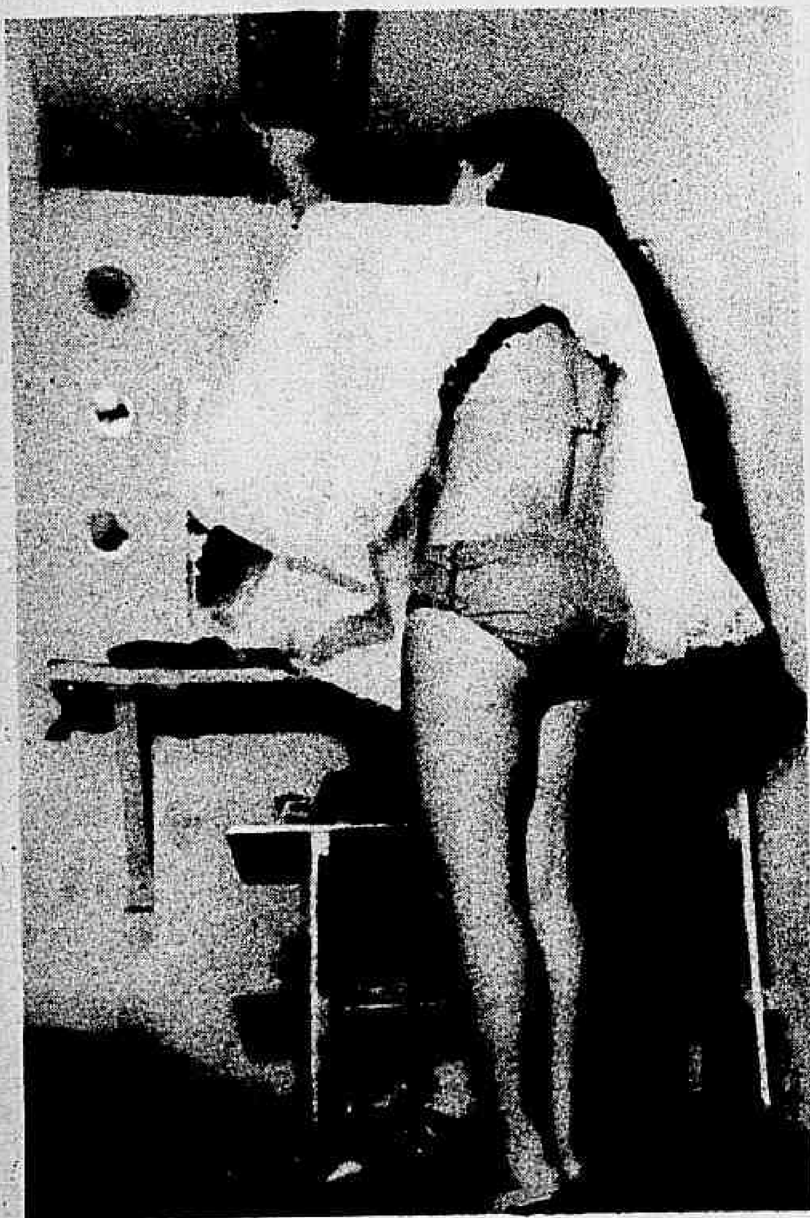
A moça que perdeu o nome chega ao teatro 60 minutos antes do começo da sessão. Isto às 19 horas. Às 3 da madrugada regressará a casa.



As roupas são as mais simples possíveis. Tudo prático para mudar de tualete em 2 minutos. Só o bikini de sêda branca é fixo e justo. Pudera!



Esta peça precisa estar bem segura ao corpo da mulher. Se cair, a gritaria será infernal. Aí apagam as luzes e pode acontecer muita coisa...



A tualete tem que estar dentro do ritmo morno de nossa música. Tudo é de fustão para melhor colorido. Um minuto para mudar de roupa.



A maquilagem é outra áfrica. Meio minuto, no máximo 45 segundos, para mudar a fisionomia. Como gastam pan-cake e craion! Os cabelos são verdadeiros. Um quadro com «Nhamby» custou mais de 30 horas de ensaio e dura apenas, dois minutos. Espécie de filmagem. Valeu o sacrifício.



Tudo pronto para entrar em cena. Ocorreu, entretanto, um detalhe muito importante, a bailarina, na confusão, vestiu a saia da colega gorda.

AQUELA mocinha morena, de corpo escultural, olhos negros e sorriso brejeiro, é o contrário de Vênus. Não tem banhas sôltas, busto pequeno e os cabelos são à «La Garçon».

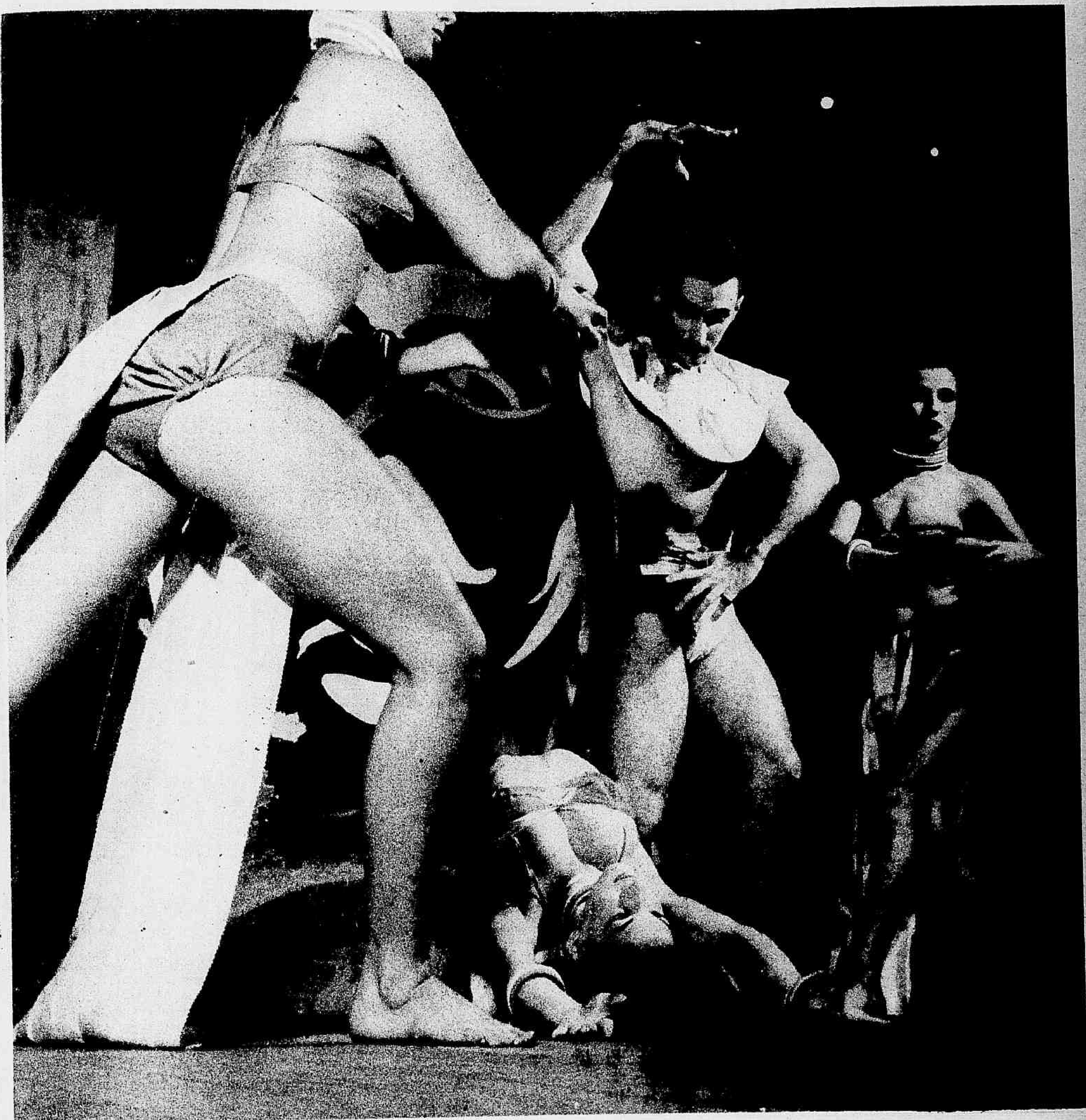
Num passado não muito distante, o chique era a mulher conhecida pelo tipo de francesa. Hoje, com o «bikini» e, sobretudo, no Brasil, com o sol de Copacabana, o «glamour» é ser morena. Uns, entretanto, preferem o que há de mais brasileiro em nossa raça: a mulata, — diga-se a verdade — coisa que não faz mal a ninguém.

Acontece que a morena não tem nome. Chama-se Nélia ou Elizabeth, Anilza, Consuelo, Lizette, Iris, Sônia, Ana Bela, Gene ou qualquer outro apelido sonoro para figurar nos programas do teatro musicado, o teatro que não requer grandes exigências. Um corpo bonito, bem queimadinho, é o principal. E se tem alguma dose de malícia, aí o mel caiu na sopa.

Poucas atingem o estrelato, permanecendo sob o pseudônimo, cantando nas «boîtes», cabarés. Aqui começa o drama que o público não vê. A jovem deve ter 25 anos, sua identidade pode ser Maria de Lourdes Campos, profissão doméstica, não sabendo ler, nem escrever. Mas agora é Isa, tem 18 anos e procede do «Moulin Rouge», de Paris... De Paris ela só conhece a Praça Paris. Cêrca de cem Isas são aplaudidas à meia-luz, nos teatros ligeiros que dominam o Rio, em particular, Copacabana.

★

Levando um considerável «handicap» sôbre as francesas, já desatualizadas e fora do re-



O público aplaude o quadro «Nhamby», fetiche do sexo, um produto de folclore afro-brasileiro e um pouco de egípcio para atrapalhar. Muito bonito.

quintado gôsto brasileiro, produto do mesclado de raças — preta, índia e portuguêsa — a moreninha, para viver, trabalha oito horas por dia, geralmente, das 19 às 3 da madrugada, quando acaba o último «show» da «boîte».

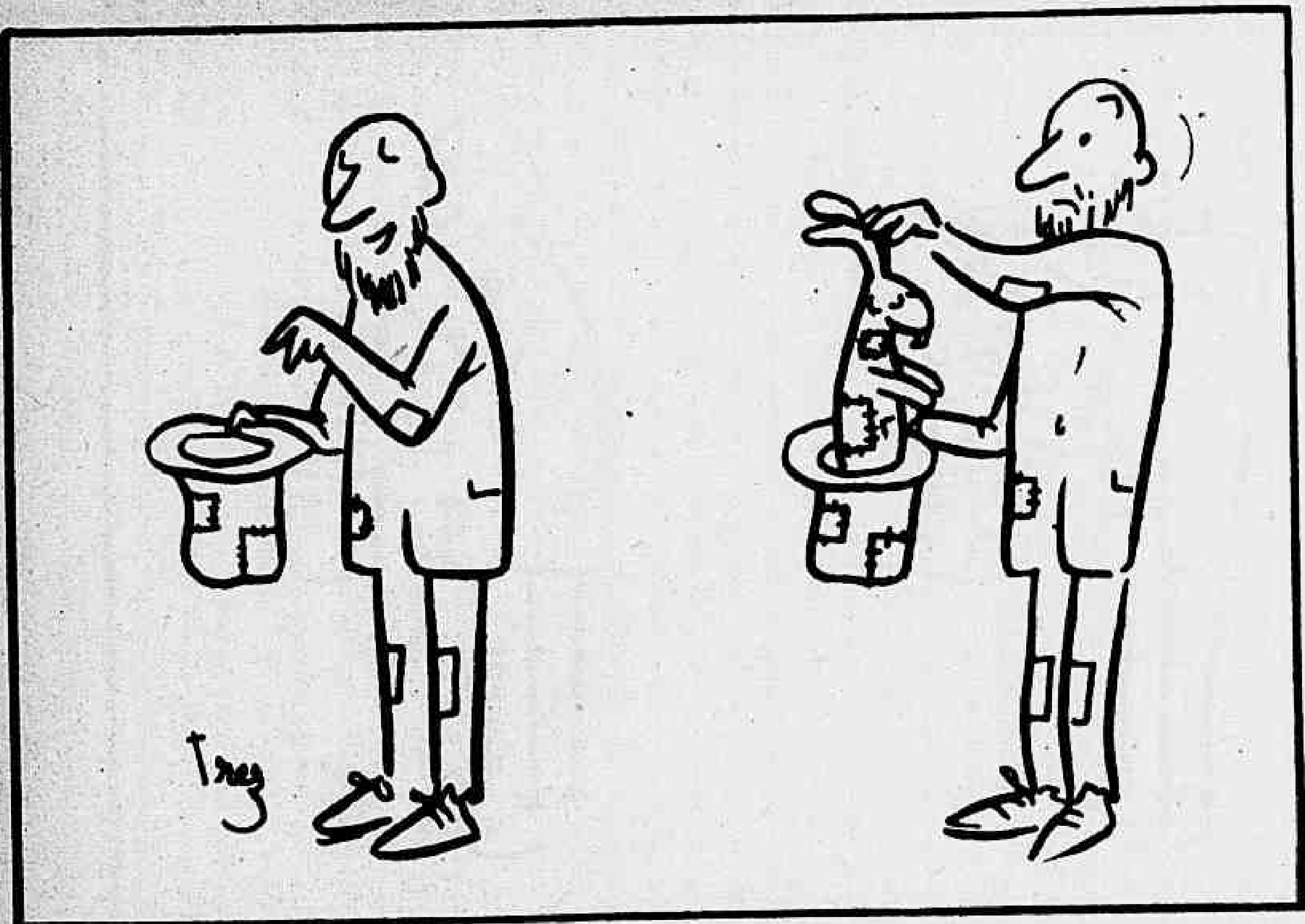
A sua vida é dura. Chega uma hora antes do início da primeira sessão. A sua roupa é a mais simples possível, com calças compridas e sapatos baixos. De um número para outro, em certos casos, como no «Follies», a mudança de tualete e maquilagem é feita em dois minutos. Tudo é rápido, pois o «Carrossel da Vida», como disse Zilco Ribeiro, não pode parar. São 20 números de fio a pavio, quase todos vivos e irrequietos, quebrados no seu ritmo pelo cantor lusitano Villaret, câmara lenta de gestos infantis sob a cortina de uma voz inexpressiva.

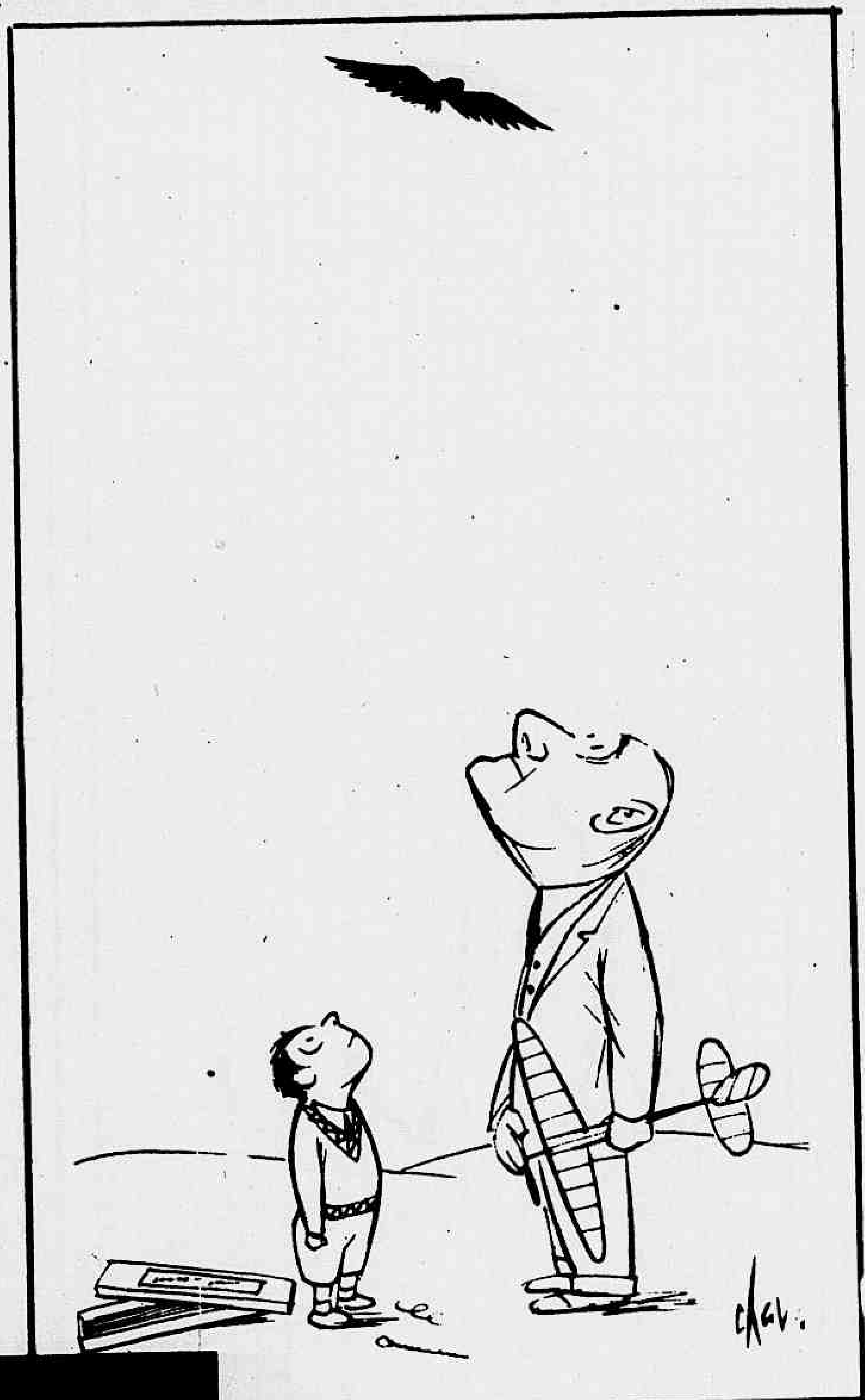
Salva Colé, um Colé diferente daquele que atuava na Praça Tiradentes, como se estivesse no «bas-fond». O resto é som morno de nossa música bem tropical. Mulheres com corpos morenos e esculturais, dançando e cantando sob a surdina de pistons. Uma espécie de «can-can» que dominou Paris e que ajudou a construir a glória de Mistinguete, Josephine Baker e outras múmias.

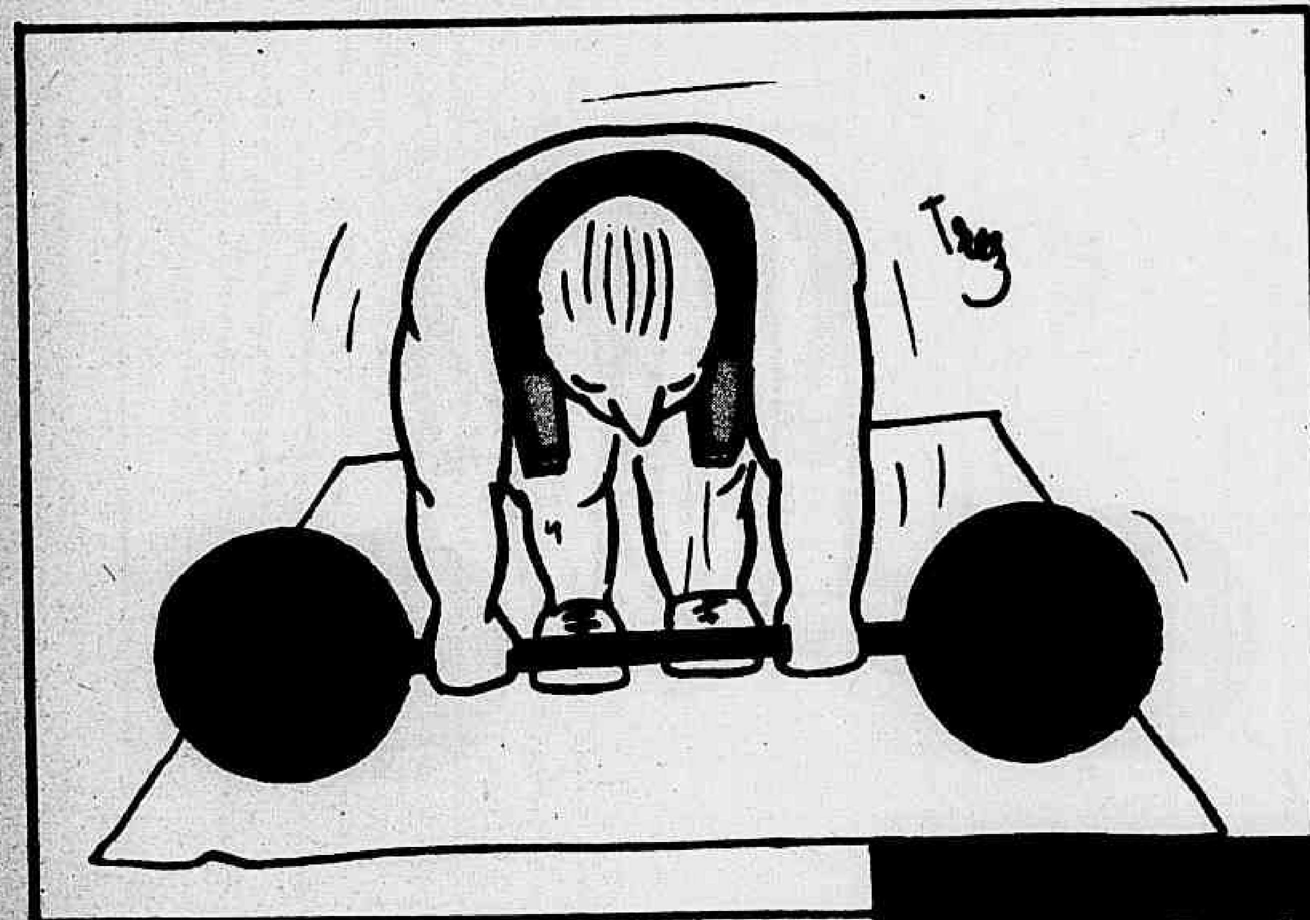
Instituído por Silveira Sampaio, em nosso país, com a função de representar teatro social, foi desvirtuado para o teatrinho musicado, o qual proliferou como cogumelo, tanto no Rio, como em São Paulo. E' prático, agradável e diverte, sem cair na licenciosidade.

E quem não pode comprar uma entrada por 40 cruzeiros, contenta-se com Copacabana, ao sol, como aquêle cearense que escreveu ao pai aflito que ficara em Fortaleza, chamando-o para casa:

— Daqui não saio, pai. O Rio é uma maravilha. A gente abre a janela de manhã cedo em Copacabana e, pra começo de conversa, vê meia légua de mulher nua.







O RISO dos OUTROS





O monumento comemorativo das glórias do 1º Regimento de Cavalaria é uma evocação singela da sua bravura no Passo do Rosário. Nessa batalha as jovens armas do império ganharam um alto crédito. Mas nenhuma das unidades que ali se engajaram, na intrepidez do fogo ou na fúria do «entrevero», tem mais direito à admiração da posteridade do que o 1º de Cavalaria, exatamente porque, inferior em número, e lançado à peleja contra fôrças nascidas e nutridas nas planícies do sul, supriu as suas deficiências com o heroísmo que raiou no holocausto. Quem salvou em Ituzaingó (nome que os platinos dão à batalha de 20 de fevereiro de 127) o exército brasileiro, foi a infantaria nortista sòlidamente formada em quadrado no terreno que se lhe tornou inexpugnável. Na sua muralha de baionetas quebraram em vão as cargas de rédea sôlta, coruscantes de lanças, terríveis e alegóricas, cujo esplendor lembrava as epopéias recentes, Brandzen ou Lavalleja recordando Kellermann, Murat e Ney. Mas outra teria sido a sorte do combate se a guarda do imperador — que era o 1º de cavalaria — não cometesse prodígios de audácia e tenacidade na proteção daquela tropa inabalável.

À esquerda, foram prontamente destroçados os voluntários do Serro Largo. Enquanto dêsse lado os batalhões de caçadores, sob o comando do general João Crisóstomo Callado, recebia e dispersava a pesada arremetida de dragões e couraceiros, Lavalle, à frente do regimento nº 4, caía sôbre a brigada do coronel João Egídio — constituído do 1º de cavalaria e do 24 de milícias —, que lhe fêz frente com extraordinário denôdo.

Rio Branco, a quem devemos a melhor súmula do episódio, diz que o 24 de milícias, morto o comandante, foi lançado fora do campo, mas «o primeiro bateu-se à espada, até ser socorrido, merecendo neste combate os elogios de todos os seus chefes o major Cabral, depois barão de Itapagipe». «Maravilhou-me (disse o maior herói dêsse dia) a resignação, bravura e brio dos que compunham o 1º regimento de cavalaria da côrte; poucos voltaram do combate, porém um só não voltou a cara ao inimigo» (O marechal Leitão Bandeira a seus caros filhos, Niterói, 1854, pág. 5). Temos um documento curioso, em que Barbacena, comandante em chefe, já no Passo de S. Lourenço, dois meses após, autorizava ao Ajudante General, Soares d'Andréa, atestasse o que requeria o coronel João Egídio Calmon de Siqueira. Foi o salvamento de quatro canhões que estiveram na iminência de ser tomados pelo adversário. «O nosso exército envolvido pelos flancos e retaguarda», ia Andréa para a direita, quando topou com quatro peças comandadas pelo tenente Mallet, cousa de 30 caçadores do batalhão 27 e «os restos do 1º regimento de cavalaria do exército, que tudo vinha retirado da direita, tendo sofrido muita perda o 1º regimento». Eis que surgem «alguns esquadrões inimigos que tinham volteado a nossa direita, retrocedemos para junto daquele pequeno grupo de tropas, e as achamos postas em ordem, e prontas para repelir o inimigo debaixo do comando do Exmo. sr. coronel Egídio Calmon, comandante da 1ª brigada de cavalaria, e não obstante a superioridade do inimigo; que tentou por duas outras vêzes tomar aquela artilharia, foi sempre tão castigado do nosso fogo e recebido com tanto valor, que abandonou por fim a emprêsa e o campo, unindo-se com grande perda aos outros corpos que estavam sôbre a nossa retaguarda».

Quem era o destemido oficial? Nascera na Bahia



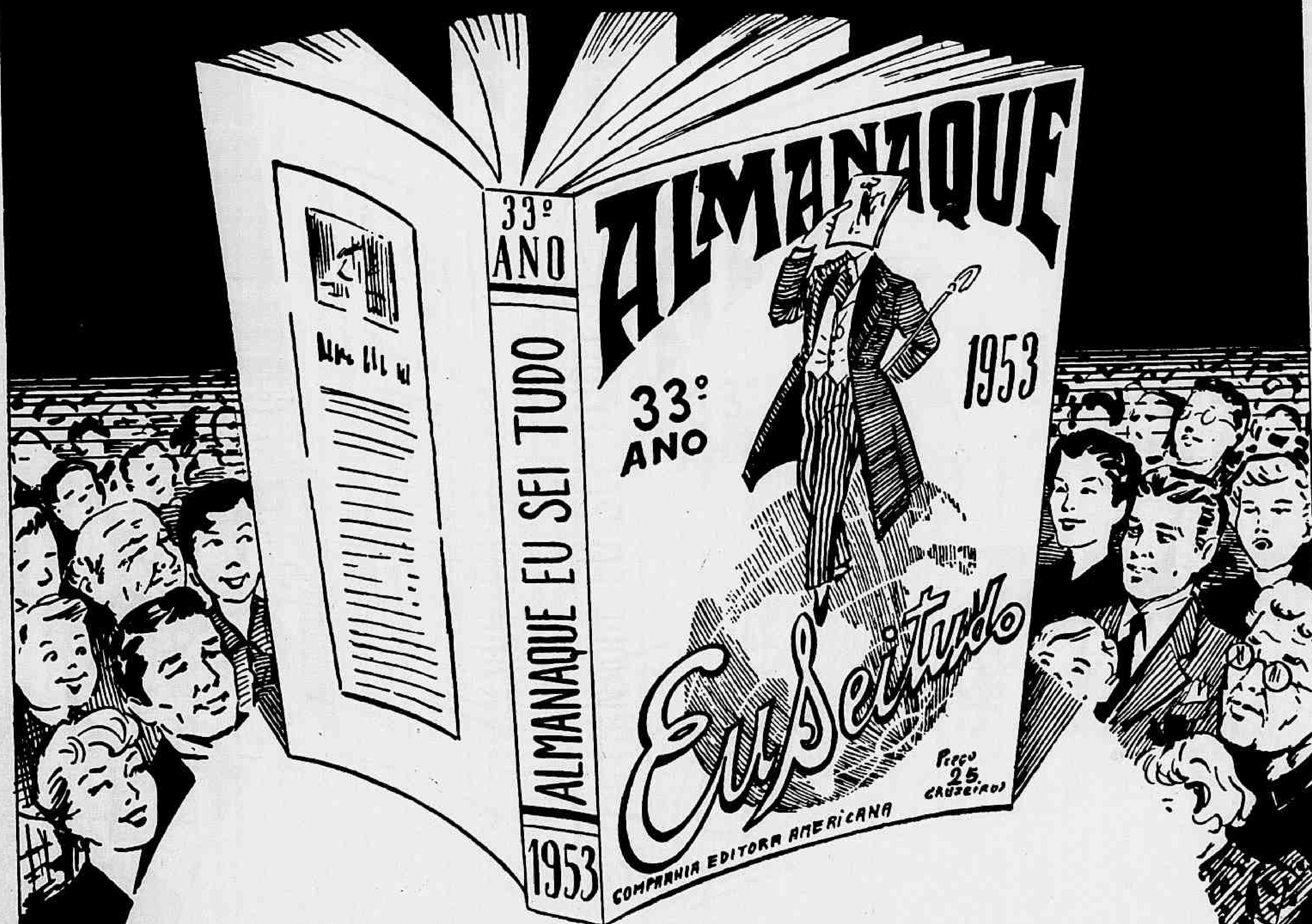
Diz a legenda do monumento: «Aos bravos do 1º de Cavalaria da batalha do Passo do Rosário».

OS DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira de Letras)

em 1796. Entrara, menino, para o 2º de infantaria de linha; fôra a Lisboa completar os estudos; regressara em 1807, com a família real que vinha asilar-se no Brasil; e lhe cabe a iniciativa da criação dêsse mesmo regimento de cavalaria, de que foi o comandante invicto em 1827. Por decreto de 11 de setembro de 1813, o príncipe regente houve por bem «aceitar a oferta voluntária que fêz o suplicante (João Egídio) de levantar à sua própria custa uma companhia de cavalaria na Guarda Real da Polícia...» Mandou então vir da Inglaterra, gastando nisto a bela soma de dez contos de réis, «espadas, pistolas, luvas, gravatas e outras cousas», que recolheu ao Arsenal do Exército, na ocasião em que — a 23 de abril de 1818 — foi agregado no pôsto de capitão «do predito 1º regimento de cavalaria do exército, vencendo antigüidade desde o dia da primeira patente», isto é, desde 13 de outubro de 1813. Sentou praça no mesmo corpo o seu sobrinho Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral, que, seu companheiro na ação do Passo do Rosário, foi mais feliz na carreira, pois chegou a marechal, conselheiro de guerra, ajudante de ordens do imperador e barão de Itapagipe. Comandante das armas de S. Paulo às vésperas da abdicação de D. Pedro I, João Egídio interrompeu, com a regência, o serviço ativo do exército, recolheu-se à sua província, e lá morreu, celibatário e esquecido, em 6 de junho de 1850.

O seu esplêndido regimento é hoje o dos Dragões da Independência.



JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS **MIL** ASSUNTOS...

O ALMANAQUE

EU SEI TUDO

20 CONTOS ★ NARRATIVAS HISTÓRICAS ★ MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS ★ UM ROMANCE COMPLETO **QUO VADIS** ★ BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES ★ PÁGINAS EM POLICROMIA ★ CALENDÁRIOS

PREÇO 25 CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO

NO PARÁ — DOIS ANOS DE TRABALHO INTENSO

RECUPERAÇÃO ECONÔMICA E FINANCEIRA DO ESTADO ★ INCENTIVO À PRODUÇÃO ★ SAÚDE PÚBLICA E EDUCAÇÃO ★ RODOVIAS ★ O MUNICÍPIO DA CAPITAL ★ UNIÃO DAS FÔRÇAS POLÍTICAS DOMINANTES ★ AMBIENTE DE ORDEM E RESPEITO ÀS LIBERDADES ★ IMPRESSIONANTE DEPOIMENTO DO GOVERNADOR ZACARIAS DE ASSUNÇÃO.

ADALBERTO MENDES

O Estado do Pará desfruta hoje em dia de uma fase de invulgar operosidade nos seus diversos setores administrativos. A renovação dos costumes de govêrno, posta em prática pelo atual governador, general Alexandre Zacarias de Assunção e seus auxiliares, resultou num inegável período de progresso por que passa aquela unidade da Federação, com suas finanças equilibradas, sua produção em visível ascensão, e todos os serviços públicos em franco andamento e orientados no verdadeiro interêsse coletivo. Um exemplo dêsse progresso é, sem dúvida, a cidade de Belém, trepidante de vida e a crescer em todos os sentidos, conseqüência lógica dessa fase de trabalho criterioso e honesto ali implantada faz agora dois anos. Ainda há pouco, na passagem do segundo aniversário de seu govêrno, teve ocasião o governador paraense de ler um impressionante relato das suas atividades administrativas, do qual reproduzimos abaixo alguns trechos. Depois de ligeira introdução e de salientar o clima de ordem e absoluto respeito às liberdades públicas hoje reinantes no Pará, disse, referindo-se às Finanças:

«No setor financeiro, orgulho-me da boa ordem em que marcham as finanças públicas. Ao assumir o govêrno, em 1951, encontrei uma situação financeira que nada tinha de risonha. Apesar de ir em curso a segunda quinzena de fevereiro, o Tesouro não tinha sequer o numerário suficiente para os pagamentos de janeiro. Uma parte bem considerável da Receita do exercício já fôra, além do mais, indevidamente utilizada em pagamentos pertinentes ao ano anterior.

A Dívida Pública atingia soma assombrosa. E do quatriênio anterior recebi uma herança de Restos a Pagar, no valor aproximado de dez milhões de cruzeiros, abrangendo vencimentos do funcionalismo e contas de fornecedores. Também o débito oriundo de contribuições e subvenções em atraso, ao Departamento de Estradas de Rodagem, a hospitais e outras instituições de assistência, se elevava a mais de vinte milhões de cruzeiros.

Em dois anos de trabalho pertinaz e eficiente, modificou-se radicalmente o panorama financeiro. As rendas públicas, sem aumento de impostos e taxas, vêm oferecendo expressivo aumento de ano para ano. De 124 milhões, em 1950, elevou-se a Receita a 160 milhões em 1951, a 170 milhões, possivelmente, em 1952, indicando as perspectivas para o exercício corrente uma elevação para 190 milhões.

A despesa tem sido contida nos limites da arrecadação, com a proveitosa aplicação dos dinheiros públicos, traduzida no pagamento pontual do funcionalismo e dos fornecedores, pelo restabelecimento das subvenções, contribuições e auxílios, e, ainda, pela cobertura, com os recursos comuns do Estado, de encargos extraordinários, como os relativos aos serviços de água e luz de Belém, os quais, no passado, só puderam prosseguir à custa de onerosos empréstimos, que a atual administração vem liquidando.»

E sôbre produção:

«Embora até o presente não tenha sido possível dar às atividades produtivas a assistência estatal que se faz cada vez mais necessária, posso, porém, mencionar, a êsse respeito, os resultados positivos atingidos no exercício de 1952: Primeiro — compra de reprodutores para venda a prazo a pequenos criadores; Segundo — distribuição de sementes de arroz, malva, juta, etc., gratuitamente; Terceiro — compra de motores para revenda, em prestações, a pequenos agricultores, destinados à mecanização das casas de farinha; Quarto — intensificação do combate à saúva, com a distribuição de máquinas e materiais adequados.

E' também digno de destaque o trabalho que vem executando a Secretaria de Economia e Finanças, no sentido de restauração da tradicional cultura paraense de cacau, mediante uma cuidadosa planificação que se desdobrará por três anos, prevendo a recuperação dos velhos cacauais, seu replantio, a seleção de mudas, a realização de exposições anuais, etc., tudo isso fazendo crer que dentro de alguns anos voltaremos a ocupar, na produção cacaueira brasileira, o lugar que nos pertencia no comêço do século.»

Quanto a estradas:

«No setor rodoviário a política administrativa tem sido a mais intensa, empenhando-se o govêrno, por intermédio do Departamento respectivo, na conservação e melhoria das estradas já existentes, além da construção de outras que se evidenciaram necessárias ao escoamento da produção agrícola do interior.»

E sôbre saúde pública:

«A proteção à saúde pública tem merecido, igualmente, de meu govêrno, a atenção que o problema reclama. Entre as iniciativas adotadas pela administração durante êsses dois anos, posso mencionar: a recuperação de todos os postos médicos de Belém, com a melhoria de suas instalações e farto suprimento de remédios, condições que permitem o seu regular funcionamento; a melhoria de regime alimentar dos hospitais do Estado; a restauração do Laboratório do Estado, que foi encontrado sem funcionamento, pelo atual govêrno, e que hoje está restituído à sua atividade, aparelhado para a realização de todos os exames de rotina; a instalação de granjas e aviários nos leprosários, iniciativa de que resultará brevemente a auto-suficiência daquelas instituições no que diz respeito ao abastecimento; e, ainda, a criação do Serviço Médico Itinerante, servido especialmente às regiões da Estrada e do Salgado, naquelas localidades não beneficiadas pelo Serviço Especial de Saúde Pública. Além disso, na cidade de Belém, o govêrno promoveu quase que a reconstrução do pôsto médico do Jurunas assim como a construção de novos postos nos bairros do Guamá, Marambaia e Sacramenta.»

A respeito da instrução, disse:

«A Instrução Pública, problema fundamental para a coletividade, tem merecido do meu govêrno a mais desvelada atenção. Das obras novas realizadas merecem destaque as construções dos grupos escolares «Frei Daniel», no bairro do Guamá, «Cornélio de Barros», no bairro da Marambaia, e do grupo escolar da Cremação, todos nesta capital, e, no interior dos grupos escolares «Coutinho de Oliveira», no município de Ananindeua, assim como dos grupos escolares de Nova Timboteua, Bragança e Salinópolis, estando quase concluídas as obras dos grupos escolares de Soure, Gurupá e Marapanim. Na capital do Estado, o govêrno promoveu ainda a recuperação do grupo escolar «Professôra Anésia», que, ameaçado em sua estabilidade, punha em perigo a vida de centenas de crianças e que foi inteiramente restaurado, com a mudança de instalações d'água, sanitários, pintura, assoalho, coberturas e ainda o acréscimo de mais um pavilhão. Os mesmos benefícios atingiram o Colégio Estadual «Pais de Carvalho», o grupo escolar «Vilhena Alves», o Orfanato «Antônio Lemos» e ainda o Instituto Gentil Bittencourt, onde foi construído um pavilhão destinado a jardim da infância. No grupo escolar «Vilhena Alves», além dos serviços de recuperação, também construiu o govêrno mais um vasto pavilhão, destinado a aumentar a capacidade de freqüência do estabelecimento. No interior do Estado, de um modo geral, o govêrno tem procurado, dentro de suas possibilidades, melhorar as condições de alguns estabelecimentos educacionais.»

Serviço de Aguas:

«E'-me grato referir também aos resultados da atividade administrativa no tocante à completa remodelação dos Serviços Dágua da capital. Barros, como Canudos, Cremação, Batista Campos, Jurunas, Tamoios, Guamá e Cidade Velha, que pràticamente viviam sem água há mais de vinte anos, agora a têm com abundância.»

Navegação fluvial:

«Foi promessa de minha campanha política o restabelecimento das vias marítimas para o interior. Essa promessa foi cumprida com a restauração do antigo Serviço de Navegação do Estado, com um número limitado de embarcações, das quais a principal é a lancha «Antonina», que vem mantendo satisfatòriamente linha para o Guamá, Ilhas, Tocantins e Xingu. Esta navegação ajuda o escoamento dos produtos regionais de exportação, assim como facilita o intercâmbio de passageiros e correspondência, especialmente na chamada região das Ilhas, que é pouco procurada pelas companhias comerciais, à vista do nenhum resultado financeiro da exploração dessa linha de navegação.»

Prefeitura de Belém:

«No correr dêsses dois anos de Govêrno pôde a Prefeitura Municipal de Belém apresentar um valioso acêrvo de realizações, entre as quais merecem destaque:

1) atualização do pagamento dos vencimentos do seu funcionalismo;

2) liquidação de diversos débitos no valor superior a dez milhões de cruzeiros;

3) início de pagamento das indenizações devidas aos ex-empregados da Companhia Paraense de Eletricidade, os quais já receberam até a presente data cêrca de quinhentos mil cruzeiros;

4) reaparelhamento do Departamento de Limpeza Pública, com aquisição de novos veículos e a recuperação do antigo material existente;

5) aquisição de máquinas diversas para o Departamento de Engenharia, inclusive tratores;

6) recuperação do Departamento de Fôrça e Luz, cujos serviços estão sensìvelmente melhorados, numa proporção mesmo superior a 100% ao que foi encontrado pelo atual Govêrno;

7) criação do Departamento de Agricultura, com a finalidade de incrementar a produção através de processos diversos, tais como instalação de uma granja-modêlo, a manutenção do serviço regular de feiras livres e a assistência, embora ainda precária, aos granjeiros do município de Belém e até mesmo aos de Ananindeua, aos quais a Prefeitura fornece tratores para o preparo da terra, etc.

8) elevação do salário de todos os trabalhadores diaristas;

9) pavimentação de diversas ruas, tais como José Bonifácio, Gentil Bittencourt, Riachuelo, O. de Almeida, Almirante Tamandaré, São Jerônimo e Jurunas;

10) concessão de dois abonos aos funcionários e melhoria geral dos vencimentos dos mesmos;

11) reaparelhamento do Corpo Municipal de Bombeiros;

12) início da construção da rodovia Belém-Mosqueiro.»

Terminando o seu discurso, disse o governador:

«A necessidade de coalisão de todos os partidos coligados é, para mim, no panorama especial da política do Estado, quase um imperativo de salvação pública.

E' êste o apêlo que, ainda mais uma vez, quero fazer a tôdas as fôrças políticas que têm prestigiado denodadamente, meu Govêrno. Na união está a nossa fôrça e a certeza de novas vitórias. E esta união o povo exigirá de nós, depositários que somos de suas esperanças. Saibamos ser tão dignos da vitória como o fomos dos revezes que não nos vergaram o orgulho cívico.

Só assim poderemos legar às futuras gerações um patrimônio material e moral que lhes inspire reconhecimento e respeito, porque assim teremos demonstrado a sinceridade das palavras que proferimos e das promessas que fizemos. E também porque sòmente assim o Pará será feliz.»



O governador Alexandre Zacarias de Assunção fotografado no momento em que lia a sua prestação de contas ao povo do Estado do Pará.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas das pág. 20 e 21

Puxe pelo cérebro

1—Botafogo (Praia)
2—1893
3—3.600 metros
4—Cr$ 2.500.000.000,00
5—602
6—Pelas obras do Aleijadinho
7—O de Cabo Frio (140 metros sôbre o nivel do mar)
8—Rio Grande
9—1934 (4-12)
10—Na praia de Jurujuba, Niterói
11—Dois quilômetros quadrados
12—Serra dos Órgãos
13—Na de repórter (pelo "Estado de S. Paulo")
14—O Doce (já no Espírito Santo)
15—Santana dos Olhos d'Água.

Quem disse isto?

1—O gramático e pensador Júlio Ribeiro
2—Taittiryopanishad
3—Lao-Tse
4—Confúcio
5—Voltaire

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

O MAL-ENTENDIDO

(Cont. da pág. 11)

bro que me falou nisso a respeito da sra. Pontalés.

— E' ela na verdade assim?, disse êle... Foi então porque o destino tratou-a na sua vida de mulher melhor do que na sua vida de moça. Quando a conheci era admiràvelmente bela mas, ao mesmo tempo, pobre e muito infeliz... Vamos, você está com pressa, acrescentou êle, e já lhe contei muitas histórias.

Disse-lhe que não o deixava livre de contar-me essa, e que a pediria em outro dia. Jantei em casa dos Clermont de Sazy e observei-os com mais curiosidade do que de costume. O marido me aborrecia. Sabia que êle tinha usinas no Este, que fabricava máquinas de costurar, bicicletas e que possuía uma das mais belas fortunas da França. Fôra o pai quem construíra essa fortuna e que, sem dúvida, fôra o homem notável dessa família. Henrique Clermont sempre vivera em Paris, como amador de indústria e de arte, mandando engenheiros dirigir as suas usinas Montebeliard e contentando-se em receber os seus rendimentos, que eram elevados. Possuía um castelo na Touraine, uma vila no Meio-Dia, um iate em que fazia, todo ano, uma viagem pelo Mediterrâneo. Nesta noite irritou-me. Não que os seus traços fôssem desagradáveis. Bem enquadrado por cabelos brancos, duros e curtos, o seu rosto maciço conservava-se bonito, mas a vaidade que lhe dava sua fortuna era por demais evidente, sua condescendência muito desdenhosa, sua autoridade muito universal. Procurava só falar nos seus quadros, nas suas viagens, e todos os seus amigos tinham a impressão que a palavra «bicicleta» era interdita na casa. A sra. Clermont de Sazy estava sentada muito distante de mim, porque éramos trinta convivas, mas enquanto conversava com a sua neta, que era a minha vizinha de mesa, estudava a ironia melancólica que era a sua expressão habitual.

Mais tarde, quando, no salão, os pares do jantar se separaram, agi de modo a isolar perto do fogão a dona da casa. Eu era, para ela, um rapaz amigo dos seus netos, e mostrou-se muito surpreendida por minhas atenções, mas divertida. Fêz-me sentar ao seu lado e, depois de algumas frases indiferentes:

— Passei a tarde, minha senhora, disse-lhe eu, em casa de um homem por quem tenho grande afeição e que fala da senhora com uma tal admiração, que a teria comovido...

— De mim?... Com admiração?... Na verdade?... E quem é êsse retardatário?

— Edmundo Neuville, minha senhora... Sabe? O antigo embaixador, o amigo de Eduardo VII...

Ela corou mas mostrou-se vivamente interessada.

— Neuville! exclamou... Como? Êle falou-lhe de mim. Que disse êle? Sabe que não o vejo há... (procurou um instante) há quantos anos?

— Sim, minha senhora, êle mo disse.

— Mas disse-lhe êle por quê?... Contou-lhe a nossa história?

— Não. Mas confesso que as poucas palavras pronunciadas por êle e o tom com que as disse deixaram-me bastante curioso de conhecê-la.

Por cima da minha cabeça ela olhou com inquietude para o seu marido, que mostrava um Fragonard ao ministro das Finanças, e, mais distante, para um grupo de homens que conversavam ruidosamente e aos quais haviam esquecido de servir charutos.

— Oh! disse ela... Não sei por que empreguei a palavra história... Não houve nenhuma história... Mas, como está o Neuville? Enquanto era embaixador, não me admirei de não encontrá-lo na sociedade, em Paris... Mas depois que está em disponibilidade, esperava... Como vai êle?

— Está muito doente... O médico diz que tem, quando muito, três meses de vida...

— Mas como isso é triste, disse ela... Eu não o sabia... Você o vê sempre? Escute... Diga-lhe...

Hesitou e não terminou a frase.

Não, disse, isso está tão longe, tão esquecido, nem sei que impressão lhe causaria um recado meu... Mas procure, peço-lhe, saber quais são os seus sentimentos a meu respeito... E venha dizê-los... Agora peço-lhe desculpas, mas tenho que me ocupar com os meus convidados.

★

NO dia seguinte, quando revi o sr. Neuville, contei-lhe essa conversa e, pela primeira vez, talvez, vi emocionado êste homem comumente tão espirituoso e tão frio. Insisti para que me falasse na sra. Clermont de Sazy... Eis o que êle me contou:

«Você sabe que, durante uma grande parte de minha vida, tive o que se designava então por uma expressão horrível: «sucesso com mulheres..». Posso hoje falar sem vaidade, primeiro porque estou velho e moribundo, depois porque nunca cheguei a compreendê-las. A minha carreira levou-me a viver na maioria das capitais da Europa e, em cada uma delas, prendi-me às mulheres mais notáveis pelo seu encanto e seu espírito. Nada além disso me interessava, a não ser os meus cavalos e a minha carreira.

«Talvez fôsse porque tinham noção do lugar que ocupava o amor na minha vida, que muitas delas, por sua vez, tiveram interêsse por mim. E' uma coisa estranha, você verá por si mesmo quando tiver tido alguns sucessos dêsse gênero, o prestígio e a audácia que engendram. As mais puras, as mais castas não ficam insensíveis a êle. Muitas vêzes, na Áustria, na Rússia, moças apaixonaram-se e fizeram, para se casarem comigo, mil loucuras que hoje não seriam muito espantosas, mas que naquele tempo eram bem corajosas... Quanto a mim, mostrava pelo casamento a aversão natural em todo homem moço e a quem a liberdade reservara prazeres renovados.

Tinha trinta e oito anos e era primeiro secretário em Viena, quando aí encontrei, em uma família austríaca, a dos condes de Breitenberg, em companhia de quem fôra passar alguns dias no campo, uma jovem francesa vinda para ensinar às filhas do conde francês e música. Desde a primeira noite em que apareceu, na mesa do jantar, entre suas duas alunas, causou em mim uma impressão extraordinária. Eu havia conhecido, talvez, mulheres bonitas, mas nenhuma que me agradasse mais. Note que vienense. A condêssa era uma austríaca célebre pelo esplendor dos seus cabelos castanhos-dourados e pela esbelteza do seu corpo; suas filhas pareciam-se com ela; uma de suas amigas, uma húngara, tinha aquêles olhos negros, de profundezas orientais, aquêle corpo ágil, ao mesmo tempo vigoroso e feminino, que só se encontra naquele país admirável. Mas a moça do vestido branco, sem uma jóia, que se tinha sentado no fim da mesa, vencia a tôdas por um ar de altivez digna e de simplicidade que era inimitável. Depois do jantar, fi-la conversar. Sua frescura, seu natural, a graça de seu andar e dos seus gestos fizeram-me esquecer em um instante tôdas as minhas mais belas amigas dêsse tempo.

«A moça que eu admirava tanto usava um nome que achei então o mais belo do mundo e de que gosto muito ainda hoje; chamava-se Beatriz de Vaulges. Eu havia conhecido a sua avó, a marquesa de Vaulges; era de uma excelente família da Picardia, pobre e obrigada a ganhar a vida, mas admiràvelmente bem educada.

«No dia seguinte perguntei se não podia dar um passeio a cavalo com as jovens condêssas de Breitenberg. A senhorita de Vaulges acompanhou-as. Montava em amazona de grande estilo. Olhe... Eu estava vestido naquele dia como nesse retrato... Procurei agradar e pareceu-me que o conseguia. Falamos daquela cidade encantadora e de que ambos gostávamos. Viena era, então, um paraíso. O imperador Francisco José, jovem soberano, acabava de aplacar os rigores da mais tôla das polícias da antiga Europa. Os costumes eram fáceis, o amor considerado uma virtude. Era no tempo em que os jornais diziam que se podia abordar sem receio tôda mocinha que saía da Bela Helena. Aos «domingos dourados» sucediam-se «as segundas-feiras azuis» e «as quintas verdes». A senhorita de Vaulges disse-me que, inteiramente consagrada às suas disciplinas, não concordava com aquelas loucuras, mas admirava a jovem imperatriz, seus puro-sangues espanhóis, seus galopes desenfreados, a música na qual, em Viena, banhava-se a vida, e a boêmia cheia de bom-humor daquele povo.

«Depois do almôço, ela foi com as jovens Breitenberg dar pão aos cisnes no lago. Acompanhei-as. A alvura daqueles três vestidos, misturando-se à dos cisnes e se destacando por cima das sombrias águas do lago, é uma das recordações mais perfeitas que evoco quando quero embelezar os meus últimos dias.

«Durante o inverno que se seguiu tornei-me íntimo no Palácio Breitenberg. Tôda Viena dizia que eu estava apaixonado pela condêssa; eu o estava pela governante de suas filhas. Com grande surprêsa de um homem habituado a sucessos rápidos e quase mecânicos, êsse amor não era bem sucedido. A senhorita de Vaulges havia abandonado, quando nos reencontramos em Viena, o tom de confidência que tomara por ocasião do nosso pri-

meiro encontro. No Palácio Breitenberg, casa solene ocupada por um regimento de criados, ela se recusava ou se retraía.

«Nos próprios domingos, tão alegres em Viena, eu não conseguia levá-la nem a uma daquelas colinas onde a natureza parece repetir eternamente a «Pastoral», de Beethoven. Para poder entrevê-la, eu ia pela manhã ouvir missa na capela imperial, que era, também, a dos Breitenberg e onde, às vêzes, a condêssa cantava o «Glória» ou o «Sanctus». O côro, composto de vozes de crianças, era admirável. Às vêzes eu podia entrever em uma das galerias, o perfil da senhorita de Vaulges e a música mergulhava-me então numa contemplação mística. Gostava da atmosfera tão vienense dessa espécie de igreja, na côrte de Hofburg, onde as opiniões sôbre a qualidade do canto misturavam-se com as frases devotas e os encontros sussurrados em voz baixa. Ma a senhorita de Vaulges não largava as suas alunas e, se eu me aproximava dela, fugia logo. Ofereci-me para levá-la a um concêrto. Respondeu-me que não poderia ir comigo. A vida me havia ensinado a acreditar muito pouco na virtude das mulheres. Julguei, portanto, que ela receava apenas perder o seu lugar.

«Tive ocasião de revê-la e de lhe falar longamente quando, o inverno tornando-se mais rude, Viena inteira achou-se patinando no gêlo. De noite, patinava-se à luz de tochas e o espetáculo era encantador. Os húngaros com bonés de pele, os oficiais em uniforme, as mulheres, cujos longos véus voavam no vento da corrida, deslizavam entre os longos reflexos das tochas. A senhorita de Vaulges, que os Breitenberg haviam trazido consigo, patinava maravilhosamente; contou-me alegremente que adquirira essa habilidade nos lagos das cercanias de Amiens. Evoquei com ela aquelas paisagens de charcos, cortados por longas fileiras de salgueiros. Ela deixava que o meu braço a sustentasse. Retomei esperanças. Murmurei, um dia, em seu ouvido, que possuía, numa rua afastada, Metternichgasse, um apartamento discreto e agradável. Ela olhou-me com uma tal indignação, que comecei a duvidar da possibilidade de fazê-la minha amante. A inutilidade dos meus esforços, para conseguir até mesmo um encontro ao ar livre, acabou por me convencer que essa resistência era sincera.

«Meu caráter levava-me, então, às medidas extremas. Depois de ter observado, durante mais algumas semanas, a senhorita de Vaulges, reconheci que era a única mulher com quem eu desejava casar-me. A decisão que tomei parecer-lhe-á rápida e surpreendê-lo-á num rapaz cínico. Mas não era tão louco assim. Como lhe disse, eu conhecia os Vaulges, e sabia-os de família perfeita. Começava a cansar-me da libertinagem. Era rico, e não tinha nenhuma razão para dar atenção a uma falta de fortuna. Evidentemente, a senhorita de Vaulges ficaria constrangida achando-se em Viena, mulher de um diplomata, numa sociedade que a havia conhecido numa situação diferente, mas eu não via nenhuma dificuldade em obter do ministério uma mudança de pôsto, em outra qualquer cidade, onde tanto a sua origem como a sua educação não deixavam dúvida a respeito do acolhimento que seria feito. Enfim, resolvi não esperar mais e, sem encarregar, como se fazia então, amigos ou parentes de transmitir a minha mensagem, aproveitei o primeiro dia em que lhe pude falar sem ser ouvido para expor-lhe os meus projetos.

«Confesso-lhe que não duvidava de sua resposta, tendo a faculdade de um homem que nunca conhecera derrotas e que, pela primeira vez, oferecia a uma mulher para partilhar-lhe a vida.

«A senhorita de Vaulges mostrou-se surprêsa, emocionada e pediu-me algum tempo para refletir. Lembro-me ainda da minha emoção. Não podia ocupar-me em trabalho algum. O dia inteiro, com os olhos fixos na porta do meu escritório, esperava um mensageiro que não vinha.

«De noite, censurava-me essa ansiedade. Como e por que haveria ela de recusar? Sem dúvida quisera escrever para a França, para a sua família e esperava simplesmente a resposta.

«Alguns dias mais tarde dirigia à embaixada um bilhete breve, quase duro, para me dizer que estava reconhecida pelo meu oferecimento, mas que não podia casar-se comigo. Quando procurei vê-la, soube que deixara os Breitenberg e que voltara para a França. Confesso-lhe, meu amigo, que fiquei ao mesmo tempo estupefato e infeliz. Foi Goethe, penso, que disse: E' doloroso procurar-se sempre, porém mais doloroso ainda ter-se encontrado e dever-se abandonar». Pela primeira vez eu encontrava uma mulher que me parecera ser aquela Sílfide (como dizia Chateaubriand) com quem todo homem deseja passar a sua existência. Eu me havia talvez, enganado, mas a ilusão era tanto mais forte quanto nenhuma realidade vinha perturbar a imaginária perfeição. Ora, essa mulher, que eu escolhera entre tantas, havia-me fugido.

«Durante muito tempo só pude sonhar com essa aventura. A estada em Viena tornou-se tão insuportável que pedi para ser enviado para qualquer lugar e foi nessa ocasião que parti para a Rússia. Ali, naturalmente, o tempo, a mudança completa de ambiente, de meio, e Maria Pavlovna, de quem você olhava há pouco o retrato, fizeram a sua obra. Mas eu não esquecia e para ser franco, meu caro amigo, até hoje ainda não esqueci. A recordação daquele rosto, que não revejo há quarenta e sete anos, continua em meu espírito tão nítida quanto antigamente... Quando você tornar a vê-la, olhe-a bem e diga-me se tem ainda, na extremidade do nariz, aquela linha ligeiramente curva, ousada e bem cinzelada que eu já admirara na marquesa de Vaulges, sua avó, no retrato de La Tour que está em Saint Quentin.

«Naturalmente voltei a ser capaz de amar. A aventura tornara-se-me um pouco mau e mais invulnerável que nunca.

«Alguns anos mais tarde soube que ela casara-se com Henrique Clermont, que nesse tempo (não tendo comprado a terra de Sazy) só se chamava Clermont, e essa notícia magoou-me, tanto mais que a minha Sílfide parecia ter feito um casamento por dinheiro. Quanto a mim, nunca me casei e certamente foi por causa dela... Ah! não pretendo que houvesse, de minha parte, uma decisão romanesca e conscientemente inabalável; não, não foi isso o que se deu, mas no decorrer de minha vida, tôdas as vêzes que a ocasião de um casamento se apresentou, comparava, contra a minha vontade, a pessoa que eu podia obter com a imagem de Beatriz Vaulges e, tôda vez, resolvia-me a continuar livre. Quanto a Beatriz Clermont, que sempre procurei evitar e bem que o consegui (principalmente, penso, porque quase nunca vivia em Paris) nunca tornei a vê-la. Eis aí... E agora gostaria de saber como a encontrou ontem à noite.»

Descrevi-lhe da melhor forma a beleza daquela senhora.

— Sim, disse êle, ela já tinha, naquele tempo, os olhos ternos que você descreve, mas a ternura era enganosa... Entretanto gostaria de revê-los.

Confessei-lhe, então, que falara dêle à sra. Clermont de Sazy.

— Ah!... — disse com interêsse. — Que respondeu ela?

— Disse que não o revira há quarenta anos.

— E' verdade... E' verdade... E então?

— Pediu-me para procurar saber quais os seus sentimentos para com ela.

— Pois bem, diga... Diga-lhe que são mais ou menos os mesmos que no dia 12 de janeiro de 1861, diante de uma grande lareira, no salão do Palácio Breitenberg.

★

BEM imaginam que, logo no dia seguinte, fui fazer uma visita à senhora Clermont de Sazy para lhe fazer, por minha vez, a minha narração. Ela escutou-me sem me interromper; depois, quando acabei:

— Meu Deus! — disse. — Como a vida é estranha...

— Sim... — disse eu. — Eu nunca teria julgado, confesso-o, que um homem, e principalmente um homem como o embaixador pudesse conservar-se fiel à recordação de uma mocinha apenas entrevista... Mas, posso, minha senhora, sem ser indiscreto, perguntar-lhe, por minha vez, quais eram, em 1860, os seus sentimentos para com Edmundo de Neuville? Naturalmente não o amava?

Ela deu um grito:

— Eu!?... Mas eu o amava loucamente...

Depois de um instante de cismas:

— E amo-o ainda...

— Mas então, por quê?

— Porque, disse ela, nunca pensei, naquele tempo, nem por um instante, que o seu oferecimento fôsse sério... Não... Raciocine... Como poderia tê-lo acreditado?... Conhecia a reputação do sr. Neville, os seus amôres... Quando êle viera, pela primeira vez, à nossa casa, o conde de Breitenberg dissera: «E' um homem perigoso!». Quando propôs-me para ir ao concêrto com êle, pensei que procurava comprometer-me para fazer de mim a sua amante... Quando falou em casar-se comigo, de maneira tão direta (pense que nesse tempo, todo o pedido de casamento era feito aos pais), pensei que se tratasse

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 50

A	Pessoa moça →	51	108	69	1	44		
B	Represa; doca; açude →	5	29	91	15	118		
C	Homem muito esperto →	6	18	100	90			
D	Designação genérica das moedas divisionárias →	96	77	112	39	8	49	
E	Notam defeito; põem tacha →	60	99	3	80	104	14	
F	Instrumento de costura →	11	38	73	59	19	4	
G	Corte, separe com serra →	30	21	10	86	56		
H	O mesmo que ipadu →	57	17	9	82			
I	Guarnecem de armas →	32	62	2	79	22		
J	Fazer mexericos ou intrigas →	31	106	23	43	67		
K	Aparelho electrônico para indicar a aprox. de aviões →	28	68	12	87	76		
L	Designação genérica de quaisquer embarcações →	110	75	50	16	95		
M	Espécie de jacu; o mesmo que aranquã →	20	36	65	72	58	89	
N	Breu; piche →	7	34	71				
O	Sociedade religiosa →	85	98	25	40	103		
P	Ricochete; ato ou efeito de rechaçar →	109	54	27	64	81	88	42
Q	Cada um dos grupos em que se divide uma classe →	78	61	115	83	48		
R	Torna úmido →	92	105	74	33	13	45	114
S	Tartamuda; aquela que gagueja →	97	24	117	46			
T	Alguma; única →	116	107	37				
U	Instruída; que tem educação →	93	41	102	84	63	53	111
V	Pôs a navegar (navio encalhado) →	55	101	35	70	113		
W	Despedida; Deus te acompanhe! →	26	47	52	66	94		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	■	A 1	I 2	■	E 3	F 4	B 5	C 6	■	N 7	D 8	H 9
G 10	F 11	■	K 12	R 13	■	E 14	B 15	L 16	H 17	C 18	F 19	M 20
;	G 21	I 22	■	J 23	S 24	O 25	W 26	■	P 27	K 28	B 29	G 30
J 31	I 32	■	R 33	N 34	■	V 35	M 36	T 37	F 38	D 39	O 40	U 41
P 42	;	J 43	A 44	■	R 45	S 46	W 47	Q 48	■	D 49	L 50	A 51
W 52	■	U 53	P 54	■	V 55	G 56	H 57	M 58	F 59	E 60	Q 61	I 62
U 63	■	P 64	M 65	■	W 66	J 67	K 68	■	A 69	V 70	N 71	■
M 72	F 73	R 74	■	L 75	K 76	D 77	Q 78	I 79	;	E 80	P 81	■
H 82	Q 83	■	U 84	O 85	G 86	K 87	P 88	M 89	C 90	■	B 91	R 92
U 93	■	W 94	L 95	D 96	S 97	O 98	E 99	,	C 100	V 101	■	U 102
Q 103	E 104	■	R 105	J 106	T 107	A 108	P 109	L 110	U 111	■	D 112	V 113
R 114	■	Q 115	T 116	S 117	B 118	!	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 49 — PADRE ANTÔNIO VIEIRA. SERMÕES. — "Porque dizer não a quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a língua; tão dura, tão áspera, tão injuriosa palavra é o não. Para a necessidade, dura; para a honra, afrontosa; e para o merecimento, insofrível."

AEROVIAS

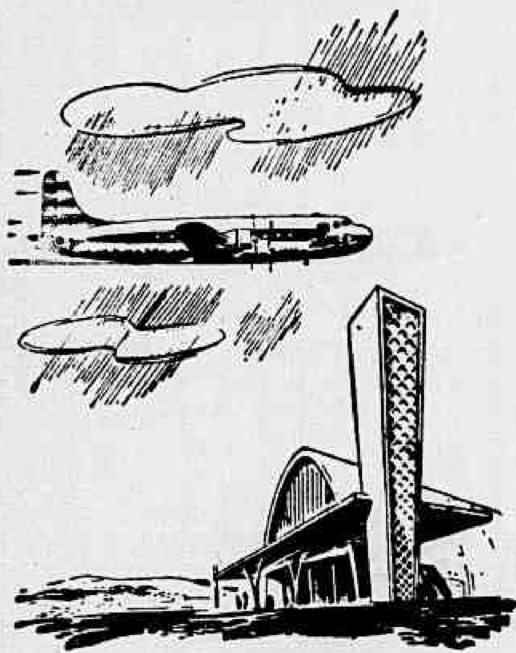
para o

TRIÂNGULO MINEIRO

Uberaba
Uberlândia
Araguari

Com tradicional rapidez, confôrto e cortesia.

TARIFAS REDUZIDAS





CONSULTE O AGENTE DE SUA CIDADE

AEROVIAS BRASIL

fenam - Casa de Artigos

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

de um jôgo cruel ou, talvez, de um método engenhoso para deslumbrar uma jovem governante e, como êle me agradava loucamente, para que não ficasse tentada, fugi... Alguns anos mais tarde, encontrei o meu marido... Naturalmente não posso falar-lhe nêle... Mas deve ter notado muitas coisas, já que se interessa pelos sêres humanos... E agora vem dizer-me foi por minha causa que Neuville nunca se casou... Ah!, na verdade, a vida é mal feita... Sessenta anos à mercê do êrro de um inocente, de um olhar mal compreendido, de uma palavra...

Disse-lhe então que o sr. Neuville quase me encarregara de pedir-lhe que fôsse vê-lo.

— Penso que a senhora devia aceitar. Êle não viverá durante muito tempo... Não seria bem lindo que o desentendimento que estragou duas vidas fôsse dissipado nos últimos dias de uma delas?

Ela não me respondeu e caiu num profundo devaneio.

— Não sou de sua opinião... — disse por fim. — Não! é preciso que êsse velho rosto não substitua uma recordação com que não se parece mais... Oh! procure não magoar o seu amigo; diga-lhe que estou doente, que não saio, e que talvez, na próxima semana...

Mas, na semana seguinte, o sr. Neuville morreu, de sorte que êles não se viram...

O VIOLÃO DE ALAGOAS

(Conclusão do número anterior)

A casa era grande, velha, quase centenária. Vi-me sòzinha. A princípio com a esperança dos doces, fiz-me dura, mas fui perdendo a coragem. Entrando por um corredor estreito e escuro, penetrei numa sala muito espaçosa. Tinha duas janelas quadradas, sem vidraças nem cortinas. Grandes móveis envelhecidos e empoeirados se viam nos cantos. No centro, entre uma porta que dava para o oitão, e outra que ia ter à cozinha, estava uma rêde de tucum. O seu **rec rec** povoava a solidão. Era Nezinho a balançar-se com os dedos cruzados sôbre o peito e a cabeça pendida para trás. De repente, mal cheguei, levantou a cabeça e olhou para o meu lado. Os óculos escuros estavam fixos em mim. Esperei. Meu instinto não dizia que eu estava descoberta. Pelo contrário, sugeria-me que êle ia tocar. Nisso êle chamou:

— Ernestina!

Suspendi a respiração.

— Ernestina! O' Ernestina!

Na cozinha havia um barulho de tachos, arrastar de pés e logo mais aparecia um rosto suado, curioso. Era uma mulher de meia idade, lenço na cabeça, enxugando as mãos vermelhas no avental enorme, que lhe envolvia o corpo. Era Ernestina. Ela não falava. Os olhos grandes, sem expressão, adquiriam vida e interrogavam. Nezinho pedia:

— O violão! Traga o violão!

Ernestina saiu como entrou. Mas voltou. Sempre silenciosa, entregou o instrumento ao irmão e afastou-se. Já à porta, indagou:

— Mais alguma coisa, Nezinho?

— Não.

Depois, num tom de voz sêco, êle pediu:

— Veja se não tem ninguém por aí, me ouvindo.

Os olhos da mulher percorreram a sala e o oitão. Colei-me à porta, não sabendo se devia ir-me logo sem o doce, ou ficar e ouvir. Aquêles olhos da mulher passaram por mim sem me ver e:

— Ninguém, Nezinho.

— Não me engane, mana. Bem sabe que não gosto de ser ouvido assim. Não sou tocador de pôpa de canoa!

E, novamente, a voz da irmã:

— Ninguém, Nezinho.

Saiu arrastando as chinelas de couro, varrendo a sala com a saia comprida. Botei o rosto para fora da porta, já decidida a ficar e espiei. Nezinho sentou-se. Colocava o violão deitado no colo e com uma das mãos movimentava as cordas. Fiquei parada, ouvindo-o. Talvez tivesse feito algum barulho, imperceptível para mim, mas perceptível para o seu instinto, pois indagou irritado:

— Quem está aí?

Não dei resposta. Então êle se levantou, foi até à janela, andou de um lado para outro, sem suspeitar que alguém pudesse estar oculto atrás de uma fôlha de porta. Depois, convencido de que se enganara, voltou e se sentou na rêde. Aí realizou operação aparentemente fácil, mas bem difícil de descrever. Tomou de uma gaita dessas que os meninos passam e repassam pela bôca, mas com armações que parecem de óculos, prendendo-se às orelhas pelas duas hastes, de modo a ficar com a linha perfurada, de sôpro, bem junto aos lábios. Essa gaita, para êle, talvez para os músicos de Pão de Açúcar, era conhecida pelo nome de realejo, o que parece absurdo, mas justificado até certo ponto pelas aberrações da linguagem de grupos. Passou a bôca sôbre ela, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita. Experimentou-a. Suas notas eram claras e alegres. A seguir, deitou o violão no colo e passou os dedos sôbre as cordas, tirando cascatas de sons.

A música invadiu a casa, jorrou pela janela do oitão, escancarada. A alma aprisionada de Nezinho como fugia com ela. O que ficou sôbre a rêde foi um homem triste, a assoprar a gaita, a apalpar o violão com as pontas dos dedos. E, aos meus olhos de menina nervosa, êle tomou proporções fantásticas. Enquanto tocava um instrumento, fazia-se acompanhar pelo outro. E enquanto executava a partitura, grossas lágrimas rolavam-lhe pelas faces encovadas e esmaecidas. Vendo-o assim, fiquei tão fora de mim que me traí. Avancei para êle e:

— Que música é essa, Nezinho?...

Êle parecia cair de muito alto, mas não se zangou. Chegou mesmo a responder-me, numa voz mansa:

— O Guarani. Esta composição elevanos muito alto, a uma região cheia de sol, onde tudo resplandece e a luz não conhece sombras...

Falava mansamente. Era assim que devia ser sua alma. Mansa e humilde, para poder elevar-se ao céu. E falava em luz, em sol... Êle que dizia odiar o sol por nunca o ter visto, que dizia odiar a luz por não ser sensível a seus pobres olhos vazios...

Isso foi rápido. Voltando a si, esbravejou. Chamou Ernestina. Brigou tanto que sumi de lá, sem me lembrar dos doces... Contudo, ficou-me na lembrança aquela sala ensombrada, de móveis rústicos e empoeirados, cheirando a couro curtido e a doces frescos.

Infelizmente, apesar do muito que dêle se esperava, a sua estrêla não lhe foi propícia. Quando ela começava a brilhar, vinha aquela mão misteriosa e ocultava-a no firmamento. Essa mão sempre foi a de um amigo ou de... Para que contar aqui? Compreendendo isso, desanimado pela maldade dos homens, até mesmo daqueles que lhe eram caros, deixou-se ficar para sempre sentado naquela rêde de tucum, naquela casa velha, naquele pacato recanto nordestino. Sua vida foi um perpétuo recomeçar... Chegou, porém, o dia em que êle não mais quis recomeçar...

Anos depois, Marieta, uma das irmãs, aquela que estava casada e residia em Pernambuco, levou a família tôda para Recife. E foi nessa Capital que, um dia, morreu «o violão de Alagoas». Desapareceu sem uma notícia nos jornais, sem alguém que lhe colocasse uma flor sôbre a sepultura. E' isso que eu, tantos anos depois, nesta cidadezinha paulista, onde ninguém sabe o seu nome nem conhece a sua vida, venho fazer agora. A menina de quatro anos que êle conheceu em Pão de Açúcar, e que às escondidas o ouviu, vem depositar uma flor — uma saudade — sôbre o campo raso em que, no cemitério de Recife, repousa a poeira sagrada daquele que em vida foi um mártir harmonioso — Nezinho Bezerra.

BONITO DEMAIS?

(Cont. da página 25)

manhã seguinte. Em abril de 1950, um filho — Russell André — nasceu para o jovem casal e foi o período mais tenebroso da vida de John, chegando êle a negligenciar completamente sua carreira de ator, pois a criança veio ao mundo com o esôfago separado, tendo que se submeter a dezenas de operações. Felizmente, tudo passou e hoje Russell André é um garôto robusto, orgulho dos pais.

John afirma-me que, tão logo tenha férias, irá com a família passar um Carnaval no Rio de Janeiro.

— Estive lá sòzinho, quando a caminho do Uruguai, e fiz tanta propaganda do seu país, especialmente da **feijoada**, que Pati não sossegará enquanto eu não a levar ao Brasil.

Lembro-me de que as garôtas cariocas quase **mataram** John no aeroporto e pergunto-lhe se êle não tem mêdo de voltar a enfrentá-las...

— Mêdo? «Are you kidding?» — exclama êle com um sorriso maroto. — Aquilo estava bom! Só espero que repitam a dose da próxima vez...

CORREIO DA REVISTA

● Madrid, 23 de Febrero de 1953
Sr. Dtor. de la COMPANHIA EDITÓRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro.
Brasil

Muy Sr. nuestro:

Nos permitimos dirigirnos a Vd. con el único fin de suplicarle tenga a bien insertar, em cualquiera de las Revistas editadas por la Companhia que Vd. con tanto acierto dirige, los anuncios que a continuación indicamos:

José Fernández Iglesias. (24 años de edad) — Ayala, 91 bajo B — Madrid.

Gregorio García Prieto (24 años de edad) — Torrecilla del Leal, 14 — Madrid.

Desearían mantener correspondencia con jóvenes brasileños de ambos sexos. Rogándole nos perdone por este atrevimiento y por las molestias que suponemos ha de causarle nuestra carta, como asimismo dándole las gracias por la acogida que de antemano no dudamos dispensará a nuestra petición, quedamos de Vd. attos. ss. ss.»

● S. José dos Campos, 17 de março de 1953 — REVISTA DA SEMANA — Rio.

Muito oportuna e útil a iniciativa dessa Revista, de publicar reminiscências de 50 anos atrás, um dos mais apreciados tópicos dessa tradicional publicação. Aqui em S. José temos o sr. Joaquim Figueira de Andrade, agente comercial do «Estado de São Paulo», o qual não rasga papéis velhos... Tudo o que seja interessante, é por êle guardado carinhosamente. E entre os seus preciosos documentos, há números dessa Revista, muitos dêles dos tempos em que ela introduzia no Brasil o sistema de clicherie, então uma grande novidade.

Bem, bem, vamos ao que interessa. O sr. Joaquim possui em sua coleção o número de 24 de maio de 1903, o mesmo que publica a fls. 592, n. 158, um clichê dos empregados no comércio de S. José dos Campos. São dez pessoas, «brotinhos» daquela época, posando de colarinho alto, colête e ar compenetrado. O do centro, de pé, é o sr. Figueira, nos seus risonhos 19 anos. A maioria dos rapazes se fêz homem, e de empregado passou a comerciante, 7 faleceram e três sobreviventes ainda podem ser encontrados em S. José.

O sr. Figueira gostaria que, na recordação relativa a essa semana, fôsse feita uma menção ao caso. Se fôr possível. Para maior clareza, acrescento que na página seguinte há uma resenha de teatro, com a fotografia da atriz Palmyra Bastos.

Sendo o que me oferece o momento, firmo-me, grato — **Altino Bondosan** (Correspondente do «Estado»).

ARABELLE a última sereia



Um cardume de peixes chefiados pelo espadarte guiaram Arabelle até ao local onde estava o barco naufragado, muito conhecido de todos os habitantes do mar.



Quando Arabelle avistou a caravela ficou muito emocionada. Estava ela quase intacta, apresentando um rombo na proa, causa de seu afundamento, e que custou a vida do capitão e dos seus.



De surprêsa em surprêsa, a Sereia penetra no barco. Acaricia as pesadas portas de madeira de lei, esculpidas com muito gôsto e se deslumbra ao ver diante diante de si as arcas cheias de ouro, jóias e coisas raras.



Arabelle remexe no conteúdo de uma daquelas arcas e verifica que está cheia de sêdas, veludos e diamantes belíssimos, a faiscar sob as águas.



Não pode resistir ao desejo de dar as boas novas, e volta para mostrar a Flor Azul e a Pedro uma pequena amostra: preciosa gema.



Mostra a ambos, logo que chega à praia, o que havia lá no barco. Pedro não tinha dúvida nenhuma. Flor Azul é que quase desmaia de surprêsa.



Estavam entretidos e por isso não viram um estranho que os vigiava, oculto nas pedras, fugindo a seguir. Mas Kouki viu e, como sempre, agiu.



Kouki segue o espião até a uma taberna localizada próximo de onde estavam, e fica sob a mesa onde o traidor se senta e conta aos comparsas o achado de Arabelle.



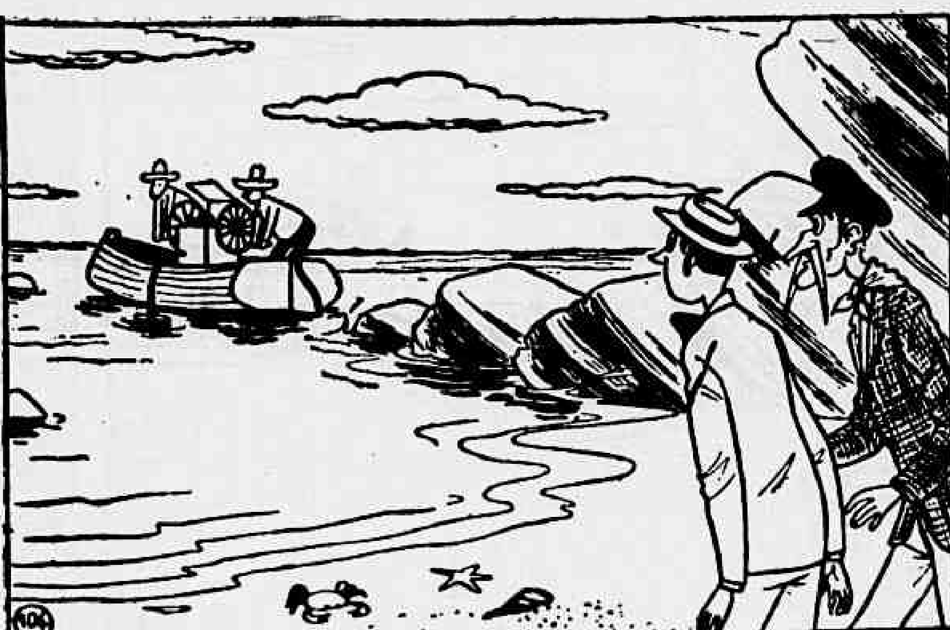
A notícia chega aos ouvidos da garçonete, que transmite ao patrão. Minutos depois tôda a povoação sabe do caso e se agita.



Ignorando o que se passa, Arabelle combina com os amigos um plano para trazer o tesouro, no mínimo de tempo.



Arabelle volta ao barco naufragado, que continua sob a guarda dos peixes. Enche um vaso de pérolas, quando nota que um escafandrista se aproxima...



Súbito, Pedro e Flor Azul vêem, estupefactos, que o segrêdo estava descoberto. Um bote equipado com petrechos de escafandrismo estava agindo, em busca do tesouro. Quem teria divulgado o que sòmente êles e Arabelle sabiam? Mistério!...



Flor Azul ficou nervoso. Deve estar lá, no fundo do mar, um escafandrista. Como fazer a fim de prevenir Arabelle e livrá-la dêste perigo?



Arabelle, que era precavida, já se havia ocultado no desvão da caravela, e esperou o intruso, que se aproximava, de olhos bem abertos, sôbre o porão do navio cheio de arcas repletas de riquezas.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

A recepção depois do casamento

Vestido de noiva em «faille» branco, com original decote armado, arrematado com fina guipure. Mangas três quartos, punhos em ponta. Do pequeno turbante parte um vèuzinho que apenas cobre os ombros. «Bouquet» clássico confeccionado com flôres de laranjeira.

A recepção que seguirá seu casamento, será o primeiro ato social que você desempenhará em sua nova posição. No momento em que você e seu noivo recebem os cumprimentos estão desempenhando o novo papel de esposos, diante de seus amigos e parentes. Se planejou um casamento cerimonioso ou formal, seguido de uma recepção tradicional, pense nessa reunião como numa festa e tente torná-la acolhedora e alegre, tanto quanto possível. Indague (consultando sua família e a do noivo) sôbre as tradições e símbolos apropriados à ocasião, e ponha-os em prática, ainda que dê a alguns um cunho pessoal e diferente.

● O bôlo de casamento ocupará, naturalmente, o lugar de honra na mesa enfeitada e cheia de comedorias. Você e seu marido cortarão juntos a primeira fatia e a deixarão reservada, de lado, conforme é de praxe. Depois você cortará uma segunda fatia que será servida aos pais do noivo, significando o estabelecimento de novas relações de família. Os europeus têm um costume interessante que você poderá adotar, se quiser. E' o da «taça de casamento», de prata, com duas alças, na qual o par de noivos bebe junto. A taça leva gravados os nomes dos esposos e o lugar e data do casamento. Poderá ser essa taça o início de uma tradição de família que se prolongará por gerações e gerações. Cada novo casamento em que servir serão acrescentados os nomes e as datas referentes ao novo par. Se não tiver a taça de prata, você e seu noivo poderão beber em duas taças de vidro ou cristal, amarradas juntas com uma fita de cetim branco, brindando-se recìprocamente e desejando-se felicidades. E' êsse um costume encantador que dá maior significação à ocasião.

★

O brinde aos noivos deverá ser feito por alguém que tenha jeito para isso. Será apropriado, espontâneo, sincero. Usualmente compete ao padrinho êsse papel, mas poderá ser passado a um velho amigo da família ou a um parente de idade. O brinde se estenderá a todos os parentes dos nubentes e também aos convidados. Quer a recepção seja íntima, quer tenha maior número de convidados, deve haver um pouco de música, que pode ser providenciada com uma vitrola e discos. Se tiver um piano alguns de seus amigos se incumbirão de tocar, revezadamente. De qualquer forma será quase em surdina, como um «fundo». A música pode ser dosada de maneira a dar mais ênfase a certos momentos solenes e significativos, como a entrada da noiva e do noivo, o cortar do bôlo, etc. Se houver dança, a primeira será reservada ùnicamente aos recém-casados, mesmo que a festa seja muito íntima e inclua poucos parentes e amigos. Essa é uma tradição bonita que deve ser respeitada. E' a primeira dança do casal como marido e mulher. A seguir, a noiva dançará com o pai. A terceira dança é reservada ao pai do noivo e a quarta ao padrinho. O noivo, por sua vez, deverá dançar com as duas mães e com tôdas as «demoiselles» que acompanharam a noiva.

★

Se o orçamento permitir, contrate um fotógrafo para tirar instantâneos da recepção (além da cerimônia na igreja). Êle focalizará os momentos mais significativos e fará grupos especiais dos convidados, como: os tios dos noivos, os irmãos dos noivos, etc. Terá um álbum que lhe recordará sempre essas horas felizes e festivas. Será interessante que bata também umas fotografias dos presentes que recebeu, o que poderá ser feito antes do casamento, enquanto aguarda a hora de ir para a igreja. Converse com os convidados, atenda a todos com atenção, mas não se esqueça de que êles desejarão ficar até vê-la sair. Não prolongue demasiadamente êsse momento. Jogue o buquê para as moças solteiras, pois acredita-se que aquela que o apanhar se casará antes de um ano. Lembre-se, ao partir, de agradecer a seus pais de todo coração e de ter para êles algumas palavras especiais de despedida. Êles sempre se lembrarão dessa demonstração de atenção e de amor filial. Demonstre o seu reconhecimento por terem tornado mais encantadora a ocasião mais feliz de sua vida.

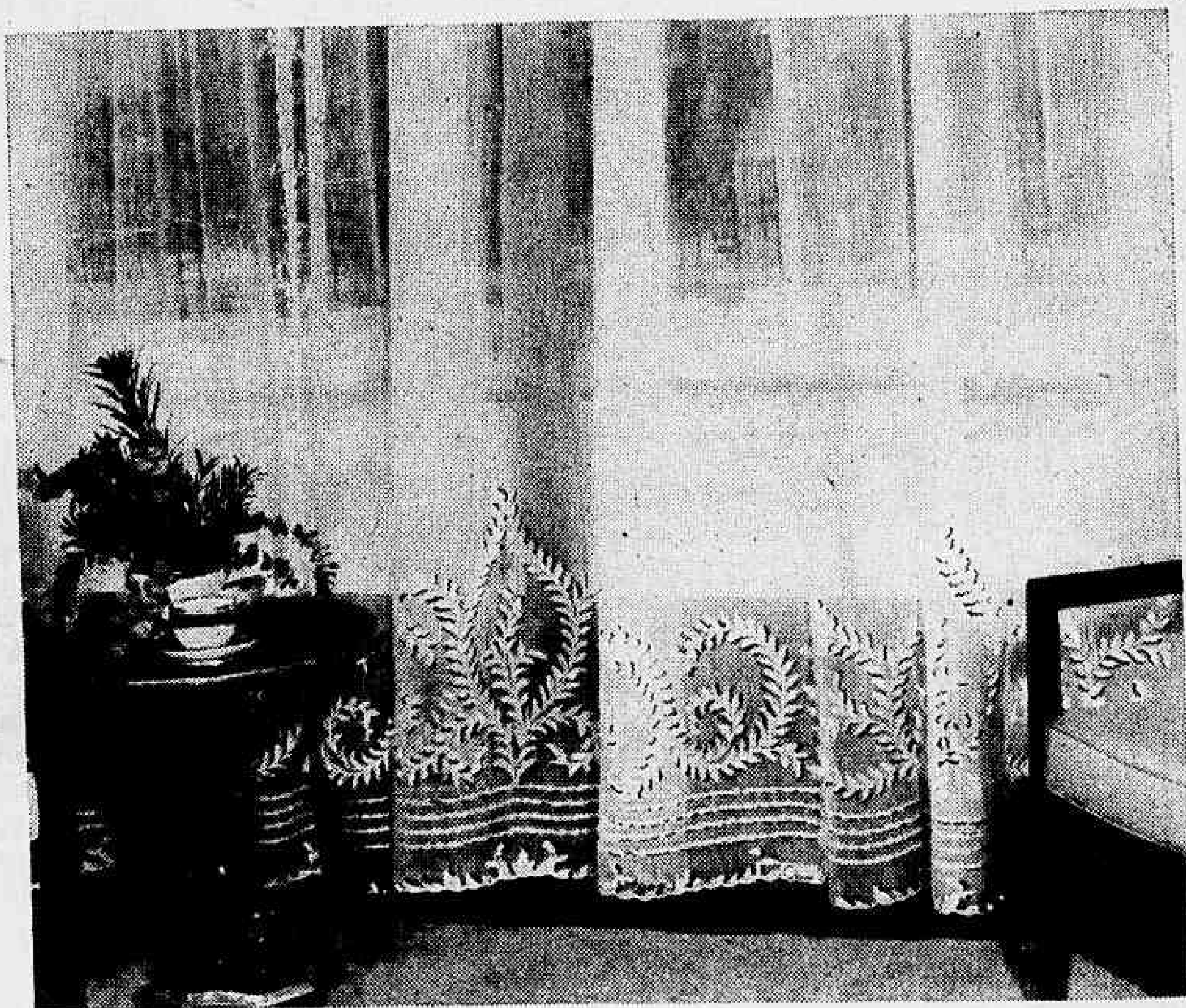
● No «hall» ou na varanda, por onde sair, deverá haver cestinhas ou saquinhos cheios de arroz ou de pétalas de rosas, enfeitados com laços de fita de cetim. Seus amigos poderão, assim, desejar aos dois felicidades e uma família grande (o arroz é símbolo de fecundidade) enquanto descem as escadas ou tomam o elevador para atingirem o carro que os levará... para o futuro! — (L. J.)

★ ★ ★ ★ ★ ★ *Sugestões para o lar* ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

VOCÊ ESTÁ com seu enxoval quase pronto. Escolheu para seu uso pessoal roupas que a embelezam, que a tornam mais feminina e que a farão mais atraente aos olhos de seu futuro marido. Mandou confeccionar ou fêz você mesma, em horas de labor paciente, colchas, toalhas de mesa e lençóis, todos êles bordados delicadamente. Foram horas de trabalho cheias de felicidade as que você passou organizando o seu enxoval. Enquanto passavam, você construía, minuto por minuto, «ponto por ponto», uma parte importante de seu futuro: o seu lar, acolhedor e cheio de sua personalidade.

● Há tanta coisa ainda na sua futura casa em que poderá fazer sentir a nota de seu bom-gôsto! Na escolha do mobiliário (moderno de linhas definidas, se é uma jovem do século XX; clássico, em estilo trabalhado, se é uma moça romântica apegada às tradições); na arrumação dos móveis, na colocação de cortinados e tapêtes; na seleção e disposição de quadros e gravuras... E para o seu quarto de casada? Certamente para êle preparou algo muito especial, detalhes escolhidos com amor. Nêle você viverá os momentos de maior intimidade da vida matrimonial. Ornamentá-lo com uma dose extra de atenção e bom-gôsto não é um capricho, mas uma demonstração, a seu futuro marido, de quanto o ama, por querer que viva rodeado de coisas belas.

● Você já tem uma colcha linda, tôda bordada a branco com fôrro de côr. Já escolheu a mobília e o tapête do quarto. Já pensou até nos quadros de flores que ornamentarão a parede. Mas a última novidade é incluir no enxoval uma cortina bordada para o quarto do casal. Será de preferência branca ou em côres muito claras e sempre em tecidos vaporosos. — L. J.



Eis uma cortina realmente linda para o seu quarto de casada. Em organza suiça, branca, tem aplicações em forma de fôlhas. Pode ser feita a máquina, com ponto cheio, e ficará tão encantadora como se fôsse bordada a mão. A novidade de incluir cortinas nos enxovais foi lançada pela primeira vez em Nova York por Lord and Taylor.

FAILLE e ORGANDI SUISSO



Modêlo de meio comprimento, atualmente muito em moda, em organdi suiço, foi apresentado no desfile de noivas de Oppenheim Collins. Notem as luvas acima dos cotovelos e o apanhado que contorna o decote. Véu curto clássico, juvenil e gracioso.



A distinção dêste modêlo de Dior, reside na extrema simplicidade de suas linhas. E' uma criação clássica, de mangas compridas e botões na frente. Grinalda tradicional, de flores de laranjeira. Véu de tulle no comprimento da cauda do vestido.



Uma estola em voile negro, de sêda pura, completa êste maravilhoso vestido de meia cerimônia, inteiramente confeccionado com renda branca. Fôrro de tafetá armado na saia. Na cintura cravos negros.



Belos vestidos em chiffon bege com o corpo recoberto por fina renda de Veneza. Os desenhos da renda são acentuados por bordados com pequenas pérolas. Luvas da mesma renda. Modêlo de Benham.

Madrinhas e acompanhantes



A blusa originalmente drapeada e o bordado com pedras coloridas, fantasia na pala que forma a cintura, tornam êste modêlo elegantíssimo. A saia tem pregas generosas. Criação de Carlyle, em faille mostarda.



Elegante modêlo de Jacques Fath, em cetim cinza. O feitio do corpete, transpassado é original e bem diferente dos modelos em voga. Saia rodada, armada por uma anágua estola no mesmo tecido com franjas de sêda.





Túnica em shantung de sêda, azul pálido, sôbre uma saia em sêd negra muito justa. Chapéu grande, negro. Uma orientação de Robert Piguet, apresentada em sua última coleção, recentemente

Elegante modêlo em cetim cinza chumbo, com drapeados na [illegible]. Notem a blusa, formando duas pétalas em ponta que emolduram o decote. Chapéu rosa pálido em veludo. Luvas e sapatos negros.



Um luxuoso conjunto para a noite, apresentado por Pierre Balmain: saia em pique branco, de sêda, acompanhado de uma blusa em tul-le inteiramente bordado com ponto cheio, e aplicado com renda e miçangas coloridas, em diversas tonalidades de 'azul.



COMPLEMENTOS

As blusas de Maggy Ruff estão se tornando cada dia mais célebres devido as linhas ousadas de suas concepções. Este modêlo em organza branca, é de alta elegância. Corpo e babados das mangas, bordados. Usa-se com uma saia de shantung de sêda, negro.



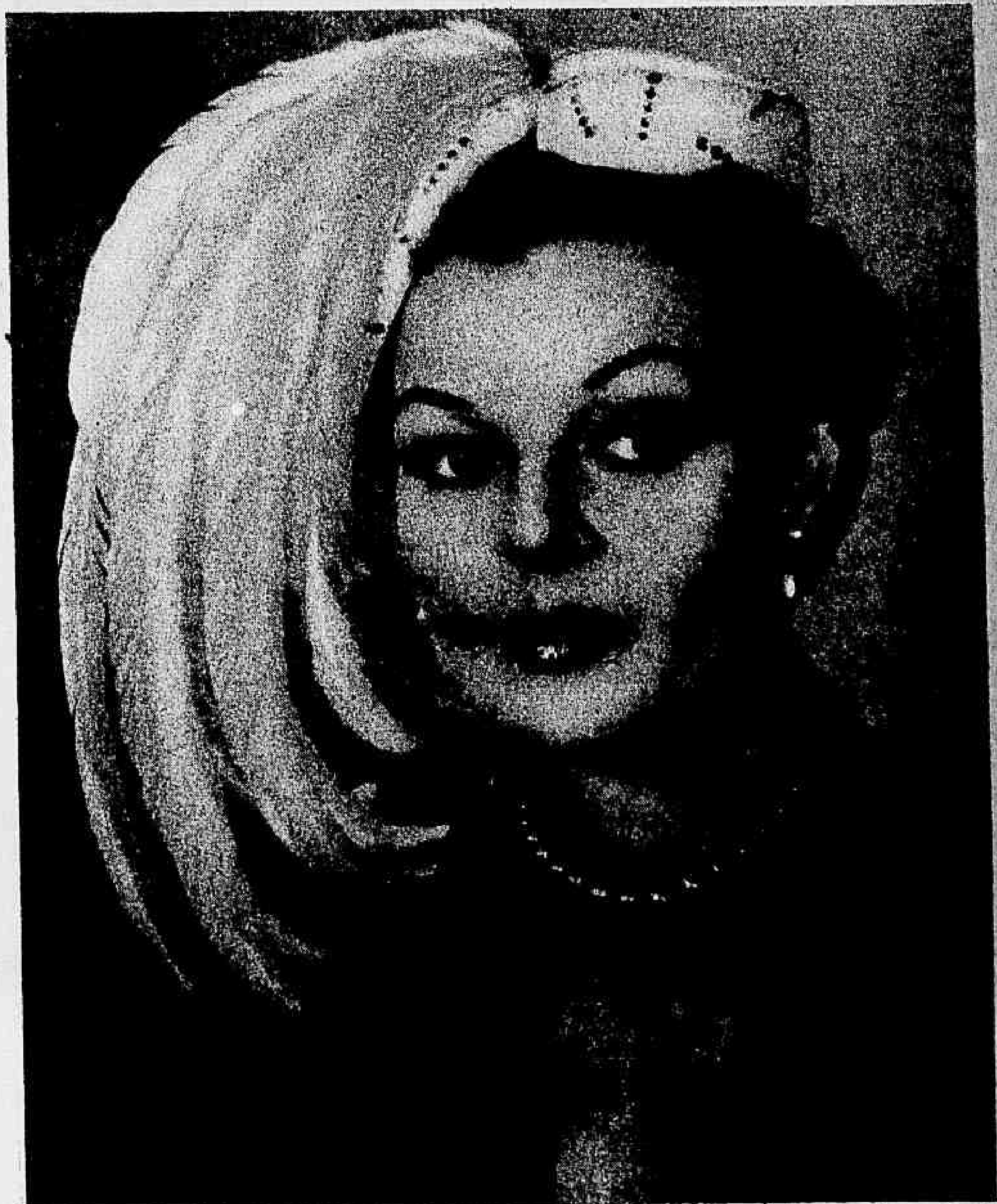
E' muito distinto e vistoso êsse modêlo de chapéu todo coberto com penas. Ideal para ser usado como complemento de um vestido negro ou marinho. Criação do famoso chapeleiro Jack McConnell.



Chapéu, bolsa e luvas em "grosgrain" negro, com pastilhas brancas, constituem complemento muito elegante para um vestido negro de linhas simples. — Sugestão de Saks Fifth Avenue.



Gracioso e original solidéu de veludo púrpura no feitio de pétalas superpostas franzidas atrás. Do franzido parte um laço, do mesmo veludo, com duas pontas caídas. Modêlo de Jay Thorpe.



Um pequeno toque em veludo branco, bordado com pedras brilhantes, de tamanhos decrescentes. Bonitas penas enfeitam êste belo modêlo de um lado. — Criação de Jack McConnell.

LINGERIE







Camisola em chiffon rosa e negligé em chiffon azul pálido. O negligé tem a pala e as mangas bordadas em rosa ou marfim, combinando com a côr da camisola. Idealizado por Carter e apresentado no desfile para enxovais das noivas de 1953.

←

Um negligé muito elegante, em jersei fino, de sêda, com uma saia muito rodada. Mangas simples, franzidas no cotovelo, na cintura uma faixa drapeada, abotoada com pequeninos botões cobertos. Criação de Colura, Nova York, para as noivas de maio.

→

Modêlo encantador em algodão "cloqué" e tulle de algodão. E' muito prático para os dias quentes. A pala, em tulle e recortada por entremeios de renda e arrematada com babado franzido. Criação de Dora Gottlieb, para enriquecer o seu enxoval.

WEEK-END na COZINHA



BOLAS DE NEVE

Se vai servir sorvete em sua festa de casamento, aproveite esta sugestão, que é muito própria para a festividade. As bolas de sorvete são passadas em côco ralado, o que lhes dá uma aparência que muito combina com o bôlo de noiva.

INGREDIENTES

- 1 xícara de açúcar
- 1/4 de xícara de maizena
- 1 pitada de sal
- 2 colheres das de chá de suco de limão
- 1 litro de sorvete de creme
- 1 xícara de côco ralado
- 5 xícaras de abacaxi em calda.

MANEIRA DE FAZER

1. Escorra o abacaxi e reserve a calda. Acrescente-lhe mais água, se fôr preciso, para completar 2 xícaras.

2. Misture o açúcar, a maizena e o sal, numa panela. Junte a calda de abacaxi, gradualmente, mexendo constantemente. Deixe cozinhar em fogo brando até que a mistura fique grossa e clara. Acrescente o suco de limão e o abacaxi, cortado em pedacinhos regulares. Ponha na geladeira.

Logo antes de servir forme bolas com o sorvete e passe no côco ralado. Ponha em taças individuais (3 cebolas para cada convidado) e sirva com o caldo.

A receita foi calculada para 8 pessoas. Faça 3 ou 4 vêzes mais, se fôr preciso.

Ponche tradicional para o casamento

A receita para o ponche que vai servir aos convidados na festa de seu casamento, naturalmente poderá variar. Mas esta que hoje apresentamos tem a vantagem de ser tradicional, data dos tempos de nossos antepassados. Pode-se fazer o brinde à noiva com o ponche em vez de se usar champagne. Aliás, antigamente era assim, pois o ponche simbolisa a boa amizade que deverá reinar entre o casal e as suas duas famílias.

INGREDIENTES (para servir 30 convidados)

- 1/2 abacaxi
- 3/4 de xícara de calda de açúcar
- 1 xícara de caldo de limão
- 1 1/2 xícara de caldo de abacaxi
- 1 1/2 garrafa de rum (tipo rum do Pôrto Rico)
- 2 litros de água gasosa.
- 1 litro de morangos, cortados em fatias.

MANEIRA DE FAZER

1. Corte e pique o abacaxi. Coloque-o numa tijela grande juntamente com o caldo de açúcar (prepare-a com: 1 xícara de açúcar, 1/2 xícara d'água — ferva por poucos minutos, e deixe esfria).

2. Junte o suco de limão, e de abacaxi, e o rum (de preferência rum claro). Ponha na geladeira, no mínimo por 2 minutos.

3. Na hora de servir ponha na poncheira, que deve já ter um grande bloco de gêlo. Acrescente a água gasosa e os morangos, cortados em rodelas.

Enfeite com um raminho de flores de laranjeira, colocado por cima do bloco de gêlo, que ficará boiando.

CONSELHOS ÚTEIS

QUANDO ENCOMENDAR ou fizer o seu bôlo de noiva, procure um estilo que não desmorone logo ao partir o primeiro pedaço. Escolha de preferência um formato em degraus, que podem ser cortados sucessivamente, sem desmanchar a decoração do bôlo.

●

EM MUITOS casamentos o bôlo de noiva permanece quase intacto, porque quem o encomendou fêz mais questão de aparência do que da qualidade. E' muito melhor escolher um bôlo mais gostoso, ainda que mais simples, para que seja mais apreciado.

●

PREPARE ALGUNS pratinhos de doces com "surprêsas" para divertir seus amigos e parentes. Uma boa idéia é a de docinhos embrulhados em papéis onde se escreveu uma quadrinha ou um pensamento sôbre o amor ou sôbre o futuro.

●

EM ALGUMAS FAMÍLIAS é costume distribuir a cada convidado, uma cestinha com confeitos que se levam para casa ao sair. A distribuição é feita pela mãe e pelas irmãs da noiva ao se despedirem. As cestinhas serão enfeitadas com laços de fita de cetim ou tulle.

O jumento, um dos heróis, comendo «Coroa de Frade», seu alimento predileto na estiagem. Pela imensa quantidade de espinhos, lembra uma almofada de rendeira.



Para salvar o gado, nos confins do sertão bruto, o homem queima espinhos do amanhecer ao anoitecer. O xique-xique, como a palma, tem 95 % de humidade



A coivara foi preparada e o sertanejo assobia, chamando pelo vento, para fazer o fogo. As labaredas destroem os espinhos e o gado tem comida à bessa...

Comida de Bicho!

(CONTINUAÇÃ)

cana, do capim fenado ou do cercado de pasto, guardado para o verão, representa um grande recurso para a pecuária.

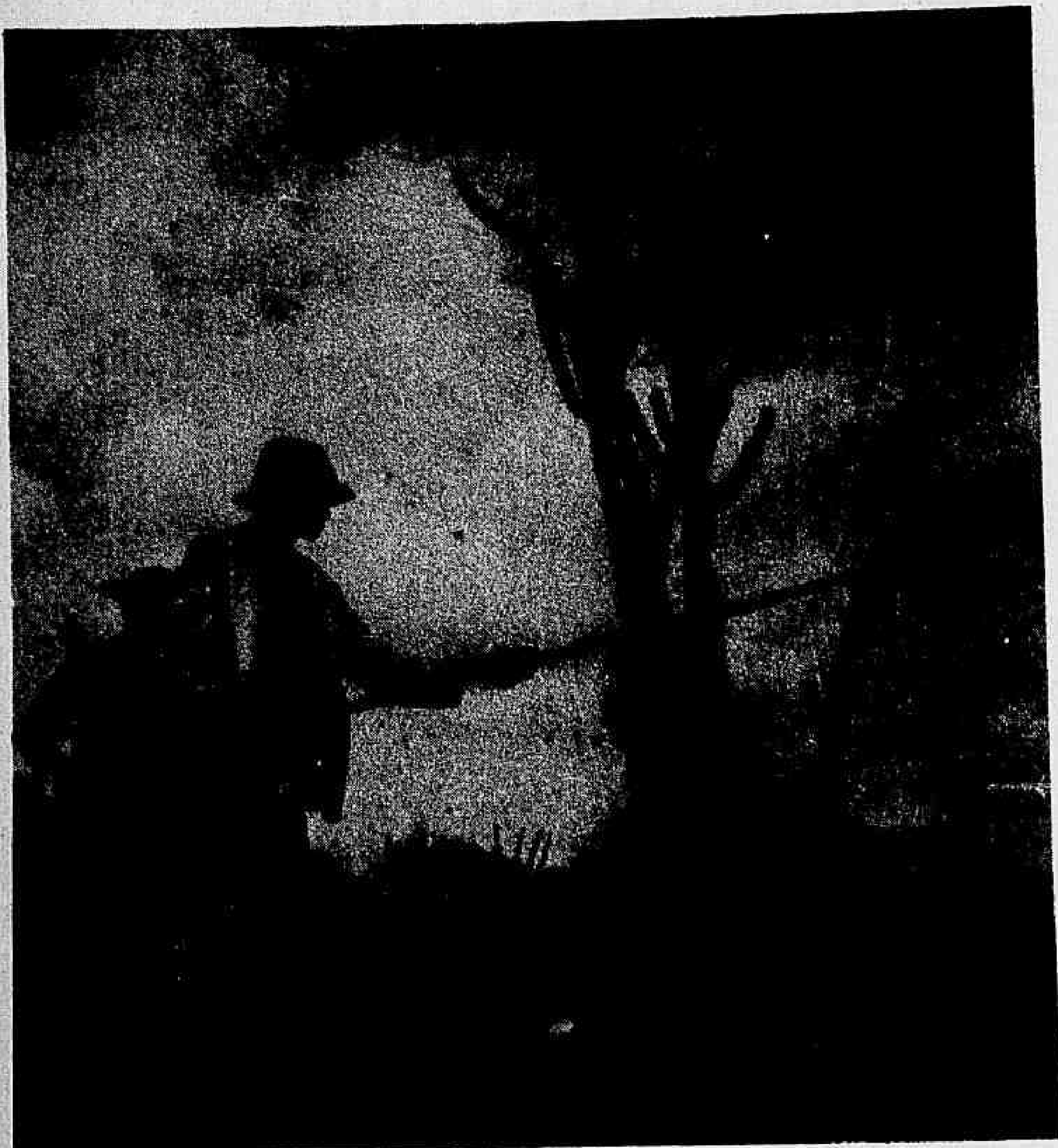
Nas caatingas é hábito do criador alimentar seu gado com palma picada, xique-xique, mandacaru e macambira queimados, porém a melhor ração é aquela composta destas forragens brabas, mais torta de algodão e um feno.

A «BEBIDA»

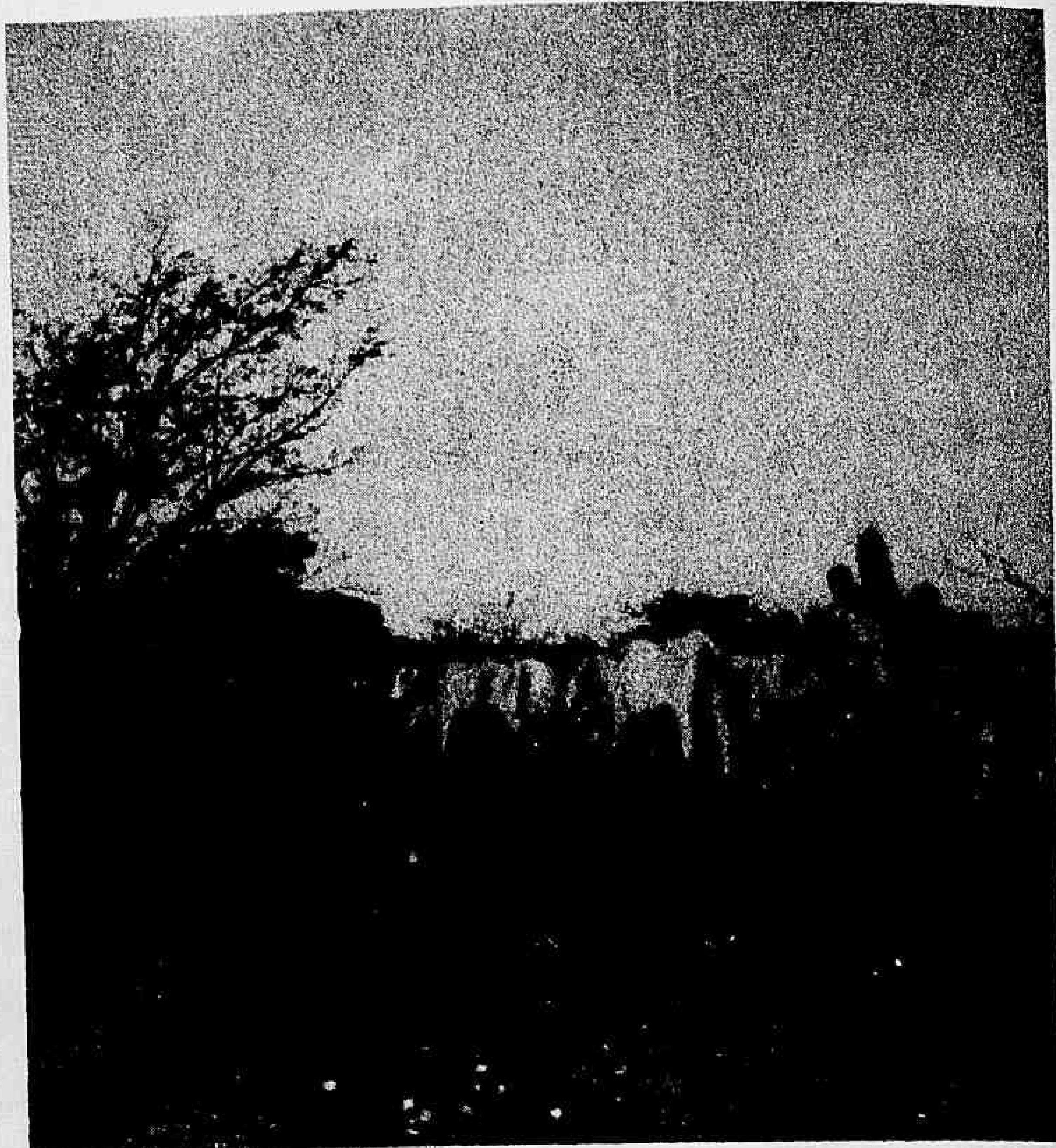
Na terra que armazena milhões e milhões de metros cúbicos d'água, com uma irrisória rêde de canais de irrigação, o homem luta desesperadamente para conseguir o líquido essencial à vida. Longe das várzeas, às margens das estradas, geralmente, construídas em terrenos secos, a corrida em busca da água é um trabalho penoso. Certos detalhes, como o «couro de arrasta», lembram passagens bíblicas. O boi, mais uma vez, volta a colaborar com o homem, sem o velho carro de rodas de madeira cantado por Nunes Weyne:

«Passa cantando pelas estradas,
Em noites claras, nas madrugadas,
Carro de boi do meu sertão!...
Sempre cantando, na mesma calma,
Que até pareces, assim, ter alma,
Que até pareces ter coração».

Acontece que o carro de boi não canta mais. As rodas, afora, são de borracha, montadas sob enrolamentos metálicos. Um par de pneus usados é vendido por mil cruzeiros e a viatura pode transportar de 1.500 a 1.800 quilos, contra 700 no antigo carro de boi de «tão avançado na idade e que o tempo ingrato esqueceu», como disse um outro vate. Na luta pela água nos roçados, na região semi-árida, os meios de vida são precários. Falta tudo. Encontra-se, com dificuldade, um carrinho de mão para o transporte de areia, o que leva o homem a utilizar processos da «Era da Pedra», como o «couro do arrasto», na abertura de uma «bebida» ou «cacimba de gado». Trata-se do mais primitivo dos bebedouros, já mencionado em crônicas antigas, no início do século XVII, época áurea das bandeiras. Cava-se o chão e a areia, por falta de outro meio de condução, é colocada



O mandacaru, já sem espinhos, é dado ao animal faminto. A parte externa é como a carambola. Poder nutritivo: zero. Umidade, 93 %. Mas serve de bucha



A coivara está pronta para ser acesa. Mandacaru e xique-xique cobrem os gravetos. Geralmente o gado come mandacaru e xique-xique na mesma refeição

sôbre um couro puxado por uma junta de bois. Os animais, pacientemente, andam uns 15 metros e voltam. Na curva, o atêrro cai. A operação é repetida cem ou duzentas vêzes, um, dois, três dias de trabalho. Finalmente, no fundo do poço, surge a água. Para protegê-lo e a fim de evitar desabamento de terra, fazem uma tosca cêrca de galhos de árvores. Chamam a isto, um bebedouro com dois lados, de «João Ferreira». E a proteção serve também para que os bichos não contaminem muito a água.

De um modo geral, às margens do rio, encontra-se a água com dois metros de profundidade. Em certos casos, entretanto, o líquido só vem à tona com seis metros.

OÁSIS NO DESERTO

Na próxima reportagem, a última de uma série de cinco, falaremos sôbre os oásis no Polígono da Sêca, com suas admiráveis culturas, a ponto do repolho produzir 30 toneladas por hectare. E' o milagre da moderna técnica da engenharia, à base da irrigação, tão combatida pelos sertanejos apegados à lavoura matuta.

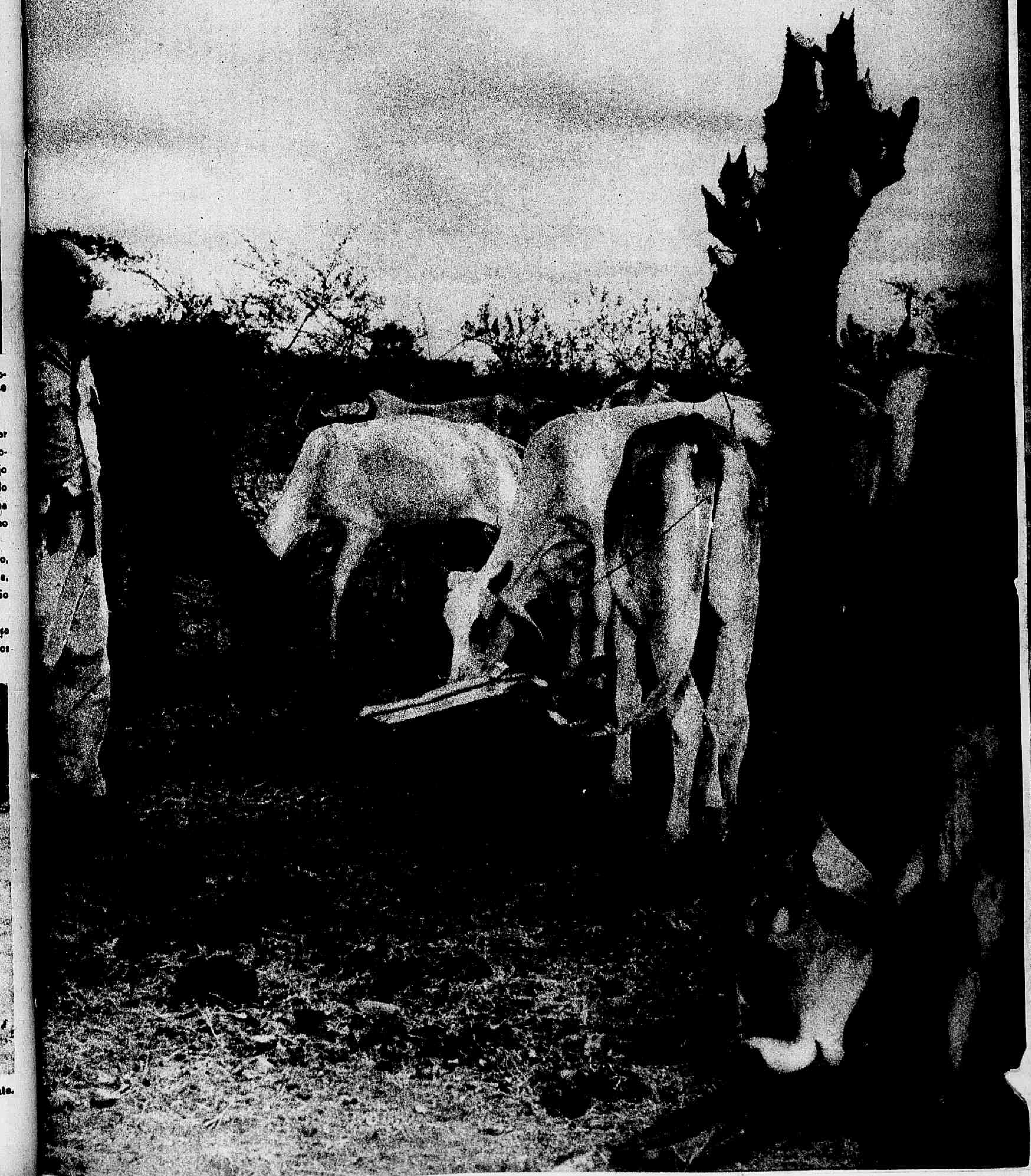
E' assim que o homem consegue água para matar a sêde do gado. O drama pungente da sêca tem como teatro parte da região do rio São Francisco, cujo aproveitamento daria para irrigar as terras de todo o nordeste, numa extensão de 969.704 km2., com uma população de 12.652.624, 85% vivendo no Polígono das Sêcas.

O São Francisco não é um caso isolado. Lá estão, também, o Parnaíba e o Tocantins, jogando, por dia, milhões de metros cúbicos de água ao mar, para não falar do abandonado Amazonas.

Até quando continuará a imprevidência criminosa dos poderes públicos com relação aos sofrimentos do gentio humilde do nordeste?



Palma forrageira, cujo cultivo assume proporções gigantescas. Não tem espinhos e serve de alimentação ao gado, com vantagem de ser refrigerante.



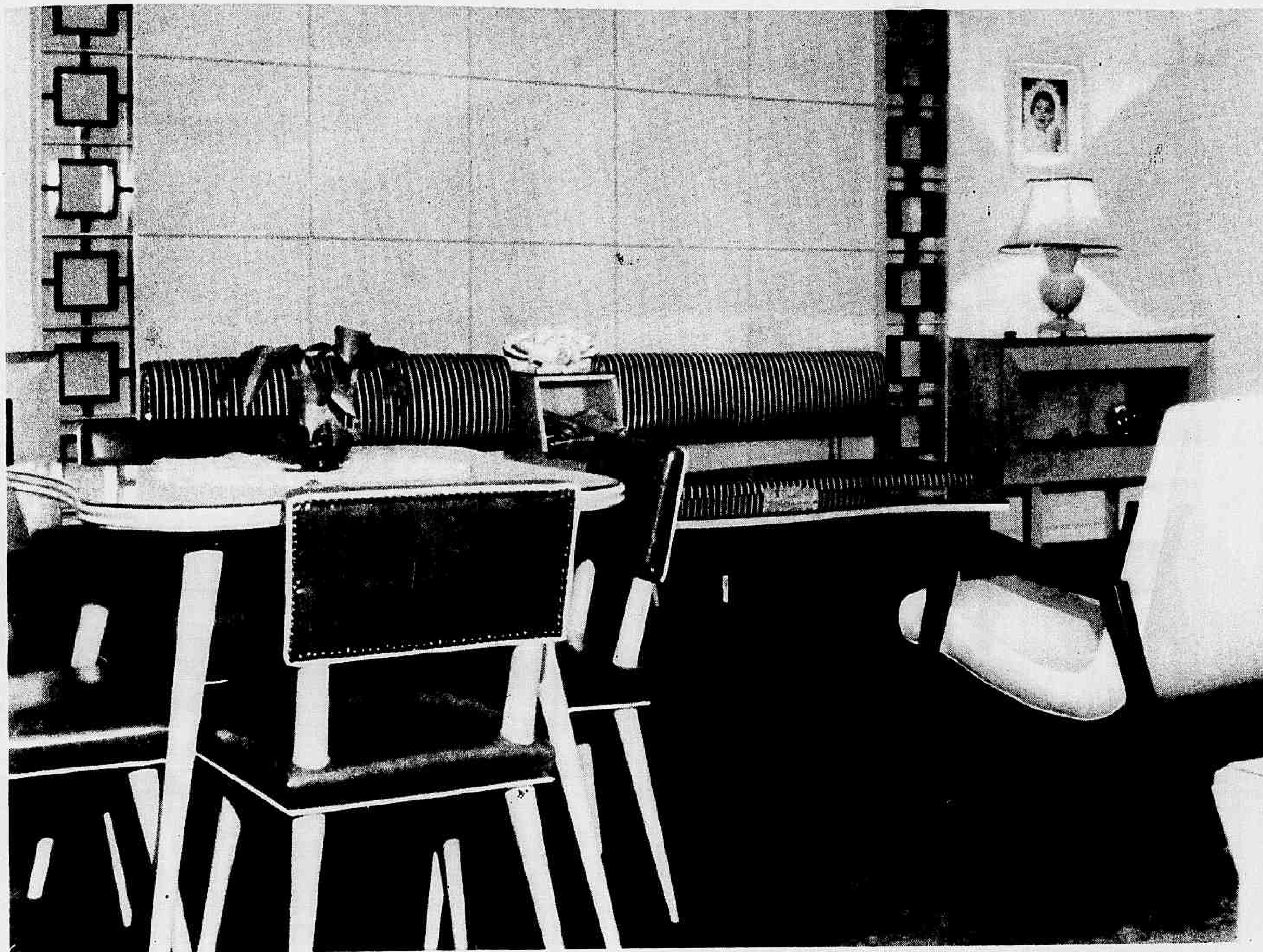
Eis o que ficou do pé de mandacaru, cujas hastes, depois de destruídos os espinhos, são devoradas pelo gado. O fazendeiro, de pé, contempla a ruína.

ÚLTIMO FLASH



ENQUANTO OS NORDESTINOS estão fugindo da sêca, morrendo de fome e sêde, na Amazônia registra-se, exatamente o oposto: os campos estão sofrendo terríveis inundações, com sérios prejuízos para a lavoura, e o gado está morrendo afogado. Há, por outro lado, sombrias perspectivas no vale amazônico com a possibilidade de uma enchente, que já se calcula será uma das maiores dos últimos anos. A safra da juta já está sentindo os efeitos da enchente. Milhares de cabeças de gado estão em perigo de vida, na Amazônia, em particular na Ilha de Marajó, onde foi colhida a foto que ilustra a nota. A confusão é geral, inclusive entre as próprias fôrças da natureza.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

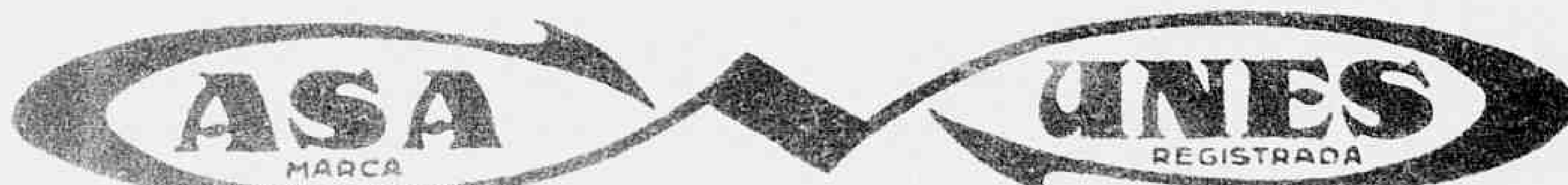
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Nada supera o prazer de fumar Hollywood



CIGARROS

hollywood

UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H.88.210